



TOM UFPR é uma publicação de periodicidade semestral dedicada à arte e à cultura produzida pela Coordenadoria de Cultura da Pró-Reitoria de Extensão e Cultura da Universidade Federal do Paraná.

UNIVERSIDADE FEDERAL DO PARANÁ

Reitor Ricardo Marcelo Fonseca

Vice-Reitora Graciela Inês Bolzón de Muniz

Pró-Reitor de Extensão e Cultura Leandro Franklin Gorsdorf

Coordenadora de Cultura Claudia Madruga Cunha

ISSN 2448-136X

EQUIPE TOM UFPR

Autor Corporativo Coordenadoria de Cultura da Pró Reitoria de Extensão e Cultura da Universidade Federal do Paraná
Endereço Travessa Alfredo Bufrem, 140 3ºAndar Centro
CEP 80020-040, Curitiba-PR
e-mail tomcadernodeensaios@ufpr.br

Telefone (41) 3310-2832

Editor Ronaldo de Oliveira Corrêa

Coordenação editorial Patricia Guilhem de Salles

Curadoria Alessandra de Freitas | Daniel Felice |

Jeniffer Albuquerque | Maria Gabriel | Viviane Pereira

Projeto gráfico Vanessa Diamante Rohden (bolsista) | Victor Uchoa

Notas dissonantes Laura Sferelli Fontoura | Ronaldo de Oliveira Corrêa

Colaboradores convidados Alexandre Zampier | Amanda Mello |
Amarilys Salomão | Ana Lúcia Borelli Canuto | Aleksandra Marcela
Piasecka-Till | Alessandra de Freitas | Bruna Becegatto | Bruna Pupatto
Ruano | Brunno Covello | Carla Cursino | Daniel Felice | Desireé dos Santos
| Elaine C. Schmitt Ragnini | Evelyn Cristine Pereira | Evry Bénédicte Oxa
| Perise | Gabriel Keddeh | Geisa Müller | Glaucia dos Santos Abreu | Graziela
| Lucchesi Rosa da Silva | Helen Pereira Sippel | Hugo Simões | Ivan Colling
| Jasmina Schmidt | Jeniffer Albuquerque | Jessica Skroch | Joana Schenatz
| Trautwein | João Arthur Pugsley Grahl | João Batista Barbosa Junior | José
| Antônio Peres Gediel | José Carlos Fernandes | Laura Sferelli Luana Lubke
| de Oliveira | Manuela Salazar | Maria Fernanda Mileski | Maria Gabriel |
| Marta Lópes Garcia | Mayssun Omari Osman | Mariana Provenzi | Milena
| Aíssa | Péricles Arthur Souza | Piotr Kalinowski | Rafaela Rasera | Sérgio
| Ricardo Santos Lopes | Tatyana Friedrich | Tayane Lopes | Victória de

Revisão Rebeca Pinheiro Queluz

Periodicidade Semestral
Endereço eletrônico issuu.com/tom_ufpr

Foram feitos todos os esforços para identificar os proprietários de direitos autorais. Qualquer erro ou omissão acidental pedimos, por favor, que comunique a equipe do TOM UFPR para as devidas providências.









APRESENTAÇÃO

Identidades da diáspora: a diluição das fronteiras
 Alessandra de Freitas | Daniel Felice | Jeniffer
 Albuquerque | Maria Gabriel | Viviane Pereira

ERRÂNCIAS SONORAS

Música enquanto identidade e visibilidade — Péricles Arthur Souza

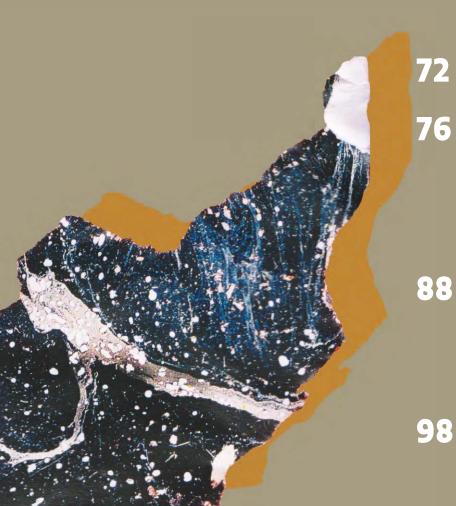
DAR O TOM

Colorir o quadro e a cidade — Alessandra de Freitas | Daniel Felice | Jeniffer Albuquerque | Maria Gabriel | Viviane Pereira

ERRÂNCIAS VISUAIS

Basica de Casa não foi nossa escolha — Brunno Covello;

SUMÁRIO



ERRÂNCIAS VERBAIS

Aquele que chega — José Carlos Fernandes;

Entre a saudade e a esperança:
deslocamentos e identidades na
perspectiva da Psicologia, da
Psicanálise e do Direito, no campo das
migrações e do refúgio — Elaine Cristina
Schmitt Ragnini | José Antônio Peres Gediel
| Tatyana Scheila Friedrich

Acolhimento e língua: a construção de uma política linguística na UFPR

— Bruna Pupatto Ruano | Sérgio Ricardo Santos Lopes

ERRÂNCIAS POÉTNICAS

Literatura de Refúgio — Alessandra de Freitas | Carla Cursino | João Arthur Pugsley Grahl | Viviane Pereira

ERRANCINHAS 156 Infância, migração e humanização - Amarilys Salomão | Ana Lúcia Borelli Canuto | Evelyn Cristine Pereira | Graziela Lucchesi Rosa da Silva | Joana Schenatz Trautwein | Luana Lubke de Oliveira | **ERRÂNCIAS AFETIVAS** Mayssun Omari Osman | Victória de Biassio Klepa Abertura - Maria Fernanda Mileski | 103 Manuela Salazar **NOTAS DISSONANTES Depoimento sobre PBMU** 188 Música e comida unem nações: no 105 Géssíca Medeiros bar do Berthony essa é uma verdade: Haitiano chegou ao Brasil e virou dono Notas Dissonantes Sobre o Seminário 191 de um bar, agora ele quer ser dono de - Migrantes, refugiados e apátridas: 3 restaurante – Maria Fernanda Mileski dias de muito conhecimento e troca de 1111 Bora comer? — Manuela Salazar experiências — Laura Sferelli 115 Das flores de iasmim se fez Yasmin: A **Depoimento sobre PBMU** união fez a força para a família síria - Anaceli Barbosa de Oliveira que criou no Brasil uma empresa que oferece culinária síria e conquista o **Notas Dissonantes Sobre o** paladar dos clientes brasileiros — 195 Voluntariado do PMUB - Programa Maria Fernanda Mileski Política Migratória e a Universidade O sabor das Montanhas 121 Brasileira – Laura Sferelli Manuela Salazar; **Depoimento sobre PBMU** Victória de Biassio Klepa 125 A liberdade é um prato que se come **quente –** Milena Aíssa | Tayane Lopes **Notas Dissonantes Sobre o PBMIH** 198 O coração da casa é a cozinha 128 - Aprender, acolher, ensinar e lessica Skroch transformar — Laura Sferelli Mais do que um país vizinho, nações 136 Design e Direitos Humanos: Cartazes irmãs — Milena Aíssa; Sobre Trânsitos Humanos Ronaldo Corrêa Sobre memórias, choques de culturas 142 e uma manhã inesquecível — Rafaela **POST SCRIPTUM 207** Aos Bem-Vindos — Amanda Melo Dança: ritmo, corpo e movimento 210 Sobre Ser Migrante – Amanda Melo João Batista Barbosa Junior;

PÁGINAS AMARELAS

Identidades da diáspora: a diluição das fronteiras

ESENTAÇÃ

Alessandra Freitas
Daniel Felice
Jeniffer Albuquerque
Maria Gabriel
Viviane Pereira

A migração tem e se faz com muitos rostos, muitas cores, tantos sabores e ritmos, tantas línguas e vozes. A migração é diversa. Tal uma rede tramada por raízes plurais, a migração é híbrida e, muitas vezes, anônima. Somos todos "irmãos migrantes", como na declaração do escritor martiquenho Patrick Chamoiseau: irmãos em direitos de viver, de ir e vir, de gozar a liberdade de ser.

Da invisibilidade individual surge uma rede comum: refugiados da guerra na Síria ou das guerras civis na África; exilados depois das catástrofes naturais do Haiti; migrantes latino-americanos expulsos de seu país pelo caos político e econômico. Opacidades que partilham a migração forçada e a esperança do refúgio. Não escolheram o Brasil, tampouco a língua portuguesa; muitos prefeririam não sair de seus países. Mas é nesse novo país, nessa nova língua que será preciso reconstruir e ressignificar suas identidades.

Esse número da Revista TOM, em parceria com o programa Política Migratória e Universidade Brasileira (PMUB), propõe olhar para a migração no contexto brasileiro do ponto de vista dos migrantes, tornando visível a invisibilidade cotidiana a que estão muitas vezes restritos e, além disso, fomentar uma discussão a partir de ações de acolhimento desenvolvidas por outros atores como professores, alunos de graduação e pósgraduação, pesquisadores e a comunidade do entorno. São suas vozes e rostos, seus textos e imagens que deverão contar e compor as histórias. Optamos pela pluralidade autoral, por entender que toda voz é importante, mas essa pluralidade não se perde no anonimato: autores de sua vida, todos os colaboradores são também autores do número.

As seções da revista são errâncias: feliz encontro com migrantes e refugiados, para quem a errância é constitutiva. Assumidas aqui como fundo e forma, as errâncias contarão as trajetórias de sírios, haitianos, venezuelanos, congoleses, brasileiros, entre outros que entenderam que os limites de fronteiras são criações arbitrárias e que a própria ideia de nação é um artifício.

Convidamos as leitoras e os leitores desse número a esquecer, ainda que momentaneamente, os artifícios e a calar todo binarismo que teima em separar o eu e o outro; mais que isso: convidamos todas e todos a partilhar de uma experiência sensorial de leitura, pois desejamos ler com os ouvidos, olhos, boca, sentimentos, memórias e emoções.

Dentro das **Errâncias Sonoras**, trazemos um cenário diverso que conta com músicas e ritmos representativos das comunidades migrantes e contribuições contemporâneas, que surgem a partir da miscigenação cultural. As contribuições acerca do cenário musical de diferentes países, como Haiti, Venezuela e Síria, feitas por Berthony Pierre, Daniel Felice, Elisée Succès, Ninoska Pottella, Myria Tokmaji, Abed Tokmaji e Lucia Loxca, foram compiladas por Péricles Arthur Souza, que assina o texto "Música enquanto identidade e visibilidade" e a playlist que embala a leitura.

No **Dar o TOM**, a pluralidade de vozes marca espaço na forma de depoimentos com diversos migrantes: suas línguas e vozes se fazem texto para responder às inquietações sobre identidade, migração e sonhos. Assinado pela Curadoria #7 TOM, "Colorir o quadro e a cidade" é nosso convite para migrantes estrangeiros e brasileiros a apreciar a riqueza do diverso.

As **Errâncias Visuais** trazem o ensaio fotográfico de Brunno Covello em diálogo com depoimentos de migrantes e refugiados, suas histórias individuais e familiares. Autor da obra **Rekòmanse**, o fotojornalista Brunno Covello tem contribuído, com seu olhar ao mesmo tempo sensível e preciso, para uma maior visibilidade de pessoas para quem a migração não foi uma escolha. Os depoimentos são de Arlette Handakatembo, Nabote Mwanafioti Inocent Moisés, Kettia Claude Marseille, Dimah Alosman, Marleny Torres Salcedo, Jean Michel Claude, Qusai Osman, Alfadieu St. Phort, Sara Bastidas Marquez.

As **Errâncias Verbais** fazem emergir as vozes dos atores que trabalham com o contexto migratório atual, a partir da perspectiva da práxis com os recentes movimentos de diáspora. Abrindo a seção, temos "Aquele que chega", de José Carlos Fernandes, jornalista e professor do curso de Comunicação Social - Jornalismo da UFPR. "Entre a saudade e a esperança: deslocamentos e identidades na perspectiva da Psicologia, da Psicanálise e do Direito, no campo das migrações e do refúgio" faz convergir as vozes dos professores Elaine Cristina Schmitt Ragnini, do curso de Psicologia; e Tatyana Scheila Friedrich e José Antonio Peres Gediel, do curso de Direito da UFPR. No artigo "Acolhimento e língua: a construção de uma política linguística na UFPR", Bruna Puppato Ruano e Sérgio Ricardo Santos Lopes retraçam um breve histórico da política de acolhimento linguístico no âmbito acadêmico e apontam para os novos desafios que se colocam.

Nas Errâncias Poétnicas, convidamos os leitores a ouvir o programa "Literatura de refúgio", que sai da cena física, da ocupação dos espaços da cidade, para ganhar as ondas do rádio. A conversa sobre a relação entre literatura e errâncias é pontuada pela leitura de textos de autores de diversas nacionalidades, no original e em tradução para o português, que abordam temas relacionados à migração, refúgio e hospitalidade. A apresentação do programa é de Carla Cursino; a produção de Alessandra de Freitas, Bruna Becegatto e Carla Cursino; participam do debate Hugo Simões e João Arthur Pugsley Grahl; as leituras foram realizadas por Aleksandra Piasecka-Till, Desirreé dos Santos, Evry Bénédicte Oxa Perise, Gabriel Keddeh, Geisa Mueller, Ivan Colling, Jasmina Schmidt, João Arthur Pugsley Grahl, Marta López García, Sergio Ricardos Santos Lopes e Victor Puchalski.

As Errâncias Afetivas expõem os aspectos culturais e identitários relacionados ao que surge das experiências sensoriais compartilhadas. E compartilhar significa, para nós, convidar cada leitor/a a tomar parte na descoberta de novos sabores, novos lugares: oferecemos um "Guia Gastronômico" muito especial, assinado por Maria Fernanda Mileski e Manuela Salazar, ilustrado por Helen Pereira Sippel e Mariana Provenzi. Nas "Receitas de Família", integrantes do Núcleo de Comunicação e Educação Popular (NCEP - UFPR) foram buscar as relações entre memória, identidade e sabores de diferentes

culturas. Os encontros são diálogos que vão além das palavras: as famílias de Fatimah e Joumah Alsabsabi, Abiola Sulaimon Yusuf, Guillermo Castillo e Harold Dumorne desvelaram uma intimidade que se traduz no ato mesmo de partilhar o pão. Os ritmos que embalam e compõem a multiplicidade dos tons são cantados por João Batista Barbosa Júnior no artigo "Dança – ritmo, corpo e movimento".

Nas **Errancinhas**, o espaço é destinado a pensar no futuro das migrações: à discussão do ser criança, que conta com as reflexões de profissionais que atuam diretamente com crianças migrantes, e muito especialmente com as produções das crianças. Pensando as relações entre teoria e prática, o artigo "Infância, migração e humanização" é assinado por Amarilys Salomão, Ana Lúcia Borelli Canuto, Evelyn Cristine Pereira, Graziela Lucchesi Rosa da Silva, Joana Schenatz Trautwein, Luana Lubke de Oliveira, Mayssun Omari Osman, Victória de Biassio Klepa; as ilustrações são de Lara, Nadia, Marx, Cadywan, Roldjina, Adam, Valentina, Gisele, Alessandra, Darly, Maysha e Magid.

O número "Andanças: travessias da migração e do refúgio" da Revista TOM convida assim a partilhar as errâncias: na diluição da autoria, mas também na visibilidade do caminhante, todas as vozes formam uma cartografia do refúgio, que se faz acolhimento. Por tudo isso, agradecemos a cada um que partilhou conosco sua voz, seu tempo, seu texto, sua língua, sua comida, seus sonhos, sua crença, sua história, sua memória, seu som, seu ritmo, seu abraço, seu sorriso, seu desenho, sua imagem, seu calor, seu ser.





[VENEZUELA]

- Canción Mansa Para Un Pueblo Bravo – Ali Primera
- 2. Caballo Viejo Simón Díaz
- 3. Pueblos Tristes Otilio Galindez
- 4. Tonada De Luna Llena Simón Díaz
- 5. Moliendo Café Hugo Blanco
- 6. Lloraras Oscar D'León
- 7. Mi Querencia Simón Díaz
- Juana Polinaria/Como Loco FuncheTambor Urbano
- 9. Macizón-Gangue (Cumaco)Community of La Sabana
- 10. Viva Venezuela Un Solo Pueblo

[HAITI]

- 11. Lanmou doudou Jackito
- 12. M'anvi Gate'w T-Vice
- 13. Tranble Roody Roodboy
- **14.** Kiyès ou ye J Perry
- 15. Mwen pou koʻm Kreyol La
- **16.** Janw Fè'm Santi'm Fantom
- 17. Pourquoi ? Jean Jean Roosevelt
- 18. Ti Mari Bèl Gazèl Bic Tizon Dife
- 19. Testaman Racine Mapou de Azor
- 20. Chiwawa-Raboday Raboday Lakay
- 21. Ma Rose Alan Cavé
- **22.** Ou pati Michael Benjamin
- 23. Vini'm pale w Black Parents

[SÍRIA]

- **24.** Mich Aam Tezbat Maii Nassif Zeytoun
- 25. Khanat el Zekrayat Assala Nasri
- **26.** Dulab Al Turath Ensemble
- **27.** Arayib (Houzam) Amer Ammouri
- **28.** Muwashah salla fina el lahtha hindiyya Rima Khcheich
- **29.** Qad "Fuq An-Nakhil" Al Turath Ensemble
- **30.** Ancient Ruins Issam Houshan

Música enquanto identidade e visibilidade

Péricles Arthur Souza

A música, assim como a cultura de um povo ou região, pode se relacionar diretamente com a identidade de uma pessoa ou grupo. Esta relação se fortalece quando o indivíduo faz parte de contextos multiculturais, longe do seu país ou grupo com o qual se identifique. Sobretudo quando entendemos a música como atividade profissional ou forma de expressão. Para os migrantes que chegam no Brasil e se deparam com uma diversidade sonora, é natural buscar ritmos ou estilos que se aproximem do seu contexto ou também apresentar os ritmos que lhes são familiares, ampliando tal diversidade e garantindo uma forma de reconhecimento.

Este é o caso dos haitianos Bethony Pierre, Daniel Felice e Elisée Succès, que atualmente residem em Curitiba e costumavam se apresentar em um grupo musical dedicado a unir aos ritmos do Brasil aqueles do seu país. Segundo eles, o Konpa é o ritmo mais popular do Haiti, com grande apelo para dançar e raízes na música afro-caribenha. Suas letras podem tratar de temas românticos ou festivos, mas em grande parte é a percussão que orienta as canções. Berthony, que já está há 6 anos no Brasil, e neste período também se apresentou em outras bandas, hoje continua a trabalhar com música de forma independente. Para ele, a grande surpresa e encanto, entre os ritmos brasileiros, foi o sertanejo. No início ele ainda não compreendia as letras que ouvia, mas entendia que existia paixão naquelas músicas. Com o passar do tempo, e o avanço no aprendizado do português, ele conseguiu entender melhor o envolvimento do público brasileiro com aquelas músicas. Seu projeto atualmente é unir o ritmo Konpa com o sertanejo, transformando em algo que chamou "Konpanejo", aproximando assim o Brasil e o Haiti, através da paixão pessoal que é a música.



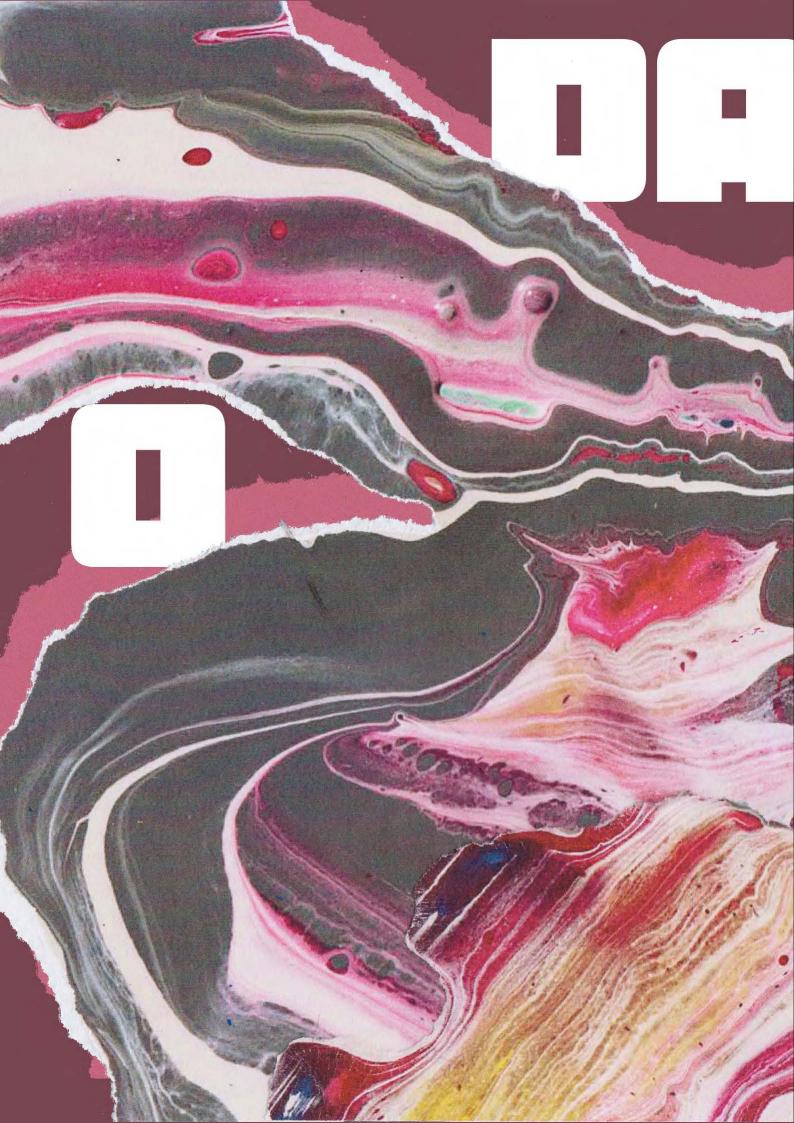
Outros ritmos que estão se manifestando são aqueles de origem venezuelana. Ninoska Pottella, que recentemente chegou no Brasil com sua família, encontrou na música uma forma de expressão e aproximação com o país. Através de apresentações locais, com seu Cuatro Venezuelano (instrumento originário do país), ela tem difundido a "orquídea", gênero de música folk venezuelana, fundada por Hugo Blanco. Através de convites para tocar em eventos e festivais, ela se apresenta levando canções populares e encanta o público brasileiro. Para ela, a música venezuelana traz consigo uma importante mensagem não apenas cultural, mas também social, através das letras e da história que as identificam. Seu filho, José Soto Pottella, também trabalha com música e se apresentava em uma banda de rock, Sinkreencias, no seu país, atualmente procura formar uma banda aqui no Brasil.

Outro grupo consolidado em Curitiba é o trio "Alma Síria", apresentando músicas em árabe e aramaico. Fazem parte do grupo Myria Tokmaji, Abed Tokmaji e Lucia Loxca, que utilizam antigos instrumentos característicos desta tradição, como o Qanun e o Al Oud. Aproximando o público da tradição de músicas ancestrais da cultura árabe, suas apresentações enaltecem a música como "transmissora e símbolo de comunidade cultural" (LUNDBERG, 2010).

Foram eles os colaboradores da nossa seleção de músicas que acompanha esta edição da revista. Entre os ritmos e elementos estão contempladas canções haitianas, venezuelanas e também algumas músicas de origem síria. Os entrevistados reconhecem que a importância e a representatividade da música, seja através de rádio ou apresentações locais, é uma forma eficaz de dialogar com aqueles recém-chegados e garantir a visibilidade para aqueles que já estão por aqui.

REFERÊNCIA

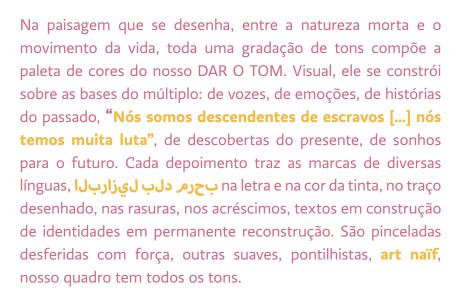
LUNDBERG, Dan (2010), "Música como marcador de identidade: individual vs. Coletiva", in CORTE-REAL, Maria de São José (org.). Revista Migrações – Número Temático Música e Migração, Outubro 2010, nº 7, Lisboa: ACIDI.





COLORIR O QUADRO E A CIDADE

Alessandra de Freitas
Daniel Felice
Jeniffer Albuquerque
Maria Gabriel
Viviane Pereira



"Foi aprendido para dar o melhor e mostrar o melhor nas pessoa e assim que eu entendi ser sírio, pensar em nós e não só eu". Nós damos o tom: plural sem apagar as marcas de identidade, diverso em cada individualidade, coletivo em que cada voz, cada traço importa. Nós colorimos o quadro e a cidade, transformamos os espaços e as pessoas, misturamos matizes criando cores novas, "Ser haitiano é a mistura de branco e preto". Na gradação entre o branco e o preto, uma miríade de novos tons para compor uma realidade mais rica porque multicor: "Para mim ser tem a ver com aquilo que eu trago de meu país, minha cultura argentina, minhas costumes que agora se misturam com as costumes curitibanas".



Fizemos três perguntas: o que é ser haitiano, sírio, ganês, congolês, argentino, colombiano, venezuelano, egípcio, nigeriano? "In Saudi Arabia life was beautiful"; "Ser venezuelano es sinonimo de orgullo, sinonimo de alegria y trabajo duro"; "An kon klizyon ayisien se yon nasyon brav e kourajez se sal vle di pou mwen". O que é ser migrante? "Ser migrante é saudade"; "Es doloroso porque no es algo ansiado, sino por necesidad". Quais são seus sonhos e planos para o futuro? "Quiero hablar fluidamente el idioma y ser un ciudadano capaz de retribuir todo a este país que tanto me a ayudado"; "Mwen kompale pòtigue apre pour mwen vini yon procès pou ale non univesite". "لثمرانات درو الالثمر نوكا نا ديرا".

O passado, as origens, a história de um povo, de uma identidade. O presente marcado pelo trânsito, pela migração forçada, mas também, pela descoberta de novas possibilidades de ser. O futuro começando a ser desenhado neste aqui e agora, no momento em que fazemos planos, desejando uma vida melhor.

Diante deste espectro, convidamos a conhecer, reconhecer, descobrir, no outro e em si mesmo, o eco dessas vozes, as ressonâncias presentes na palavra desenhada, marcada, pincelada, que exprimem os anseios, as desilusões, as projeções desses diversos pintores que nos oferecem, em obra de arte, o mais íntimo de seus sentimentos por essas travessias.





Der imigra Porque en est now conheço estou mor

A migração geralmente é uma coisa obrigatória. Eu acho que ninguem gosta de migrar (deixa casa, pais, pares amigos e também deixar os sonhos atras, e começar a mova s de novo no outro pais com outra língua e cultura. Síria

ser migrante: quamdo migramos por un pais diferente. en sion feriz porque en gosto de viaja pra Conhecer Caisas diferentese am differente. mas n'uma parte en ficon com sandade no Coração parque viver longe da familia é dificil:

H outi

Ser migrante é sa Sozimpeu não tem a nte pora min e' un pouco cum não posso palai minha linguas en longe dos meus amigos e porque muto bem as leis desse-pais em que ando. Possevelt

ou son Haitians

tes ida

ufo

Jomanns Jestin

Ser de migrante e muito forte, Coroginso de tudo.

Viver em outro Pars Como migrante mão é faicii,

pode ter toolo tipo de dificuldade:

Dificuldade de falar, de acostumar Com ritmo

desse país. Ser omigrante e por um objetivo, por

um problema que agente quer mudar.

Muitas vezes têm passos que olhom mos mal,

mas tem muita agente que clar mos muito

Carinho, agudar tanto. Os Migrantes ficam fortes,

mão param messa luta.

udade sor que eu migos também a famillia 20 COULE E SER
MIGRANITARE

Pari mim, eximission:

1-Rasac pulitice
rue civil, a viv
facil.

2-Roseir Societa
o pobreza subs
primis as meses
Nomen Caso, e
ameliorur n

JETAINE BRAZIL BALCOURT PARS Quil AdaN. NELE RESI DANCE MERCIBRAZIR HUBERT DUROC

être imigrant au be

fenimeno naquele agente transferer-se novutro ete variers misões que podem trazer uma persoa pra a-burnole Ha desordem Abliticaque bode suscitur que en tourna-se dificil, entavontque çãa e a objeta ma L'enomier _ Nesse Cuse, este fonoment aborec quando no ause da sociedade. A populeção fica semple foltadas sidades para vives por exemplo trubalhar e estudiar. E um transfer mo brazil pra essa ração. ness depois fazer Localdade. Mackenson Naxid Misho sursación e de total encertego quanto a minho situação de a sua qualidade de vida na Brasil. Na geral gosta muito dos persas Brasil, pela recipión. Nea sorta e poder jozer bas musica va as brasilevos, lambin quera (partugue) melharor mes partuguez, tambén terla a desejo de conscer a gostronomia brasilira poder puturomente gum sobre obrir um restaurante na puturo Francisco Sator, Veneguela esil C'est Gon

poio mi ser colombiana es sei una persona luchadora, guerrera que sahemos que hacer en Cualquier si cunstancia que en la vida se nos precentas somos gente que no nos quedamos detenidos en cualquier problema.

50mus amusbles, Respetuosus, Alegies y muy humanitarios

Ser Venezuelano é dar o melhor de si, é tomar café da manhà com "arepa" e café; é estender a mão a quem precisa; é trabalhar desde cedo para construir sonhos. Ser Venezuelano é o som da harpa e do "cuatro", é o canto de um turpial" (passaro) ou a beleza de uma orquidea nos olhos de suas mulheres, é o grito de seus herois em toda pessoa; é empreender o futuro de onde você se encontra.

O QUE É SER...? Julio Reyes
Vene Zuela

minho notionalidade Haitiona é minha vida men loração en gosto men pais en posto o historio do men pais a historia da men pais transformar mio Vida en uma relabilituração

Para min ser tem a rer com aquilo que en trago de meu pair, iminha cultura argentina, minhos Costumes que agora se misturom com as Costumes Curitibanas, Então sou sum pouco de aquilo que aprende la e o que hoje me opiesenta está mora revêncie de estar em outro pais, onde me permito oprender uma moro lingua, Contreçer moros omigos, explumentor moros comidos e fozer-les mo die a die parte de minhe rutina de ride. Ser aquille mulher com valores, com amoi, com montode de Orescer, de cumprie sonhos e projetos, parecidos oce equal e também deperentes a error projetos de faz onos. Entas numa deixamos de ser, somos aquelos mirêncies, aquelos lembroncinhos, aquelos momentos, aquele logo las, familio e amipos acrescentados de moros rivêncios, mones amigos, more familie. É um coroção compartihado, diridido em dois lugares.

hatalie

Para min, Haitiano ser muito Coisa. Porque Haiti tem um Historia muito bon, So Haiti tem ce Historia. Haiti è o primeiro Republica megro livre. en son muito felix parque en son haitiano. en gosto tem bem de men cor preto. Sexta vai à odia da bandeiro a son muito triste parque en mo von asisto. Agora Haiti tem do 18 pmai. E Haitiano, ser um ma cas muito forte muito enterligente e muito pasiona.

السلام عليهم وردمة الله ويتانة ام يع

المامن ديوريا الى السرازيل الهيب الماولات الذكرة عايشة في يلد عريسي اسمة المملكة العربية المحدية وحياني المهاهاك هي يلد عريسي اسمة المملكة العربية المحدية وحياني المهاها هي يلد عميلة و شعيبها عميله ولاكن ليس لدينااي حقق هنامها عشنافيها والحياة هناك اعيب عدية ينسة لمنانحت الاجاري عشنافيها والحياة هناك اعيب عدية ينسة لمنانحت الايل الميش هافي السرازيل ومنزوان عن الي السرازيل الم ارامن شعيها الاكل غيروا ميحواولدي يرهيون الي المدارسهم يكل سهولة ويسر والحياهنا من اعمل مايكون والمبها السعدل هنا والستك السرازيلي شعي عملون ومناون ومناون ومناون ومناون والمرازيلي هرة اخرة و سلم عيل المالالا والمناهية على المناهية المرازيلي العليب المالاليد واقدم الدي المداريكي الموازيلي العليب المالاليد واقدم الدي يلالمي المحواد لاجه غربي لهم



O QUE É SER...?

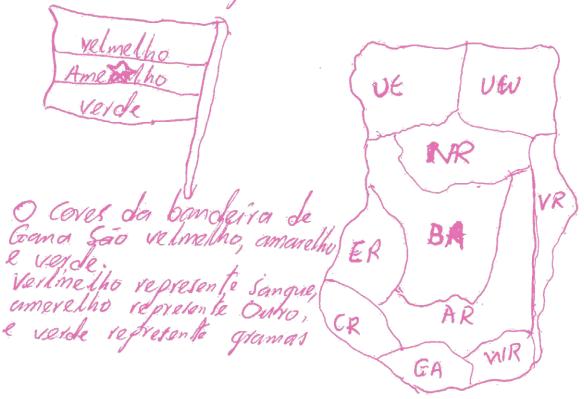
Par miden Hother Ve di,

Itaitien Ve di you nasyon ti deferan lot nasyon
yo, menn diferan de nasyon ki menn Koxle'avel'
lis Haitier se you nasyon ti nan tet li, le
lap fè you Bagay li tongon Ve poul regisi ladann
ki ture nan revolusyon, ti tongon se ki nan
tet li a pase.

Haitien the ble di fort, Haitien the bet koule Po negstan, ke kwe nan product matirel, Haitien ble di kato kitti diferan.

I'm Egyptian and I Love my country
I always missing my memories with my Friends
and Family as well.
and To bean Egyptian is Proud to me

Bandeira e mapa de Gana



- O ser Venezuelano e Termuito coragem e Ter Presente que au Perar do tempo dificil agente Vai sair Pra Frente com a familia, az Verzet Toca sair Primeiro soizinho Pra delois atuda à familia. não há mal que por bem não venha, az Dificultades do día a día não Tiram norso sorriso do rostroj O ser venezolano e não Ter medo de começar de novo Pois cade vez a gente apiende e vai devovo com mais Fofga. A Perar de cair e as susar da vida agente se levanta de novo e Faz Batalha ate chegor ao Sucesso. Freddy

Depî lêm te tou pitî musen te toujou di "Pî devam m'ap yon qur dokte" Men pandan musen ap grandi, musen remake ke gen twop enfistans nan mond san, rêv musen ye chanje e musen pras pase de ye.

Rev musen be vin you avoka avék gran nome, fou tout mond san konnenn e desann moun hi bezisen yo. Nov musen be vin yon misyone, pa fou tet musen pelman men fou ede san min' ax tout moun hi nam bezisen, sonde yon sondatiyon fou timoun bezisyasman ha Hi sage nam sar sari yo taan moun fou desann yo e alevrisa fou moun k'if ba yo mante.

Rev musen be fa pissale anfis bagay men ke forsede ha hi etaantiyes yo, fou ede tit musen, san mi musen ak antowas musen. Rev musen be gen feitit foram tusen yo, visayase se tout tou feeye a. Rev yo anfail men fa gen tan four har min tou feeye a. Rev yo anfail men ba den tu nam he yan m, te houte besman hi ha nen se ha nam he yan m, te houte besman hi ha nen sen

Shymberlyne

My dreams is to achieve all only goals assistance in my Courtry and anonyment fresher also here in Brazil, May desires is to be like one of those encouraging to younger people. I've studied Successful preople with who actives by dreams. And liverach I plans have plan and focus to achieve dream of my own. I so smuch believe in correct dreams because belief that Correct Success will make me happy. I have dreams for the future just like everyone else and I do my beat to keep my grades up.

QUAIS SÃO SEUS SONHOS E PLANOS PARA O FUTURO?

SAMOLINRENE BONDIELL E DE LOLLESAMA SANDONDIEL MOLLIN LARIN LAVIM NANE REV MOLLIN PO MANDE BONDIL

PAMIMOLINIA PITIT MOLINA RES PAMIL

> ngai pona ave bongisa ya n na ngai agrei pona libota

> malamu pona

M

MODINEAULE EMODIN NANPPÉ PASKEPAGIN LAVI
MIN PASE LOUT
ON DIEL

ON DIEL

OND DELL

OLD DE MIN MODIN
ELL POUL BENÍ-

PO-EPI tONE-SEREV MODIN tOUROC

LAJAM MOLIN

Cavenir ?

DUNANTE HUCKOS MOJES XIO QUONIA DESPERTAN POR QUE XIO QUENIA UEN MI NOVA TETALINAD. TAMPO CO QUENIA TOXAMIN PORQUE MIJ FUEXOS 27 ETMON PESABILLAS DE LOVINIAD. NO PODÍA QUENAN EN LA CAMA DESMENTO

PORPIE LOS PROFITANS ME ASACTAGAN.

DEJMÉS THE UN TIMBO, PUTE TENER UN SUSTE

QUE PARTIE FARSIENE: SOCIOVIVIA

Atoma tray Protocto, TAMMON TERY FORMOD ENSONESS HAY PLANES.

(QUICUS QUE MIS HIDOT CART CAN FUR BURSTIL

CON DOS LONGEAS MATERIALS, PODON TEURU TMANATO,

YA KHO FIMPONTA SI NO FO THE LA CANULUMA QUE CHO

FLOUTOS, PODON TOUTH UNA CASA CON DUN A

HIGAN Y PODONNUE FREGULA FIX LA SOCIONALS

QUE ME RECUSE A M' Y A MIS HERMANINT

MI ENANTES / RETUGEARDS

vir na nyai il fout na-90 z première min nu ba etude muscela orpres organisate na nyai.

resa wana oza

ioso/R.D.C

Este deformento è fano os ferroas que tem preconceilo e que a creditamque migrantes e refugiados nãos tem direito de estar na uniller ridade. Son mulhor riegra Haitiama, tenho argulho, par Estudante da UFPR quero ter ofortunidade fara tra balhar, Contribuir Com o fais. Hen Sonho è liber em o fais sem racismo e sem desi-qualdade.

Tenho em mim todos os sonhos do muna (Fornando Pessoa). Meus sonhos para o futuro são bastantes e gra Primeiro, quero me formar em Ciências Contábei Primeiro, quero me formar em Ciências Contábei mestrado e doutorado na mesma área. Segundo mestrado e doutorado na mesma área. Segundo ser empreendedor e professor universitário. Em ser empreendedor e professor universitário. Em quero contribuir para uma sociedade me quero contribuir para uma sociedade me justo e sustentável.

28

En persont du fiture. On peut dire tout le monde rêve toujours une vie meilleur disms, la quasi totalité. Mais, noir que je disms, la quasi totalité. Mais, noir que je suis, celle qui a en passif très lourd, c'estre à-dire l'esclavagiste, la colonisation et le res esclavagiste, notre rêves pour le future c'est etudie Jusqu'au bout afin de pouvoir methe l'ordre dans notre tête et comprendre no pas de, analise le present et prendre des bonnes decisions pour votre future et nos enfants.

HACKENSON DO 12-05-2018



PARA O FUTURO?

Since Iwas a chiled I Dreamed The world: and Until Now I am I like Traveling and To meet Ne learn Their Languages. but a mor. so easy, It needs ages To you dreamed. No body know alwars become True or Not looking for about my dreamed.

ndes. s, fazer guero fum,

RLEAN

Meus sonhas para o futuro mais proximo são trabalhar na minha area na qual foi formado, melhorar minha qualidade de vida no Brasil e também poder trazer minha familia da Venezvela para estar sontos de novo.

Meus sonhos para ofuturo mais longe é teraminha 29 proprios empresa na area de enganharia efazer meus proprios projetos realidade.

Meus sonhos para ofitura do Brasil éque melhore a situação do país eser um melhor país na qual todos sonhamos e quermos, um país mais inclusiva e melhores oportunidades.

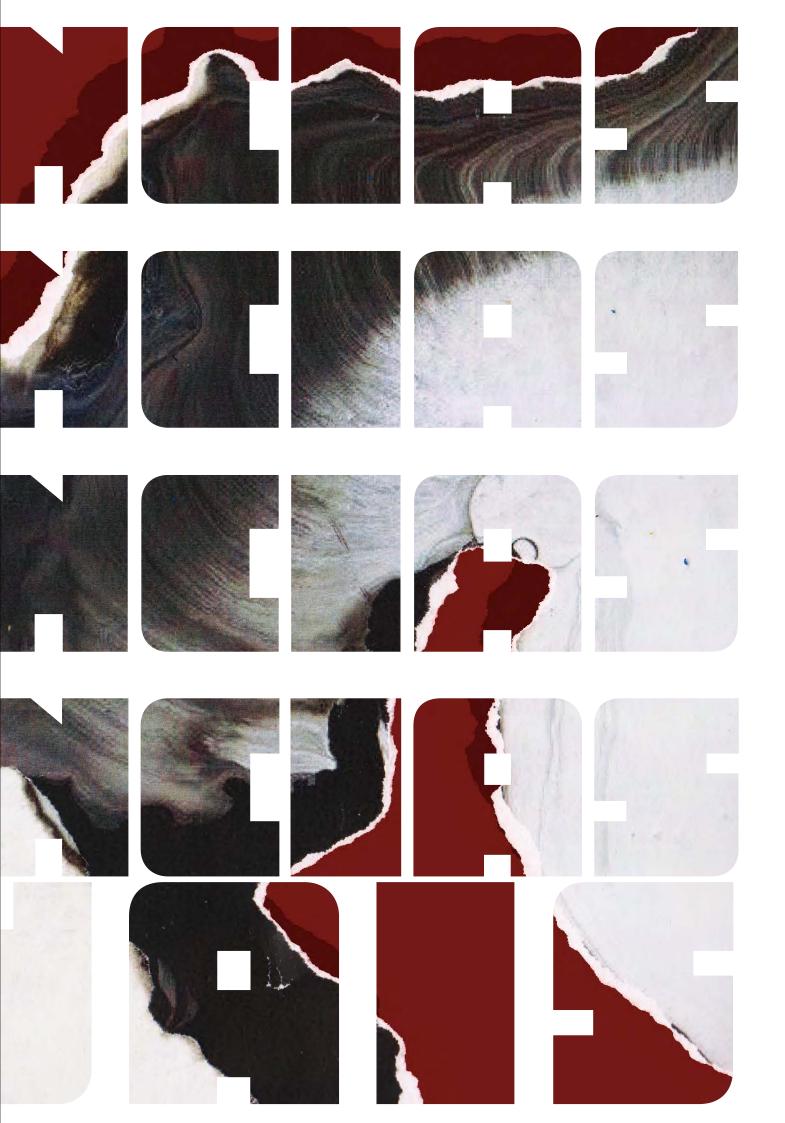
babesel

أحلاي المستقبل كثيرة، بعد أن اتن اللغة البرتعالية أرئ في الكال سعة العمل التي بدأ تها وأن أحوم بتربية أطفالي في بيئة مستقرة وعلى أسس العدالة والمساواة وأن يكونوا من الأشخاص الفاعلين في البراذيل سأعلم عب البرازيل الذي فتح ذراعيه لنا و ما عدثهم عنه بلدهم الآخر سوريا البلد الذي ولدت وكبوت منه، سأعلم كيعنوا ميكونوا شادة مستقبلين وساهما في ضفية البواذيل كنوع من رد جميل المشعب بطيب.

To visit a whole of working on it
working on







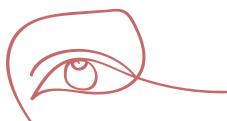


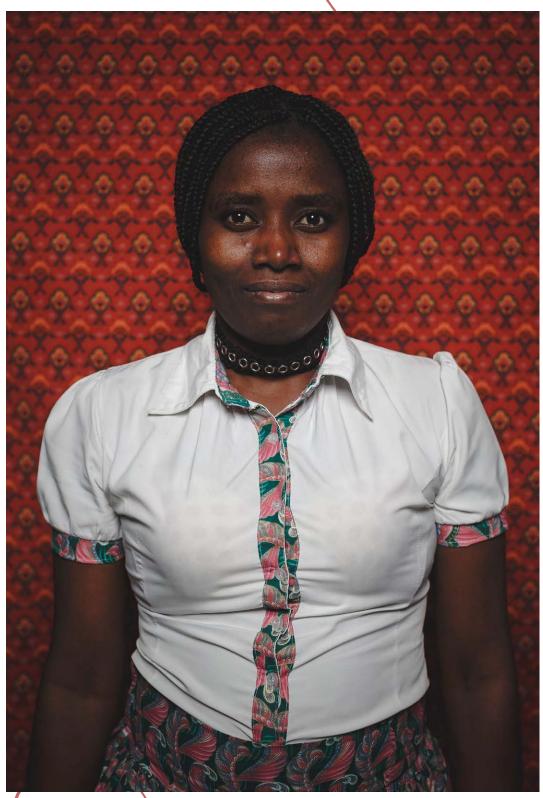
FOTOGRAFIA POR

Brunno Covello

SESSÃO DIAGRAMADA POR

Vanessa Diamante





Arlette Handakatembo 28 anos · Congo RDC · CostureiraVeio para encontrar o marido Nabote

Nabote Mwanafioti Inocent Moisés 32 anos · Congo RDC · Mecânico

"O meu país é independente há 57 anos, mas sempre estivemos em uma guerra, até agora.

O Congo rdc é muito rico naturalmente e países desenvolvidos como eua, china e japão financiam a guerra para roubar riqueza. Eles exploram o ouro, diamente, manganês, a nossa mata e até os animais

Acabei indo lutar na guerra e machuquei o braço com os estilhaços de uma granada que explodiu perto de mim.

Trabalhava no porto de matadi carregando os navios com sacos de arroz. Uma noite, eu outras três pessoas vimos que o navio ia embarcar e entramos escondido. Fomos embora sem saber para onde iríamos. Levei apenas uma mochila com 4 mudas de roupa e sem dinheiro.

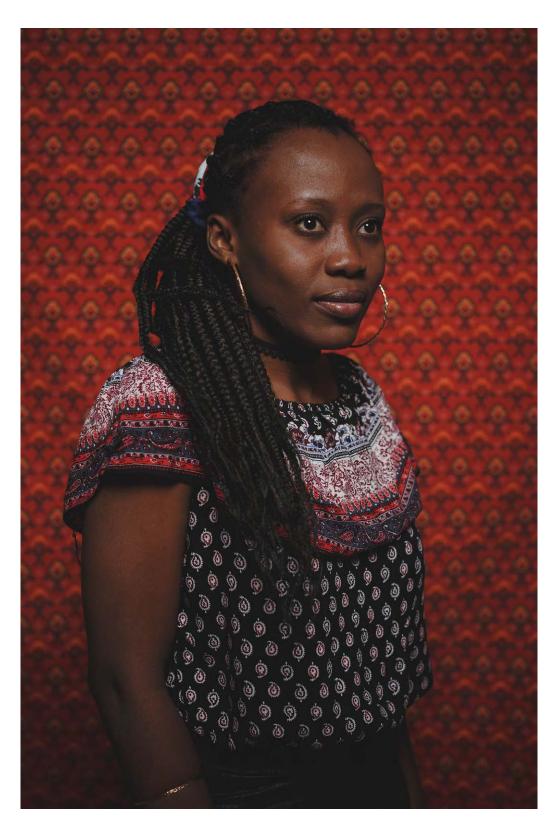
Meu objetivo era sair do país. Não sabia que viria para o brasil.

Cheguei sem um real no bolso. Fiquei morando na casa de um haitiano em pinhais e indo nas aulas de português aos sábados na universidade. Consegui um emprego temporário numa empresa de gelo potável e depois em uma metalúrgica. Já estou há quase dois anos nesse emprego e comecei a ajeitar a minha vida".



Mas também é enriquecedor, pois você aprende uma outra cultura, conversa com outros tipo de pessoas. Você não entende o que é imigrante, você sabe porque você vive o que é ser imigrante. É bom e é ruim".





Kettia 29 anos · Haiti · Estudante de Agronomia

38



Dima34 anos · Síria · Dentista
Veio com o marido e o filho para o Brasil.



"O refugiado só precisa de uma vida nova, uma nova casa. E também precisamos de amigos, não conseguimos viver sem pessoas. Não conhecemos ninguém aqui e não é façil.

Pelo menos nosso filho não viu a guerra.

Nossa família toda fugiu da síria, estão no egito, alemanhã, iraque, turquia, arábia. Não vemos nossa família há 5 anos"

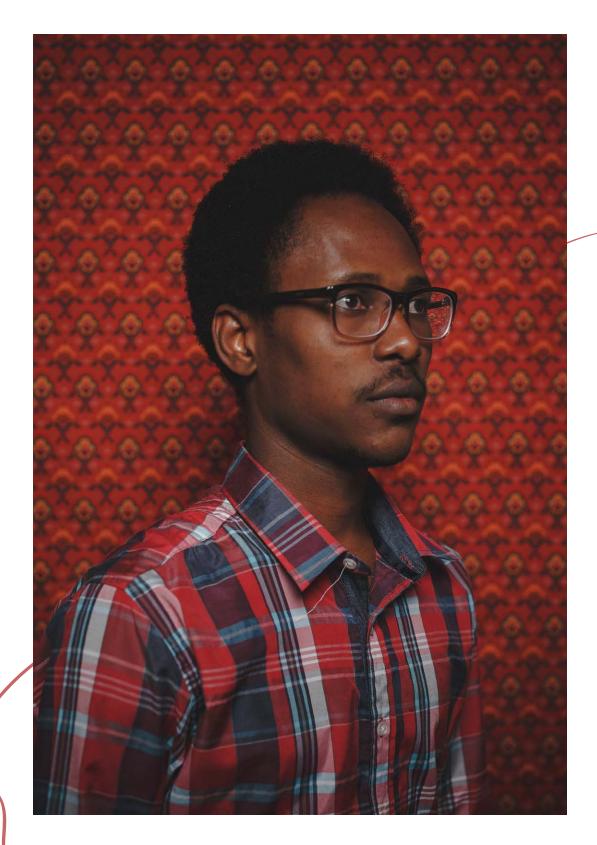
"Eu morava na venezuela, mas pela situação do país tive que voltar para a colombia, mas era ainda na divisa dos dois países e lá também estava ficando ruim e decidimos vir para o brasil

Meus filhos estão no colégio e se adaptaram muito com a língua e tudo.

As pessoas aqui colaboram muito com a gente".



Marleny Torres Salcedo 42 anos · Colômbia · Autônoma



Jean Michel 28 anos · Haiti · Estudante de Administração



"Nós somos de aleppo na síria e por causa da guerra fomos para a jordânia e ficamos 4 anos lá antes de vir para o brasil, 3 meses atrás.

Nós queriamos começar uma vida nova, mas no campo de refugiados isso não era possível.

As pessoas aqui são muito amigáveis e amáveis com a gente. Não sabemos se poderemos trabalhar, mas é o que esperamos. Precisamos de mais tempo para nos adaptar a cultura e a língua.

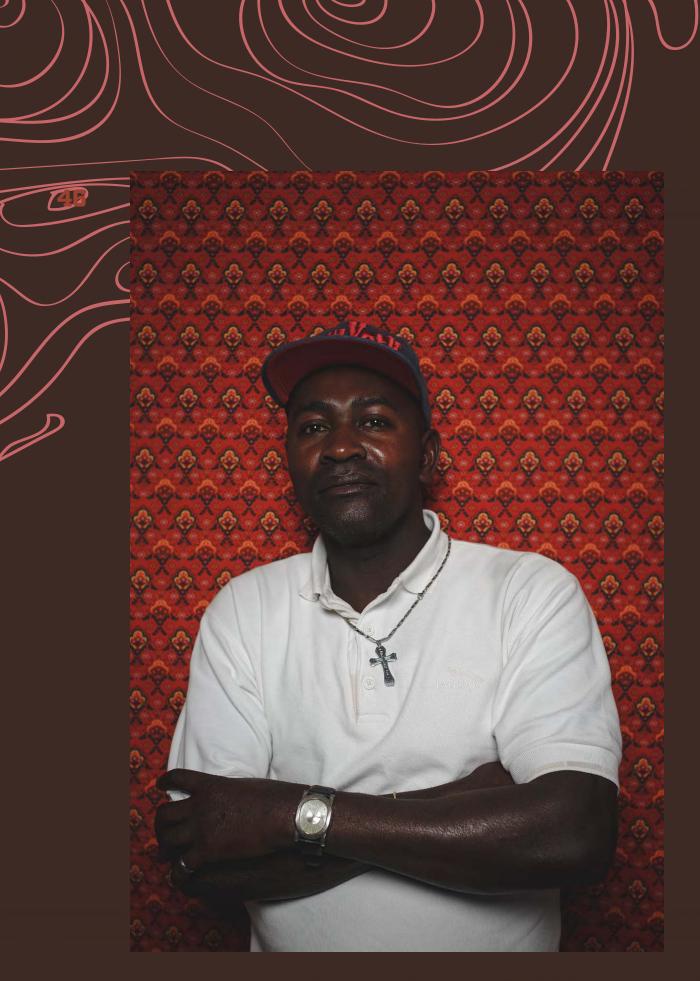
Nós estamos no processo de validação dos nossos diplomas, mas ainda tem uma burocracia que pode demorar alguns meses.

Estar longe da sua casa não foi a nossa escolha, nós fugimos da guerra. Tínhamos casa e apartamento, mas perdemos tudo. Fomos forçados a fugir de nossas vidas".





QUSAI36 anos · Síria · Farmacêutico
Veio com a esposa e filho para o Brasil



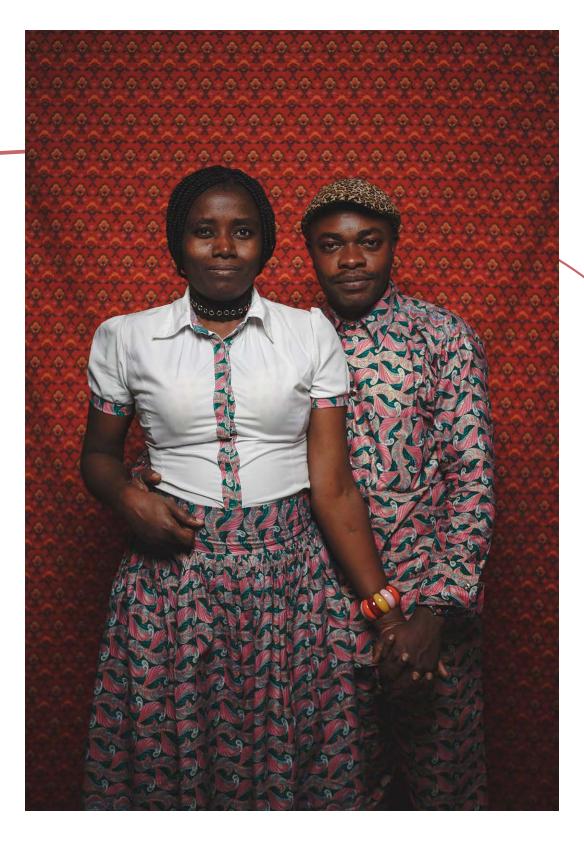
Alfadieu St. Phort 42 anos · Haiti · Soldador

"Hoje o salário é muito baixo e as coisas estão cada vez mais caras. Não só para o migrante, mas também para o brasileiro. Tem muitos brasileiros que também estão desempregados.

E fica muito complicado para mandar dinheiro para a família que ficou no haiti. Lá tem minha mãe e meu irmão e tenho que tentar ajudar.

Dá para viver aqui, mas não para ajudar".



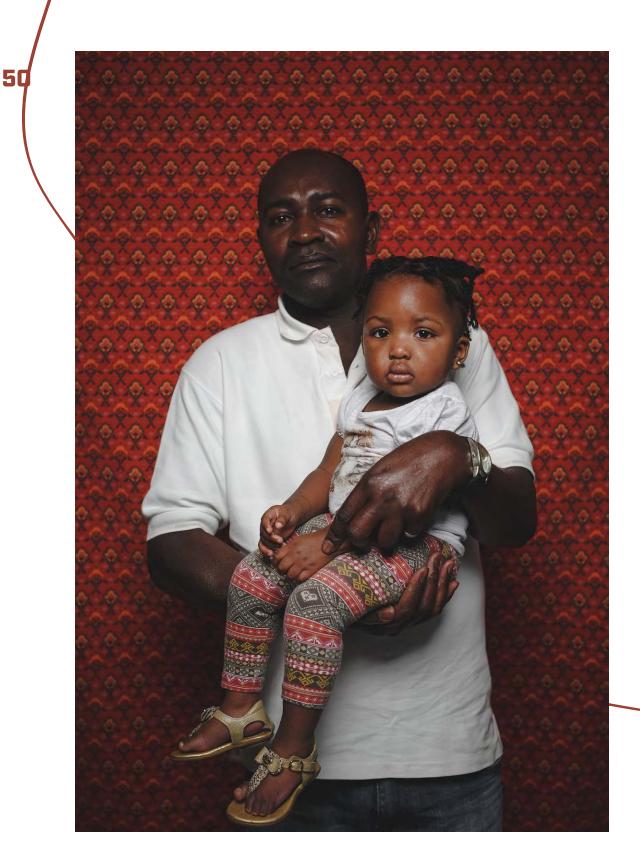


Nabote Mwanafioti Inocent Moisés e Arlette Handakatembo

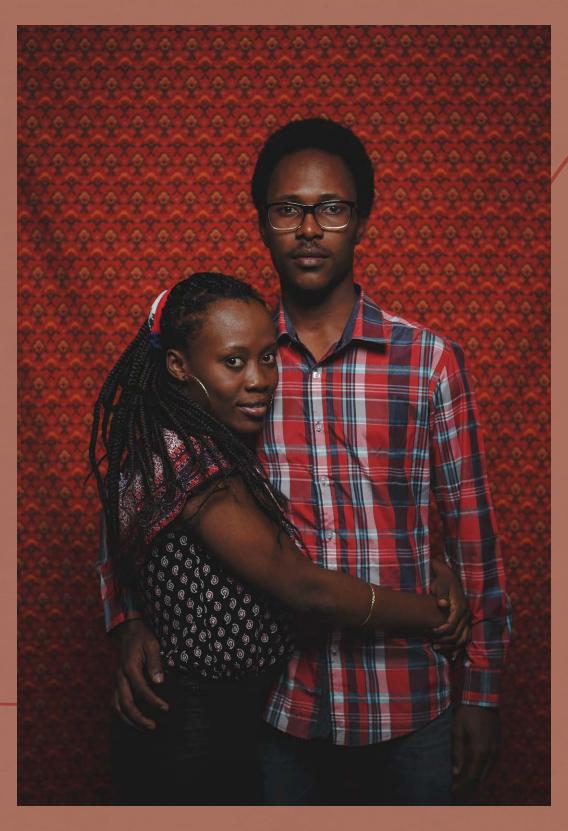
32 anos · Congo RDC · Mecânico 28 anos · Congo RDC · Costureira



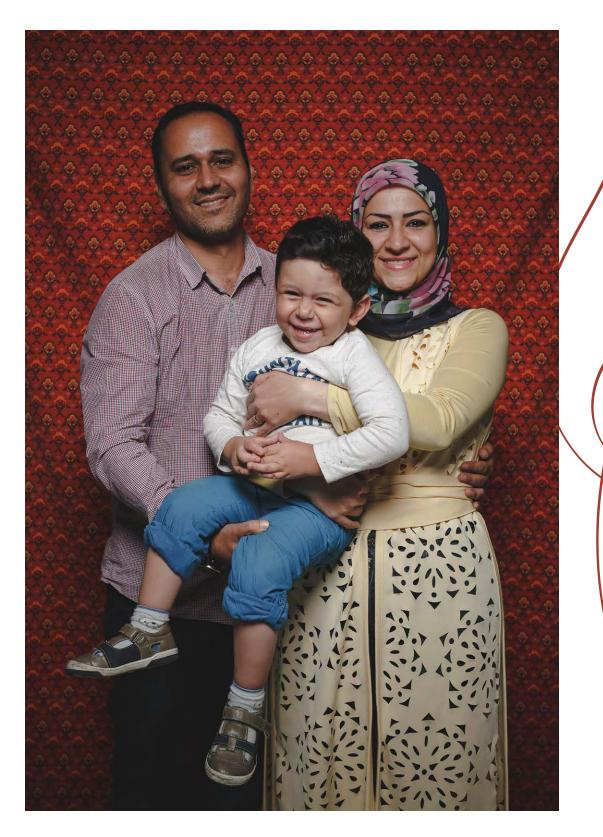
Sara Bastidas Marquez 83 anos · Venezuela Veio para Curitiba em Janeiro de 2018 junto com a sua família.



Alfadieu St. Phort e a filha Afaëlla Informe St. Phort 42 anos · Haiti · Soldador



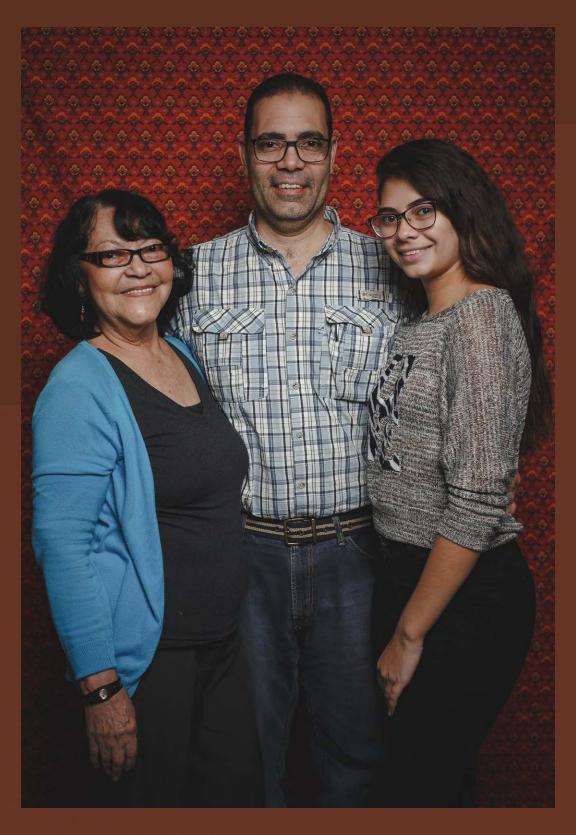
Ketia e Jean Michel 29 anos · Haiti · Estudante de Agronomia 28 anos · Haiti · Estudante de Administração



Qusai, Dima e seu filho **Adam** 3 anos

36 anos · Síria · Farmacêutico

34 anos · Síria · Dentista



Francisco Grau Bastidas 49 anos, filha Saraly Franchesca Grau Barreto 17 anos e a vó Sara Bastidas Marquez 83 anos



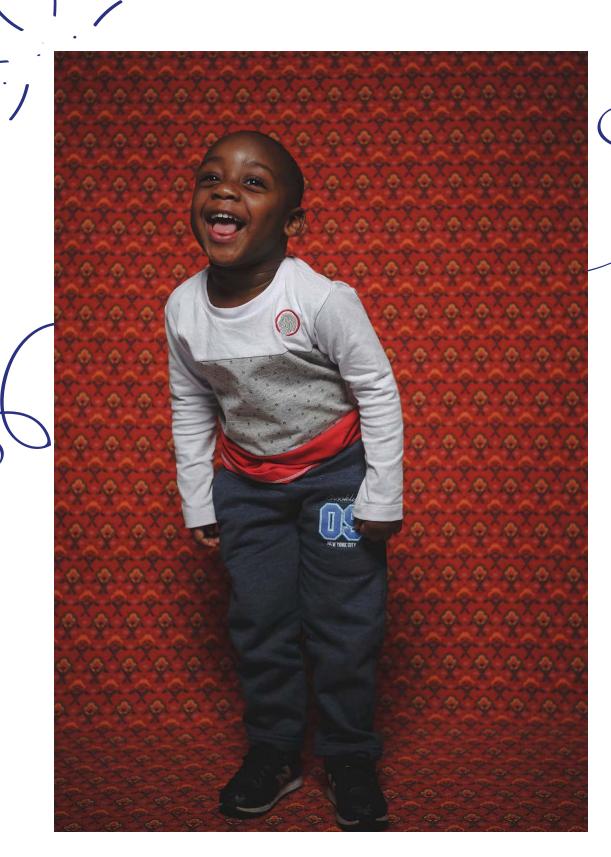
Meline Jean e o filho **Cody-wan Alcineus** 35 anos · Haiti · Confeiteira



Marleny Torres Salcedo, 42 anos, com a filha Darly Natalia Melo Torres.

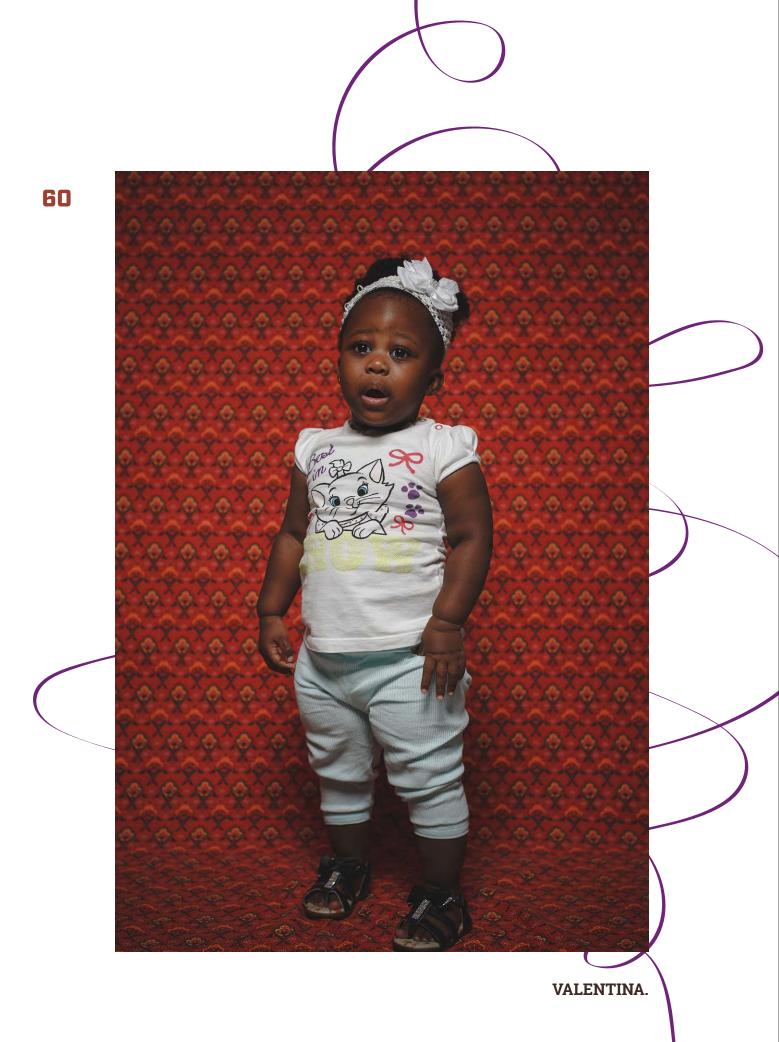






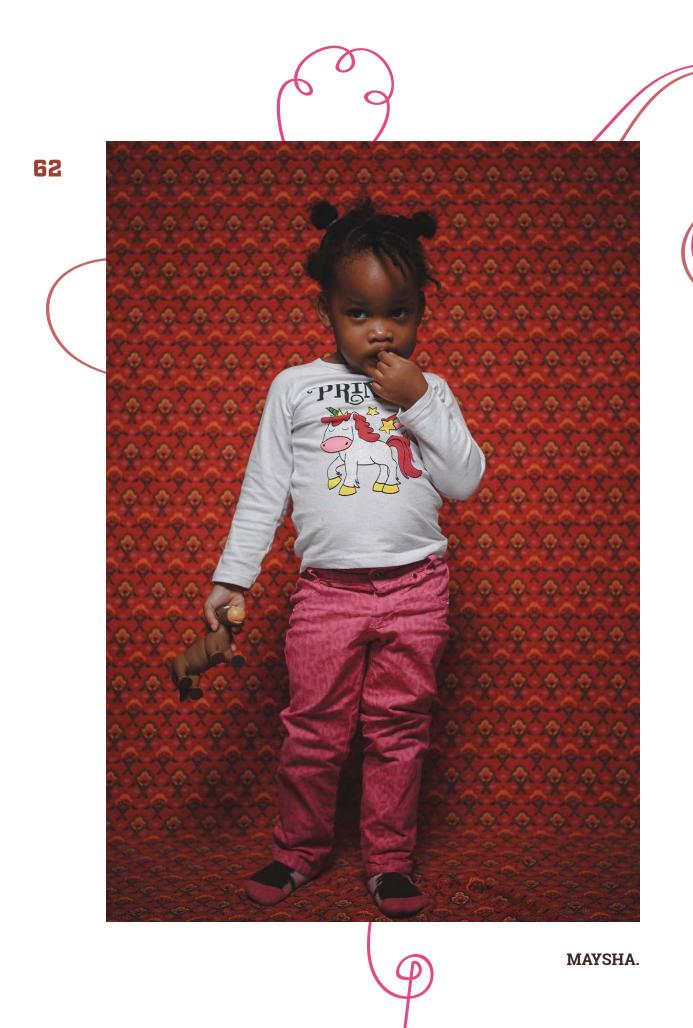
CODY.

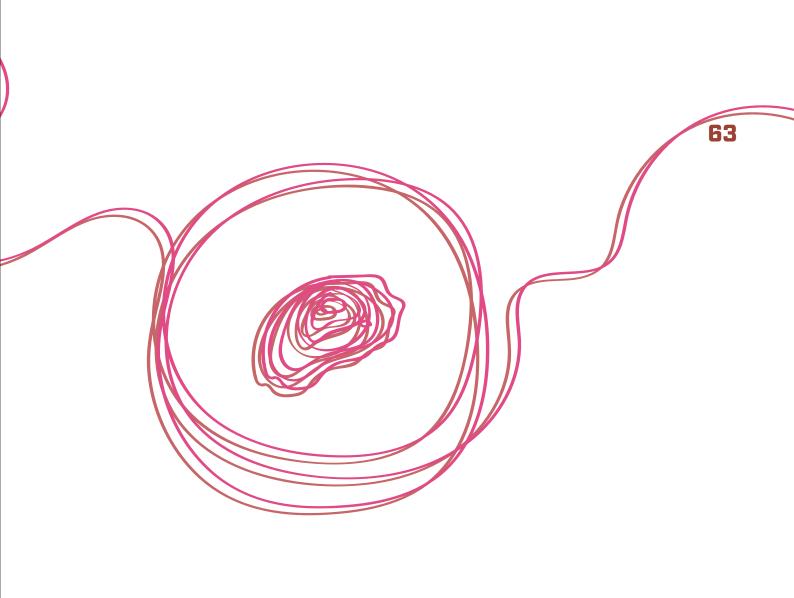
59

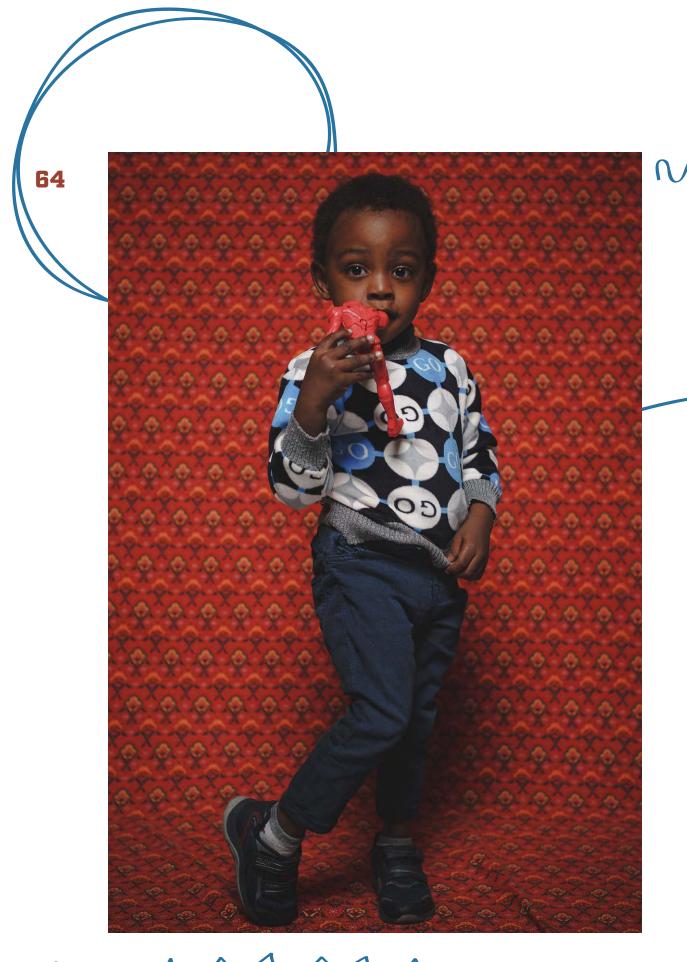




ADAM.







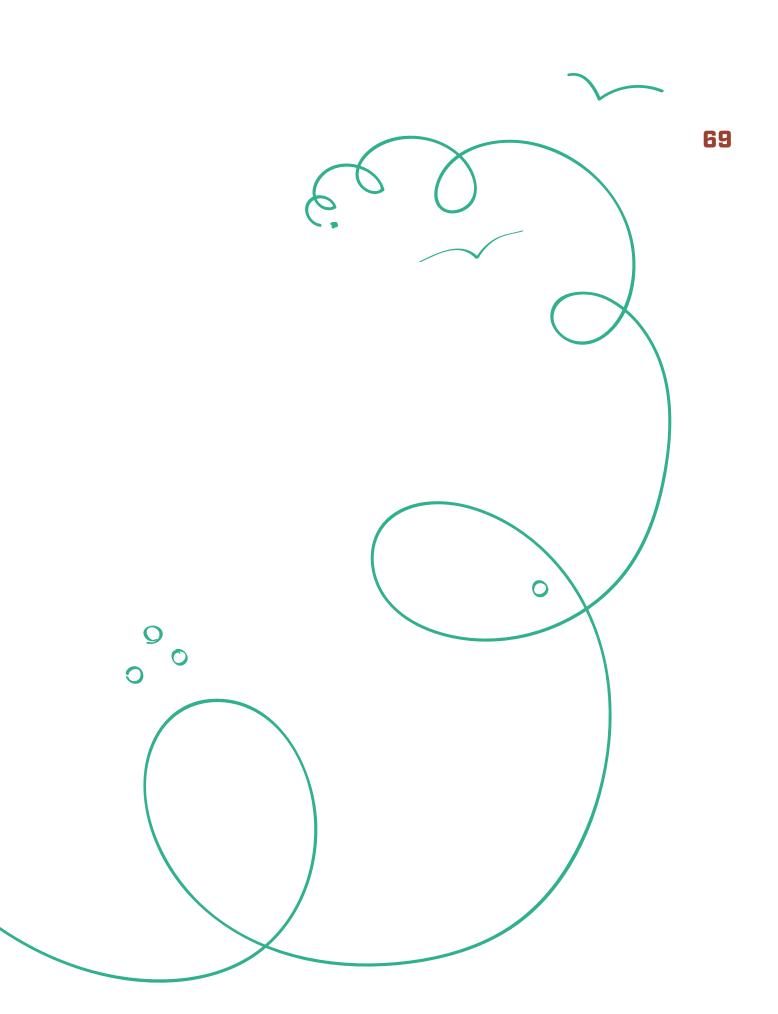


MAX.













Aquele que chega

José Carlos Fernandes

Uma pesquisa da Universidade da Pensilvânia, nos EUA, assinada por Diana Mutz, informa em gráficos o que muita gente dizia à boca pequena. O "efeito Trump" não se deu pelos motivos mais óbvios – algo como um troco desaforado dado por eleitores que não foram expostos ao saber universitário ou que viram seus empregos escoar pelo ralo. Os votantes fizeram sua escolha movidos, sobretudo, pelo medo. Medo de perder status, descer dois, três degraus na escala social e econômica, vendo-se de volta a um lugar que um dia foi de seus pais e avós. Na fissura, a escolha tresloucada por quem lhes oferecia um mar de rosas.

Os que assistiram – por obrigação ou devoção – ao documentário **Tiros em Columbine**, de Michael Moore, lembram que o tema do medo rondava o debate da violência nas escolas. Por que diabos, afinal, os americanos insistiam no direito de andar armados? Para explicar, Moore conversa com o sociólogo Barry Glassner, autor do subestimado **Cultura do medo**, um desses livros supimpas que nos permitem entender o que mais parece uma corrida atrás do próprio rabo, a loucura nossa de cada dia. Glassner, 15 anos antes de Mutz, disseca os temores americanos projetados em psicopatas, em bactérias, em ataques terroristas e – como se sabe – em imigrantes.

Ainda é temerário afirmar o quanto o medo que os americanos sentem equivale ao medo que os brasileiros cozinham, parece, em banho-maria. Somos tão parecidos com eles – na juventude, na dimensão territorial e na riqueza natural. Tão diferentes em todo o resto. Como escreveu um dia o escritor John Updike, o Brasil leva vantagem por ter Carmen Miranda, com uma cesta de frutas à cabeça, agitada como uma chaleira que tanto ferve quanto apita. Mas, lá se vão mais de três décadas desde que Updike – um mestre em retratar o americano médio – se ocupou de nos elogiar, dando-nos o rótulo de antagonistas felizes.



Heston, inclusive. As indagações sobre as razões deles, por ironia, equiparam-se às dúvidas sobre nós mesmos. E, há pouco, muito pouco, no tratado de Barry Glassner sobre a América do Norte que não possa encontrar equivalências na

América do Sul.

Em miúdos – todos os medos nos dizem respeito. Inclusive o medo dos imigrantes. No Brasil, a política de ajuda humanitária e quetais se formaram às carreiras e trouxeram a reboque o desconforto do olhar, essa sutileza capaz das piores atrocidades. Superestimou-se a nossa simpatia, apontada em pesquisas de satisfação, como no pós-Copa e pós-Olimpíada. O país tropical, abençoado por Deus e bonito por natureza – erguido à custa dos braços estrangeiros – em nada teria a temer. Haveria lugar para todo mundo, de braços abertos. A própria proporção entre os que chegam e os que saem seria o bastante para que ninguém perdesse um minuto de sono, assustado com a concorrência. Os números são superlativos. Dados da Organização Internacional para as Migrações, da ONU, informam que são 1,54 milhões de brasileiros vivendo fora do país para 713 mil estrangeiros vivendo aqui.

Mais motivos para festejar – as levas de africanos, asiáticos, sírios e haitianos que formam a horda de novos brasileiros são, em boa parte, gente com qualificação, o que só faz somar num país que patina na saúde pública, no saneamento básico, na qualidade da educação. Mesmo assim, o desafio à lógica permanece. O medo tem dessas coisas – comporta-se como um bêbado: não se acalma tão fácil e logo bota os pés pelas mãos, pronto para estragar a festa. Tudo indica que, tal e qual nos EUA, os imigrantes sejam vistos em segredo como aqueles que podem tirar o que é nosso e nos devolver ao ponto do qual partimos. O medo é o combustível da criação, como diz Maria Rita Kehl, mas também do lado B. Eis o ponto.

O medo é um oceano grande demais para ser navegado. Não se resolve com um "deixa disso", mas há atalhos. Via políticas, por exemplo. As nossas foram improvisadas – não raro criadas sob as luzes de fogos de artifício –, o que não quer dizer que sejam casos perdidos. Podem ser aperfeiçoadas. E amainar via conhecimento: o estrangeiro que agora chega ao Brasil será tanto mais um parceiro e menos uma ameaça à medida que sua errância seja uma narrativa ao rés-do-chão. Um espelho no qual possamos enxergar a nós mesmos. A desconfiança do outro se dilui na experiência do outro, assim que nos toca. São as lições da alteridade, passíveis de serem praticadas.

O mais evidente seria recorrer aqui a Jacques Derrida, uma espécie de profeta da urgência da hospitalidade. Em meio ao tiroteio dos fatos, alertou que, em último caso, a recepção do estrangeiro traz consigo o novo discurso sobre o sujeito. Nada mais a propósito para ser discutido num mundo que – nos dizeres do jornalista Seymour Hersch – um expert na tragédia do Vietnã – "perdeu sua alma em campos da batalha". O racismo aflora em meio aos conflitos, a ponto de que uns matem nos outros, o outro.

Derrida bem lembrava que, na etiqueta do processo civilizatório, o outro nunca é anônimo. Tem nome. Bens. Família. Lugar na pirâmide social. E sugere que se rompa com esse código, em nome de uma hospitalidade absoluta, que ultrapasse as fronteiras e se imponha como direito universal. Tal ordem nos impõe uma nova ética – e nela está incluso entender que aquele que chega pode chegar. E que traz na bagagem a saudade de seus mortos e de sua língua. É onde moram de fato. Ou se aceita essa contingência, ou não há hospitalidade de fato.

Derrida diz tudo – mas diz em coro com outras vozes. Vale lembrar a da pensadora e psicanalista francesa Anne Dufourmantelle, morta em 2017, aos 53 anos, ao tentar salvar duas crianças que se afogavam numa praia. Um de seus motes intelectuais era a importância de correr riscos, reflexão pela qual será lembrada. Mas poucos ponderaram tão bem a questão dos refugiados quanto ela. Talvez tenha falado pouco em política. Preferiu a poética do estrangeiro – homens e mulheres que percebia envoltos em silêncios, guardadores de

palavras cujos significados não conhecemos, aprendizes de palavras que queremos lhes ensinar e sobre as quais somos obrigados a pensar.

Refúgio é gramática. É linguagem. Falar com aquele que chega é ocultar e revelar – um jogo que o tempo presente nos deu, em meio aos escombros. Os que se entregam a esse brinquedo, rompem com a quietude e o tédio dos dias que correm. O exílio do outro, logo se percebe, é também o nosso. A inquietude provocada por esse contato pode acordar, enfim, o espanto. Aquele que chega se torna aquele que vem e nos faz ver. Quanto ao medo, nada a dizer.



Entre a saudade e a esperança:

deslocamentos e identidades na perspectiva da Psicologia, da Psicanálise e do Direito, no campo das migrações e do refúgio



Elaine Cristina Schmitt Ragnini José Antônio Peres Gediel Tatyana Scheila Friedrich

EMIGRANTE

Arfa, no porto, o mar.
Soluça dentro d'alma do emigrante
o longo apito do navio em despedida.
Treme, na lágrima do olhar,
a paisagem da pátria.
Mas, o apelo fascinante do mar
acorda seu desejo de aventura,
o anseio de partir
em busca de uma terra prometida.
Quem dilacera assim,
entre a saudade e a esperança,
o coração do emigrante?
Ë a vida... é a vida... é a vida.
Helena Kolody

70M_ufpr_14, n>

DESTERRITORIALIZAÇÃO

Sair de seu país, desterritorializar-se, pode ser uma das decisões mais difíceis a ser tomada por qualquer um. O portoseguro dá lugar ao arriscado e incerto, para si e para os seus. O abandono é da casa, dos projetos e futuros. Uma decisão de redirecionamento das utopias, porque passos foram dados e ela não estava mais lá. Não é só o corpo que abandona gestos costumeiros e ancestrais, a mente também, para ingressar no desconhecido em busca de uma nova terra, porque a que teve não mais será sua. Sonha com trabalho e acolhida, quem sabe se virão? A divisão entre o sair por querer e sem querer quem faz é o Direito, coração e mente não a conhecem, a realidade decide. Quem sai só pede: **Dame una noche de asilo**¹.

ERRÂNCIAS E TRAVESSIAS

"O real não está no início nem no fim, ele se mostra pra gente é no meio da travessia". (**João Guimarães Rosa**, Grande Sertão: Veredas)

O deslocamento entre o sair e o chegar é a constância de obstáculos. O documento nunca é o certo e o lenço nunca suficiente. Estar em trânsito é estar entre a saudade e a esperança. O desapego ainda não aconteceu e o pertencer é indefinido. Vai com a pena na mão e na alma, sem papel². A utopia de Galeano volta ao horizonte³. O ser é o movimento⁴, uma espécie em viagem. A travessia é auxiliada pelas tecnologias nas telas pretas e seus aplicativos, mas tudo é frio e insuficiente. A caminhada se faz a pé, em trens ressurgidos, barcos inseguros, no lombo de animais de carga, por avião, mas sempre perigosa. Atravessar a floresta n'est pas facile, professeur! Condições climáticas desconhecidas aumentam a dificuldade e trazem novos desafios. Há coiotes e coiotes, a travessia custa para quem ficou e para quem partiu. A travessia é o real.

[&]quot;Dame una noche de asilo, en tu regazo. Esta noche, por ejemplo, dejemos al mundo fuera. Abre tus brazos, ciérralos conmigo dentro (...)". DREXLER, Jorge. Asilo.

² "Solo voy con mi pena; Sola va mi condena; Correr es mi destino; Por no llevar papel; Perdido en el corazón; De la grande Babylon; Me dicen el clandestino; Yo soy el quiebra ley; Mano Negra (...)". CHAO, Manu. Clandestino.

^{3 &}quot;A utopia está lá no horizonte. Me aproximo dois passos, ela se afasta dois passos. Caminho dez passos e o horizonte corre dez passos. Por mais que eu caminhe, jamais alcançarei. Para que serve a utopia? Serve para isso: para que eu não deixe de caminhar". GALEANO, Eduardo.

^{4 &}quot;Somos una especie en viaje; No tenemos pertenencias, sino equipaje; Vamos con el polen en el viento; Estamos vivos por que estamos en movimiento". DREXLER, Jorge. Movimiento.

78

RETERRITORIALIZAÇÃO

"(...) a desterritorialização absoluta não existe sem reterritorialização". (**Deleuze e Guattari.** O que é a Filosofia?)

A chegada no destino é marcada por uma turbulência de pensamentos e emoções. Mas, o agir da Psicologia no campo das migrações e do refúgio não se apresenta como necessidade de primeira ordem para o sujeito que migra. Não que o processo de migrar não mobilize as energias psíquicas e o desejo não cause dor ou sofrimento, nem descaracterize o que é próprio de uma identidade, e não seja marcado por perdas de diversas ordens e traumas psíquicos. É que essas questões costumam vir na espreita de um processo que exige daqueles que migram um grande esforço para organizarem os elementos fundamentais para a vida social em uma nova sociedade.

O Direito que regia a vida na terra de origem vai se apagando, o Direito Internacional não tem vigência em muitas travessias, mas um novo Direito da terra de chegada aguarda migrantes e refugiados nas fronteiras, antes mesmo do encontro com o outro, como um arauto que anuncia o poder da *pólis*. Nas fronteiras, admitem-se ou não os que migram, nas fronteiras se examina a saída, o percurso e o destino, nas fronteiras se decide o futuro dos que chegam. De classificação em classificação, de formulário em formulário, forja-se um novo *status* jurídico do recém-chegado, alinhavase uma nova identidade: migrante, com ou sem proteção complementar, refugiado ou apátrida. O migrante se descobre frágil e vulnerável e sua vulnerabilidade vai orientar a aplicação do Direito nacional e dos Direitos Humanos.

RECOMEÇAR: OS TRABALHOS E OS DIAS

Depois do Direito e dos documentos vem a batalha com a língua desconhecida, arrevesada, com a moradia inexistente e inacessível e o trabalho sempre esperado. O migrante espera nas salas de espera, nos corredores, nos guichês. Aguarda esperançoso e ansioso a resposta que demora ou não chega.

As invocações dos Direitos Humanos e dos direitos inscritos na legislação nacional soam como palavras despidas de sentido. O documento, a língua, o trabalho, a moradia, estes sim, fazem sentido, são reais.

A realidade é que os países de transição ou de acolhida para aqueles que migram nem sempre estão preparados para receber e acolher o migrante ou refugiado, ou então têm práticas de acolhimento incipientes e que não abarcam a complexidade dos processos migratórios. Aprender uma língua de acolhimento, conseguir um trabalho, organizar uma moradia, ter acesso aos bens sociais (saúde, educação, segurança, entre outros) e ter um lugar na comunidade local, são eventos de uma nova vida que acabam por ser potencializados no migrante e no refugiado, em função do sofrimento que perpassa sua condição.

É no "ao mesmo tempo" ou no "só depois", ao longo do processo de deslocar-se, que as demandas para um trabalho afeito ao que é próprio do campo psíquico se coloca. E mais, em alguma medida, também é quando se oferta um trabalho da Psicologia. O atendimento ao migrante reconhece sua condição de vulnerabilidade e fragilidade econômica, de exclusão do laço social e de sua história marcada por perdas e trauma. Indica aos profissionais que eles precisam do cuidado e do atendimento psicológico. Afinal, é um estrangeiro sofrido e traumatizado na terra do outro. Mesmo com a demanda de atendimento difusa e vinda de quem atende, é preciso se colocar a escutar e a trabalhar essa demanda.

No processo de deslocamento de uma terra a outra, as referências concretas e subjetivas estão em suspensão – vive-se uma outra cultura, uma outra linguagem, uma outra forma de compartilhar elementos simbólicos e de se relacionar com o outro. O que é vivido no campo da cultura – ou da relação com o outro – não encontra referências no campo subjetivo. Trata-se, portanto, de um deslocamento não só geográfico, mas também psíquico, de uma identidade que está colocada à prova na cultura do outro, uma cultura nem sempre inclusiva, nem sempre acolhedora. Muitas vezes a ausência de referências no campo do outro reafirma para o sujeito psíquico sua condição de vulnerabilidade, não só social, mas também psíquica. Uma vulnerabilidade que potencializa o sofrimento





e, no seu extremo, rompe com a condição de organização e saúde psíquica do sujeito. Nestes termos, acolher o sofrimento, o incompreensível, o que não pode ser dito, o que não tem referências, o traumático para cada sujeito é um compromisso para quem presta atendimento a esses sujeitos.

Ésó à medida que as demandas chegam que a psicologia se aproxima da realidade e do sofrimento da população migrante e estrangeira, devendo imediatamente buscar não só a consolidação de uma prática no **campo psi**, mas também a articulação das referências teóricas e metodológicas para o atendimento psicológico aos migrantes, para se pensar na Psicanálise como um **trabalho clínico que opera no campo social e político**.

Essa proposta deve considerar, ainda, a possibilidade de construção de uma rede simbólica que possa inserir os migrantes num laço ao outro, a partir do qual ele poderá constituir referências para ressignificar sua identidade, elaborar suas perdas e traumas e viabilizar a construção de um lugar na cena social. Articulando o campo da clínica e da política, o caminho desafiante é fazer o acompanhamento, o acolhimento e o atendimento dos sujeitos em processo de migração, bem como o desenvolvimento de práticas que remetam à incidência do discurso psicanalítico no campo social. Para isso, o foco do trabalho são os processos de subjetivação relacionados à migração e à condição de outro, de estrangeiro.

O ponto problemático para essa escuta é que ela não se dá no contexto ideal para uma clínica, ainda mais a clínica psicológica, e nem a demanda vem direcionada para as questões do sofrimento psíquico. Quando se atendem migrantes e refugiados juntamente com profissionais de outras áreas, as demandas se apresentam a partir de faltas concretas (não consigo trabalho, não consigo me relacionar afetivamente, não consigo pagar as contas, não consigo estudar).

Objetivamente, essas demandas podem ser incluídas no catálogo dos Direitos Humanos e dos Direitos Fundamentais constitucionalmente assegurados, mas de difícil efetivação ou concretização. Essas demandas também vêm perpassadas por um sofrimento psíquico e trazem consigo as marcas da impotência, das feridas narcísicas, dos conflitos psíquicos pela crise de pertencimento ou identidade e pelo desamparo

social e psíquico. Esse quadro que situa e ao mesmo tempo aliena os migrantes pode ser o cenário para a vulnerabilidade psíquica desses sujeitos, que se soma à vulnerabilidade social e à negação de direitos no país de acolhimento. Desconhecem a língua, a realidade, seus direitos e as formas de inclusão social e digital.

É preciso, portanto, realizar o atendimento amplo e completo ao migrante e refugiado, através do trabalho interdisciplinar, em rede, e multiprofissional. A compreensão da língua está na essência da integração. Mas, não basta qualquer ensino de língua, ele deve ser apropriado para esses desafios, praticado com a sabedoria levinasiana da amizade e hospitalidade⁵. Dominada a língua, o exercício dos direitos no país de acolhimento é a próxima etapa. Diante do desconhecimento das tecnologias, o ensino delas também se torna essencial. Não há mais lugar nas sociedades sem a identidade das redes sociais, ou sem um endereço eletrônico, para poder se inserir no mercado de trabalho, nas instâncias educacionais, nos atendimentos à saúde e demais ações de assistência social.

⁵ "A essência da linguagem é amizade e hospitalidade". LEVINAS, Emmanuel. Totalidade e Infinito. p. 341.

POR UMA UNIVERSIDADE ABERTA, GENEROSA E CRIATIVA

"A guerra não tira da gente só o futuro, tira o passado e o próprio presente. Não sou a mesma pessoa que eu era na Síria". (**Refugiado sírio residente em Curitiba**)

Hospitalidade incondicional, compromisso político com a efetivação dos Direitos Fundamentais, acolhimento e reconstrução de percursos de vida são expressões que orientam e demarcam a presença da Universidade Federal do Paraná nos processos de migração e refúgio no Brasil. Ao receber a Cátedra Sérgio Vieira e Mello do Alto Comissariado das Nações Unidas para Refugiados-ACNUR, em 2013, esta Universidade aceitou o desafio de contribuir para a formulação de políticas públicas que assegurem direitos fundamentais e inserção nos estudos universitários a refugiados e migrantes, compartilhando conhecimentos e propostas com a sociedade



civil e o Estado, com a finalidade de recompor existências afetadas por deslocamentos e perdas. A UFPR ousou se apresentar como um instrumento para a construção do presente, com o resgate do pertencimento e das utopias.

Nesse contexto político-institucional e programático se estruturaram, a partir de outubro de 2013, as ações e projetos que atualmente compõem o Programa de Extensão Política Migratória e Universidade Brasileira da UFPR. Este Programa reúne Projetos de Extensão, cujas atividades se desenvolvem em múltiplos setores da Universidade, todas com o objetivo de promover ações que se voltem a migrantes e refugiados, comprometidas com os valores da hospitalidade incondicional. As atividades de extensão têm uma abordagem interativa, dialógica e bidirecional, com aplicação de metodologias participativas, que incluem migrantes e refugiados e suas organizações, em todas as fases de atuação.

A extensão e a pesquisa sobre o assunto das migrações e os processos e subjetivação de participação social e política requerem, ainda, um tratamento pela Universidade que permita sua aproximação e cooperação com organizações da sociedade civil (inclusive de migrantes e refugiados), do Estado (nas três esferas) e instituições internacionais, para que o saber Universitário intervenha na formulação de políticas públicas de refúgio e migração. A extensão também aproxima a Universidade do cotidiano e das demandas mais urgentes de refugiados e migrantes.

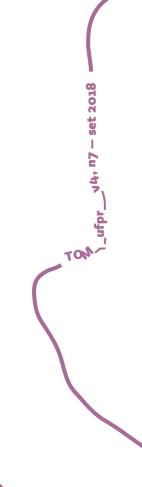
Internamente, na UFPR, o Programa teve papel fundamental para a elaboração e aprovação da Resolução n° 13/14-CEPE, que define normas sobre acesso a cursos da UFPR de migrantes com visto humanitário e refugiados que tenham iniciado e interrompido cursos em instituições de ensino estrangeiras. Em 2018, são 49 estudantes refugiados e migrantes, de 7 nacionalidades, reinseridos em 9 cursos da UFPR. O Programa também contribui para a facilitar a inserção profissional de refugiados e migrantes ao propor e promover a aprovação da Resolução n° 58/14 – CEPE, que estabelece normas para revalidação de diplomas de graduação expedidos por estabelecimentos estrangeiros de ensino universitário. Ambas as ações são executadas pela Pró Reitoria de Graduação e pela Agência UFPR Internacional. Para acolher os novos estudantes, disciplinas acadêmicas foram criadas a

partir do trabalho dos Projetos, em seus respectivos cursos, na graduação e na pós-graduação, como Direito dos Refugiados e Tópicos de Direito Internacional, em que são estudados os fenômenos da migração, do refúgio e da apatridia. Também houve a criação da disciplina de português como língua estrangeira para estudantes refugiados e migrantes reinseridos na UFPR.

O Programa temalcançado outros resultados concretos, entre eles, aulas de português como língua de acolhimento, ministradas para mais de 1.600 migrantes, da comunidade não universitária, sendo que, dentre eles, todos que tiveram alguma demanda jurídica e receberam atendimento especializado (em torno de 400 por ano) e também atendimento psicológico. Muitos estudantes de português como língua de acolhimento frequentaram aulas de Informática e de História do Brasil.

O Projeto de Extensão Migração e Processos de Subjetivação - Psicologia, Psicanálise e Política na Rede de Atendimento aos Migrantes, inscrito e sediado no Departamento de Psicologia da UFPR, iniciou suas atividades no ano de 2014, a partir de demandas dos Projetos dos Cursos de Letras e de Direito. Inicialmente, o projeto se organizou para realizar o que denominamos de atendimento psicossocial ou então uma intervenção com foco bem delimitado (inclusão no mercado de trabalho, dificuldades com os relacionamentos na cultura do outro, dificuldades de aprender a língua, entre outros), mas que auxiliavam o contato com a população alvo do projeto e com a Rede de Atendimento ao Migrante de Curitiba e Região. Essa práxis despertou a consciência de tudo o que foi exposto e hoje se entende que a proposta do Projeto, com extrema relevância para a formação na área da Psicologia, em sua interface com a migração humana, e ainda para os avanços nos aspectos teóricos e metodológicos da Psicologia como ciência e profissão. Por se tratar de um assunto emergente na realidade social brasileira e internacional, também há a possibilidade da construção de um fazer comprometido com a realidade desses sujeitos e da população que os recebe, considerando tanto as dimensões subjetivas quanto aquelas relativas às políticas públicas que envolvem o assunto.

Se, por um lado, a atuação universitária no campo psicológico visa à consolidação de práticas e à construção de um referencial teórico-metodológico na Psicologia para



6 "A hospitalidade é antes de mais nada uma disposição da alma, aberta e irrestrita. Ela, como o amor incondicional, em princípio, não rejeita nem discrimina a ninguém. É simultaneamente uma utopia e uma prática. Como utopia representa um dos anseios mais caros da história humana: de ser sempre acolhido independente da condição social e moral e de ser tratado humanamente. Como prática cria as políticas que viabilizam e ordenam a acolhida. Mas por ser concreta sofre os constrangimentos e as limitações das situações dadas". BOFF, Leonardo. Sustentabilidade. 2005, p. 198.

atuar com esse contingente humano, por outro, também visa à formação profissional na área, já que articula extensão, pesquisa e ensino no campo da Psicologia, Psicanálise e suas interfaces. A proposta é que as atividades e os atendimentos sejam realizados por docentes, estudantes de graduação e pós-graduação, colaboradores internos e externos, além de voluntários selecionados para essa prática e vinculados ao Departamento de Psicologia.

Na área jurídica, o Projeto Refúgio, Migração e Hospitalidade congrega alunos e professores do Direito, que compreenderam o importante papel da educação e do direito na vida desses migrantes e refugiados. A Hospitalidade está na essência teórico-filosófica e na práxis emancipatória. A integração com a Psicologia foi imediata, porque o sujeito migrante é aquele que tem abalada sua autonomia, sua subjetivação pessoal e jurídica. Na prestação de assessoria jurídico-administrativa, aparecem questões em que a necessidade de atendimento psicológico, nos casos em que o migrante chora ou relata uma situação traumática, de violência ou de exploração extremas. É claro que há aí um trabalho com a equipe que atende o migrante, que é fundamental para dar o suporte ao atendimento, mas também para uma abertura ao campo *psi*, sempre presente nos casos de migração.

Cabe ressaltar que outra fonte de encaminhamentos de migrantes para o Projeto de Psicologia são os professores de língua portuguesa. Afinal, ensinar uma língua de acolhimento, nem sempre escolhida pelo migrante, exige do professor de língua uma imersão na cultura do outro, um recontar sua história e também um relato das rotinas cotidianas na nova terra. Processo intenso que requer desses sujeitos migrantes um contar sobre si, um testemunhar sua história e muitas vezes um encontro com o que há de mais traumático no processo de migrar de uma terra à outra, de refazer a vida, de se reorganizar psiquicamente e se manter vivo na terra do outro, a despeito de tantas perdas e tantas exigências psíquicas para manter vivo seu desejo para a vida. Essas aberturas podem irromper em sofrimento ou sintomas que indicam para o professor de língua portuguesa a necessidade de um trabalho do migrante com a Psicologia.

É nesse contexto de multiprofissionalidade e de algumas referências profissionais no campo da Psicologia e da

Psicanálise para o atendimento a migrantes que o Projeto de Extensão Migração e Processos de Subjetivação desenvolve seu trabalho. Esse mesmo perfil se estende ao trabalho jurídico. Integrados, o que é elementar para ambos os atendimentos, psicológico e jurídico, o apoio aos migrantes vai do atendimento psicossocial ao atendimento clínico, é o interesse pelo sujeito que está em situação de vulnerabilidade e precariedade social e psíquica, a vida nua que se apresenta através de alguém sem direitos. Então não se pode negar o inconsciente quando ele dá sinais por tantas vias!

Por outro lado, a pesquisa, pelo viés da Sociologia, realiza a análise dos fluxos migratórios, da inserção ou integração de refugiados e migrantes na vida social brasileira e da execução das políticas públicas, oferecendo subsídios para as ações da extensão. Extensão e pesquisa se entrelaçam na dinâmica dos fluxos migratórios e das demandas de indivíduos e grupos de refugiados e migrantes. A troca de conhecimentos entre as áreas que participam do Programa é intensa e exige a reflexão epistemológica e um esforço intelectual para produção de novas metodologias de trabalho. Nesses afazeres, professores, pesquisadores, estudantes de graduação e pós-graduação se aproximam convivem e compartilham dificuldades e sonhos com migrantes e refugiados.

Ser estranho na terra de outro, estar marcado por perdas e violências de diferentes naturezas, ser o portador de um lado obscuro da humanidade – aquele que articula o mal e as atrocidades à vida humana, ou seja, o estrangeiro marcado pela desumanidade do outro e que nos faz escancarar nossa própria desumanidade, é por si só gerador um bom tanto de sofrimento. Temos aqui um compromisso ético e político com esse sujeito-migrante! Eis então um trabalho desde o campo da psicologia e da psicanálise que propõe a esses sujeitos um trabalho psíquico e que refleta em si o que há de mais essencial desde sua condição de sujeito: o desejo pela vida! E acrescentamos: implicando o outro, o campo social e o político, neste trabalho pela vida humana. E o trabalho jurídico contribui para que o sujeito-migrante volte a ser o detentor do direito a ter direitos.

Eis o nosso espaço junto aos migrantes e refugiados, entre a sua saudade e esperança. Sem nos esquecermos que "Un acte d'hospitalité ne peut être que poétique".

⁷ DERRIDA, Jacques. Da Hospitalidade. Trad. Antônio Romane. São Paulo: Escuta, 2003.

REFERÊNCIAS BIBLIOGRÁFICAS:

BOFF, Leonardo. Sustentabilidade - o que é o que não é. Petrópolis: Editora Vozes, 2005.

BORGES-MARTINS, Lucienne. Migrações Involuntárias e Impactos Psíquicos: a mediação da cultura. In: PERES, Rodrigo, et al. Sujeito Contemporâneo, Saúde e Trabalho: múltiplos olhares. São Paulo: EDUFSCAR, 2017. pp. 169-186.

CALDAS, Heloisa; ALTOÉ, Sonia (Orgs.). Psicanálise, universidade e sociedade. Rio de Janeiro: Companhia de Freud, 2011.

DEBIEUX ROSA, Miriam. A clínica psicanalítica em face da dimensão sociopolítica do sofrimento. São Paulo: Escuta/FAPEST, 2016.

DEBIEUX ROSA, Miriam. CARIGNATO, Taeco T.; ALENCAR, Sandra L. S. de S. Desejo e Política: desafios e perspectivas no campo da imigração e do refúgio. São Paulo: Max Limonad, 2013.

DEBIEUX ROSA, Miriam. Psicanálise Implicada: vicissitudes das práticas clínico-políticas. Revista da Associação Psicanalítica de Porto Alegre. Associação Psicanalítica de Porto Alegre. n. 41-42, Jun2011 - Jul2012, p. 29-40.

DELEUZE, G. e GUATTARI, F. O que é a Filosofia? Rio de Janeiro: Ed. 34, 1992.

DERRIDA, Jacques. Da Hospitalidade. Trad. Antônio Romane. São Paulo: Escuta, 2003.

FREUD, Sigmund. O Estranho. In: Obras psicológicas completas de Sigmund Freud: edição standard brasileira. Rio de Janeiro: Imago, 1919/1988. v. 14. p. 273-314.

KOLTAI, Caterina. O estrangeiro. Editora Escuta: São Paulo, 1998.

LEVINAS, Emmanuel. Totalidade e Infinito. Coimbra: Edições 70, 1980.

SOLER, Colette. A psicanálise na civilização. Rio de Janeiro: Contra Capa, 1998.





Música e Literatura citadas:

CHAO, Manu. Clandestino.

GALEANO, Eduardo.

DREXLER, Jorge. Movimiento.

DREXLER, Jorge. Asilo.

KOLODY, Helena. Emigrante.

ROSA, João Guimarães. Grande Sertão: Veredas.

88

Acolhimento e língua:

a construção de uma política linguística na UFPR

Bruna Pupatto Ruano Sérgio Ricardo Santos Lopes

Esse texto tem o propósito de discutir o papel ativo da Universidade Pública Brasileira em face ao atual cenário migratório no mundo, enquanto possível proponente de políticas públicas afirmativas, diante das necessidades emergentes da contemporaneidade.

Todos estão de comum acordo que aprender a língua majoritária do país, no nosso caso, o português, é um facilitador para a inserção de migrantes e refugiados na sociedade acolhedora e uma ferramenta para que esses cidadãos possam transitar na nova sociedade com major facilidade.

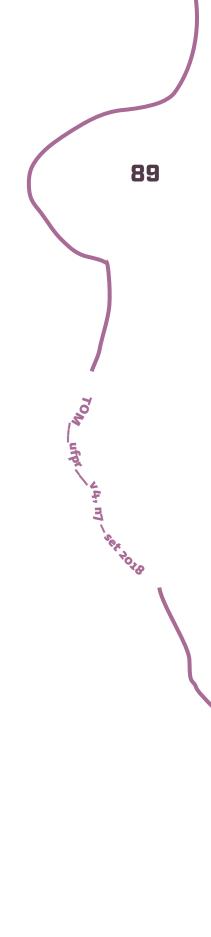
De acordo com Grosso (2010), "o direito ao ensino/ aprendizagem da língua de acolhimento possibilitará o uso dos outros direitos, assim como o conhecimento do cumprimento dos deveres que assistem a qualquer cidadão" (GROSSO, 2010, p. 69). A mesma autora ainda justifica que o desconhecimento da língua local pode constituir "uma desigualdade que fragiliza as pessoas, tornando-as dependentes e, por consequência, mais vulneráveis" (GROSSO, 2010, p. 5). Refletindo sobre uma universidade inclusiva que possui uma autonomia organizacional e tem uma missão transformadora da sociedade, a pergunta que colocamos é: qual deveria ser o papel da IES diante desse fenômeno migratório que atinge não só Curitiba e o Brasil, mas todo o mundo?

UMA NOVA MIGRAÇÃO CHEGA A CURITIBA

Ao longo de seus mais de duzentos anos de história como nação independente, a República do Haiti passou por uma série de convulsões sociais, invasões estrangeiras, golpes militares, ditaduras e uma série de conflitos que levaram um grande número de haitianos e haitianas a deixar a sua pátria. Depois do terrível terremoto de 2010, muitos viram no Brasil, que na época vivia um dos seus maiores auges econômicos da história, um lugar para buscar trabalho e melhores condições de vida.

Desde então existe um fluxo contínuo de migração haitiana no país, porém nesses primeiros anos sem nenhum tipo de amparo legal. Até que em janeiro de 2012, o Conselho Nacional de Imigração (Cnig) anuncia a Resolução n. 97/2012, que concede por um período de cinco anos o visto permanente aos haitianos por razões humanitárias, o chamado visto humanitário. Em abril de 2018 a lei foi prorrogada por cinco anos mais.

No entanto, a criação da lei não veio acompanhada de uma política migratória para acolher esses sujeitos em trânsito. Entre as múltiplas demandas da época estava a demanda de aulas de português. Em Curitiba, os primeiros cursos da língua foram oferecidos pela Casa Latino Americana (CASLA), que logo contatou a coordenação do curso de Letras da UFPR em busca de estrutura e recursos técnicos. Assim, nasce finalmente o projeto de extensão Português Brasileiro para Migração Humanitária (PBMIH) no segundo semestre de 2013. Nesses quase cinco anos de atuação o PBMIH já atendeu mais de 1200 alunos das mais diversas nacionalidades. Atualmente, o projeto faz parte de um grande Programa de extensão da UFPR intitulado "Política Migratória e Universidade Brasileira – PMUB". Ao todo, integram o Programa 9 professores e 88 estudantes de graduação e pós-graduação.



PBMIH – UM OLHAR PARA A COMUNIDADE EXTERNA

Acreditamos que, como profissionais de Letras, nosso dever é o de promover através do trabalho com a linguagem o respeito às diferenças e às individualidades, para que prevaleça sempre o princípio da igualdade entre os cidadãos.

Inspirado por esse princípio, ocuparam-se desde então os últimos andares do edifício Dom Pedro I, as instalações tradicionais do curso de Letras, para desenvolver as aulas de Português como Língua de Acolhimento (PLAc). O PBMIH nasceu influenciado pela onda migratória vinda do Haiti, em decorrência da atrocidade que foi a catástrofe natural, no entanto, de 2013 pra cá, as catástrofes não cessaram, multiplicaram-se os idiomas, os países e as histórias de cada um deles: sírios, congoleses, venezuelanos, senegaleses, camaroneses, tunisinos, argentinos e outros mais.

O projeto de extensão Português Brasileiro para Migração Humanitária sempre se colocou como um espaço de construção de diálogos, trocas de ideias, propagador da voz e da visibilidade do migrante e dos seus anseios, necessidades, planos e toda uma série de demandas próprias de quem deixa a sua terra por necessidade. Foi essa ideia que nos motivou a convidar outras vozes da universidade interessadas por esse diálogo: os cursos de Direito, Informática, Psicologia, História e Sociologia vieram a somar ao que posteriormente se transformou no Programa Política Migratória e Universidade Brasileira (PMUB).

EVENTOS CULTURAIS E A EDUCAÇÃO DO ENTORNO

Outra preocupação do Projeto foi ir além dos muros institucionais e propor outros espaços acolhedores, de debate e reflexão tanto para nossos alunos migrantes e refugiados



Lopez (2016) defende a língua de acolhimento atrelada à **educação do entorno** (MAHER, 2007), no sentido de que é necessário que os programas de PLAc incorporem em seus projetos pedagógicos ações de sensibilização à sociedade acolhedora para que a partir do conhecimento comecemos a fomentar a tolerância, o respeito e a empatia.

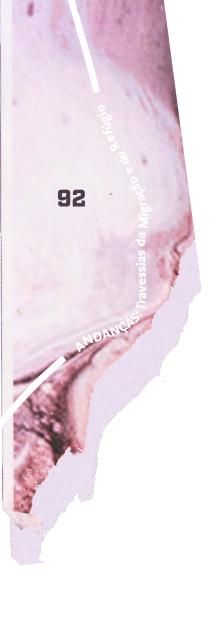
A partir dessa perspectiva, surge, em 2014, o Núcleo de Atividades Culturais do PBMIH¹ e desde então organizamos inúmeras atividades das mais diversas naturezas: a) ocupação de espaços públicos e culturais da cidade: visitas ao museu Oscar Niemeyer, ao Museu Municipal de Arte (MuMA), ao Solar do Barão, ao Teatro Guaíra; b) promoção das manifestações artísticas e culturais propostas e feitas pelos alunos do projeto: festas de fechamentos de módulos, show de talentos, peças de teatro, música, dança; c) divulgação da(s) língua(s), cultura(s) e narrativas em espaços públicos: mostra de cinema haitiano, mostra de literatura haitiana, curso de *créole*, evento Somos tod@s migrantes, literatura de refúgio, semana do migrante, entre outras.

Essas experiências têm nos mostrado que por um lado, essas atividades propiciam que espaços públicos, culturais do nosso entorno sejam ocupados por esses sujeitos, tornando-os de fato visíveis para muitos. Por outro lado, atividades como o Literatura de Refúgio² é um exemplo de como é importante criar lugares de enunciação para essas vozes deslocadas do seu lugar de origem, para que esses sujeitos possam se utilizar desse instrumento para ressignificar suas trajetórias e reconstruir suas vidas nesse novo país.

Para além das atividades culturais e o ensino de português para a comunidade externa à UFPR, o PBMIH, em parceria com o projeto da Psicologia, também está a frente de ações de acolhimento a migrantes e refugiados que já estão inseridos em diversos cursos de graduação da nossa Instituição.

¹ Mais informações sobre o Núcleo de Atividades Culturais do PBMIH podem ser encontradas em Ruano e Cursino (2016) e também em Ruano, Grahl & Pereti (2016).

² Para conhecer mais sobre o evento Literatura de Refúgio consultar as errâncias poétinicas desse número da Revista TOM.



PROGRAMA REINGRESSO: O ACOLHIMENTO À COMUNIDADE UFPR

O caminho do Programa Política Migratória e Universidade Brasileira vem sendo construído desde o princípio tendo como base as demandas que surgem durante o trajeto. Assim, uma das questões que sempre esteve presente entre os nossos alunos era o acesso à universidade e a possibilidade de seguirem com seus estudos. Em 2015 principia o Programa Reingresso, com a Resolução 13/14 – CEPE, que

aprova normas para acesso de migrantes regularmente admitidos no Brasil e portadores do estado de refugiado do seu país de origem ou de visto humanitário e que tenham iniciado cursos superiores em instituições de ensino no estrangeiro aos cursos de graduação da UFPR, com fulcro no Art. 44 da Lei nº 9474 de 20 de julho de 1997 (UFPR, 2015).

Desde a implementação da política do reingresso (2015) até o presente momento, cinquenta e dois alunos e alunas com **status** de refugiado/a ou visto humanitário foram admitidos na Universidade Federal do Paraná nos mais diversos cursos de graduação da Instituição. Porém, desde o início, foi uma preocupação presente do Programa pensar para além do acesso. Estamos discutindo, desde então, políticas de permanência e de acolhimento, para que, além dos migrantes e refugiados terem o direito de prosseguirem com seus estudos na UFPR, possam ter condições de permanecer na Instituição, na medida em que a mesma leve em conta suas especificidades e, mais ainda, que a Universidade possa propor ações internas que permitam o sucesso desses sujeitos ao longo de sua trajetória acadêmica. Nesse sentido, algumas ações estão sendo colocadas em prática pela nossa equipe. A saber:

Curso de Acolhimento Linguístico e Acadêmico

– Com duração de cinco semanas esse curso intensivo foi oferecido aos alunos oriundos do edital reingresso no ano de 2016 e 2017. Todas as atividades aconteceram anteriormente ao ingresso desses estudantes na UFPR. O curso inclui 50h de aulas de português como língua de acolhimento para fins acadêmicos, atividades de integração nos diversos campi da

Instituição e atividades promovidas pelo projeto da Psicologia – Migração e Processos de Subjetivação: Psicanálise e Política na Rede de Atendimento aos Migrantes.

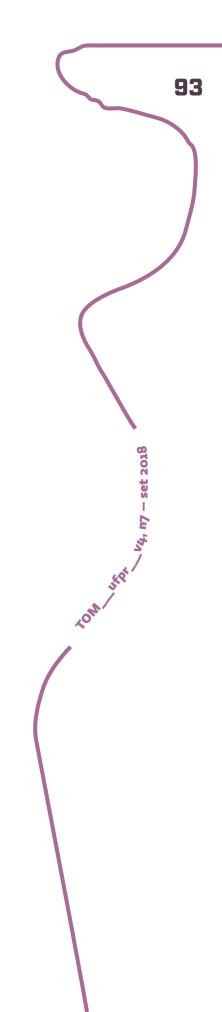
Disciplina Português como Língua de Acolhimento para Fins Acadêmicos – Disciplina optativa ofertada pelo Curso de Letras nos anos de 2017 e 2018 para dar formação continuada a esses estudantes no que concerne à prática relacionada aos gêneros textuais próprios do ambiente universitário. Além disso, a disciplina tem a preocupação de propiciar aos estudantes uma compreensão da estrutura institucional e cultural de diversas esferas da universidade.

Parceria CAPA (Centro de Assessoria de Publicação Acadêmica) – No ano de 2017 foi firmada uma parceria com o CAPA para a formação de duas estagiárias do projeto PBMIH para apoiar os alunos migrantes e refugiados na escrita de seus trabalhos acadêmicos e artigos científicos.

Programa Tutoria-Reingresso – Com o intuito de facilitar o processo de adaptação acadêmica dos(as) selecionados(as), dá-se início ao Programa de Tutoria de Reingressos. Nesse sentido, foram desenvolvidas ações de acompanhamento do desempenho desses estudantes por meio do contato com professores e alunos do Projeto Migração e Processos de Subjetivação, do Departamento de Psicologia, e também acompanhamento de tutoria nas instâncias do curso, realizado por um(a) colega da área de estudo do(a) estudante reingresso.

Acreditamos que ações dessa natureza precisam ser mantidas e ampliadas como políticas afirmativas da Instituição. Pensamos também que as IES devem contribuir ainda mais propondo soluções para a problemática do fenômeno migratório mundial, por meio de discussões, pesquisas, incluindo e criando possibilidades para que esses sujeitos tenham mais condições de vir a somar com o seu grande potencial a nossa comunidade interna e com a sociedade como um todo.

Para concluir, consideramos que práticas dessa natureza funcionam como uma via de mão dupla: sem dúvida alguma o Programa se consolidou como um importante suporte para os migrantes e refugiados que se estabelecem na cidade; no



94

entanto, a comunidade acadêmica em geral ganha com práticas mais humanizadas, diversidade de ideias, visões de mundo que chegam com cada um deles, contribuindo para uma universidade mais democrática, solidária, tolerante e multicultural, qualidades tão caras aos tempos em que vivemos.

REFERÊNCIAS:

GROSSO, M. J. dos R. *Língua de acolhimento, língua de integração*. Horizontes de Linguística Aplicada, v. 9, n. 2, p. 61-77, 2010.

LOPEZ, A. P. de A. **Subsídios para o planejamento de cursos de português como língua de acolhimento para imigrantes deslocados forçados no Brasil**. Dissertação de Mestrado, UFMG, 2016.

MAHER, T.M. Aeducação do entorno para a interculturalidade e o plurilingüismo. In: KLEIMAN, A. B.; CAVALCANTI, M. C. (orgs.) Lingüística Aplicada: suas faces e interfaces. Campinas: Mercado de Letras, 2007, p. 255-270.

RUANO, B. P.; CURSINO, C. Português Brasileiro como Língua de Acolhimento. Projeto PBMIH: um estudo de caso. In: Anais do I Congresso Internacional de Linguagem. Ponta Grossa: UEPG, 2016.

RUANO, B. P.; GRAHL, J. A.; PERETI, E. Português Brasileiro para Migração Humanitária (PBMIH):construindo um projeto de integração linguística, cultural e social. In: RUANO, B. P.; SALTINI, L.; SANTOS, J. P. (Orgs). Cursos de português como língua estrangeira no Celin-UFPR: práticas docentes e experiências em sala de aula. 1a. Ed. Curitiba: Editora UFPR, 2016, p. 291-320.







Literatura de Refúgio

Alessandra de Freitas Carla Cursino João Arthur Pugsley Grahl Viviane Pereira

O meu país é meu lugar de fala. Este verso de Douglas Germano, que encontra força e ressonância na voz de Elza Soares, é aqui evocado para representar de alguma maneira a poetnicidade destas errâncias; não sem antes pedirmos licença. Pedimos licença aos curadores do sexto número da Caderno de Ensaios TOM que inauguraram as Errâncias Poétnicas; pedimos licença também às mulheres negras que integram o repertório daquela edição e que, como Elza Soares, usam suas vozes para dizer o que se cala, que lutam e resistem poetnicamente. Mil nações moldam a cara desta seção e encontram em todas as poétnicas vozes do Literatura de Refúgio lugares de fala. Mas também lugares de grito, lugares de protesto, lugares de silêncio - aquele que não é silenciamento, mas que no vão, no triz acha a força que o embala.

Seguimos errantes. Mas não é só o polegar opositor ou a laringe que nos caracterizam como seres humanos. Somos seres poéticos, dizia Octavio Paz. Podemos mudar o ritmo da linguagem do dia-a-dia, da prosa corriqueira da conversação para que provoque emoção, excitação, amor, indignação, tédio, tristeza, ódio, alegria, transcendência. Tinha sido assim quando migrávamos coletando e caçando. Era assim quando nos estabelecemos construindo cidades, fazendo plantações. É assim quando as cidades são destruídas, as populações mortas, os celeiros incendiados. O xamã, médium, profeta está sempre presente, transformando prosa em poesia, retomando o passado, predizendo o futuro, recitando o presente. Há ainda gente que migra. Já não caçam ou coletam frutos silvestres, que quase não existem mais. Mas buscam um Éden do qual foram expulsos e de onde só provaram da árvore do conhecimento do mal.

Exilados da Síria, Assíria, do Haiti, da China, Cochinchina, da Babilônia, Venezuela, Polônia, da Iugoslávia, o projeto



Literatura de Refúgio busca dar voz a esses xamãs, médiuns, profetas que, expulsos de seus lares, buscaram refúgio em sua linguagem.

Impossível não sentir um estranhamento, um receio, quando ouvimos uma espécie de glossolalia sem sentido.

ةلبنقلاو ةلبنقلا نيب ةلصافلل أركش

Mas após, ouvindo a tradução do árabe: a primeira palavra significa "obrigado", um agradecimento. O receio e o estranhamento desaparecem. "Obrigado ao intervalo entre bomba e bomba". Verso que mostra o parimento de muitos migrantes: sírios e sudaneses de hoje, libaneses de ontem... outros, seguramente, de amanhã...

Ou ainda quando Jeanie Bogart grita:

MONGRAND-PÈRE/S'ÉTAITLACÉRÉLES

MAINS/SURLESFEUILLESDECANNESÀSUCRE

GRAND-MÈRE/
D'UNEGOUTTEDECLAIRINSURMALANGUE/
MESOUHAITALA BIENVENUE/

LEJOURDEMANAISSANCE

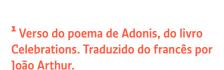
Obviamente histeria de uma mulher negra haitiana!...

MEU AVÔ/LACEROU AS MÃOS/NAS FOLHAS DA CANA-DE-AÇÚCAR

AVÓ/COM UMA GOTA DE CACHAÇA EM MINHA LÍNGUA/ME DESEJOU AS BOAS VINDAS/NO DIA DO MEU NASCIMENTO²

...não! A história do Haiti que historiador algum seria capaz de contar, em alguns versos!

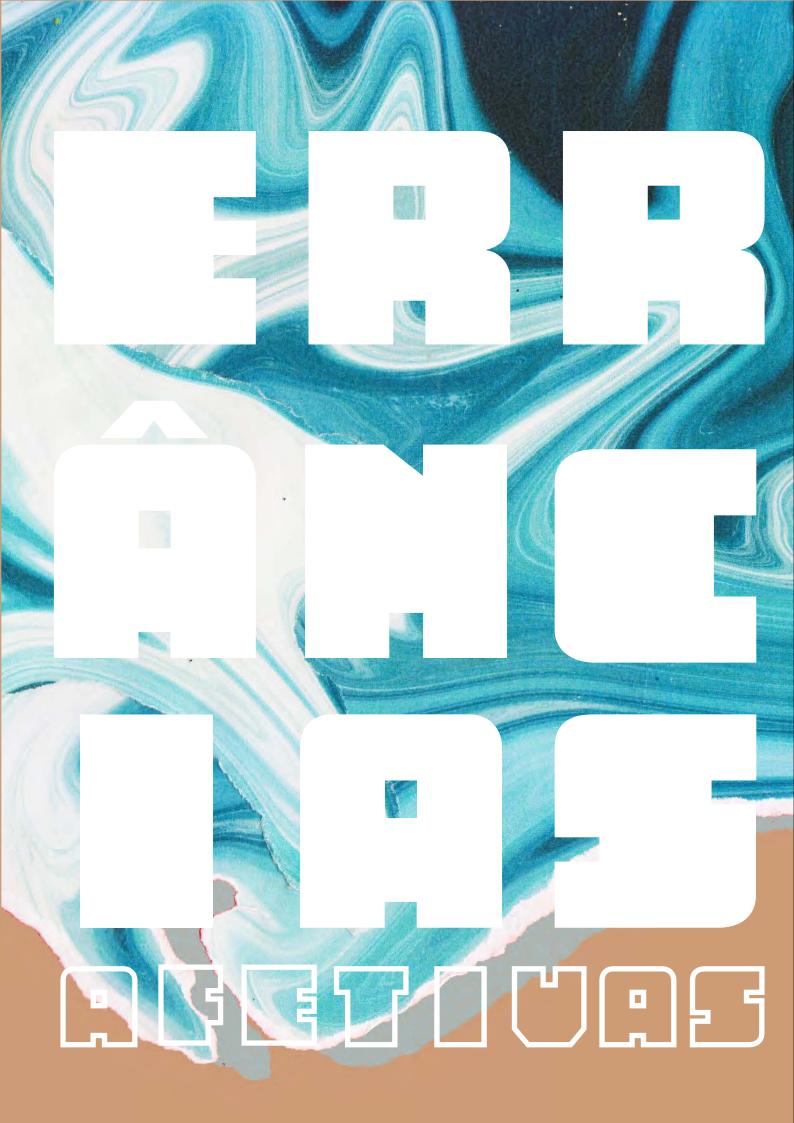
Com o literatura de refúgio retomamos a prática do escambo... Ensinamos a nossa cultura, nossa língua, mas queremos também nos desfazer de nossa profunda ignorância quanto à língua e a cultura do outro, da outra, que bate à nossa porta, cuja "metade está lá, e a outra metade está aqui, metade viva, metade morta"³.





² Amostra de parte do poema le cri, "o grito", traduzido pela aluna de letras Rafaela Tchuk

³ Ultimo verso do poema "No refúgio, de Safer Saleh, poeta iemenita". Traduzido por Riad, refugiado Sírio e João Arthur.





GUIA GASTRONÔMICO RECEITAS DE FAMÍLIA

DANÇAS



Guia Gastronômico

"Os refugiados moram no ar", nos disse Myria, uma das entrevistadas desta reportagem. Mas o que ela quis dizer com isso? Em primeiro lugar, quem, sabe, porque podemos pensar os migrantes como os pássaros que batem asas mundo afora em busca de melhores condições de vida. As jornadas são longas, exaustivas, cheias de percalços, mas novas terras firmes trazem alento e novas perspectivas. Mas Myria também nos fala desta condição, por vezes difícil, de ser uma circunstancial cidadã do mundo, que não se sente totalmente em casa nem no novo país, mas não se sentiria mais completa em sua antiga morada. Guiada por uma intuição de que a caminhada dos migrantes, mesmo repletas desses não-lugares, de palavras novas, de novas vivências, pode reencontrar um rumo no encontro entre paladares, a equipe de reportagem buscou conversar com quatro famílias de refugiados que hoje abriram negócios no ramo gastronômico em Curitiba. A comida típica, a culinária, os temperos, aromas e sabores foram sua valiosa ponte entre as suas culturas e a brasileira; o princípio de um porto seguro para suas famílias.

Assim, neste Guia Gastronômico, as histórias falam por si só. Gostaríamos que cada leitor pudesse sentir o misto de cheiros, sabores e cores das receitas que experimentamos, vindas do Haiti e da Síria. Confira a seguir a história de quatro famílias que chegaram à Curitiba sem falarem português e sem recursos, e que conquistaram vizinhos e amigos "pela barriga", abrindo restaurantes ou serviços gastronômicos pela cidade: Break Time Bar Company; YallaComer; Yasmin Comida Árabe e Beduíno Comida Árabe:

Sessão ilustrada por Helen Sippel & Mariana Provenzi 103
TOM_ufpr__v4, n7 - set 20



Música e comida unem nações: no bar do Berthony essa é uma verdade

Haitiano chegou ao Brasil e virou dono de um bar, agora ele quer ser dono de restaurante

Maria Fernanda Mileski

Lá pelos tantos da década de 30, o bairro Boqueirão, em Curitiba, foi o lugar em que se instalaram migrantes russos. Deixaram sua marca. Foram eles os responsáveis por ações empreendedoras que desenvolveram a região. Mas não foram só os russos que enxergaram empreendedorismo no Boqueirão. O Haiti está lá, e também abrindo negócios de cores, cheiros e sabores do país caribenho.

É só chegar. O **Break Time Bar Company** nasceu assim, da força de vontade de Berthony Pierre, um cara que descobriu o sonho de criar uma empresa para divertir. Na matemática, mais com mais sempre vai dar valor positivo. É a fórmula perfeita: comida e música. O resultado só pode ser bom.

Foi no começo de 2018 que Berthony Pierre, sua companheira Laurette Bernadin e o amigo Harold Dumorne receberam a proposta de gerenciar o bar. O trio não pensou duas vezes, arregaçou as mangas e começou a trabalhar.

Berthony Pierre nunca imaginou ser dono de um restaurante. Ele nasceu para a música e a comida entrou na sua vida como uma feliz casualidade do destino. No Haiti cantava no coral de sua igreja e fazia curso técnico de radiojornalismo. Quando veio para o Brasil, há sete anos, viu a oportunidade de fazer as coisas por si mesmo. Já tentou montar uma banda com os amigos logo que veio para Curitiba, a *Recif*, mas não deu certo. E, mesmo agora, trabalhando no bar, ele não esqueceu seu amor pela música.



106

Berthony parece gostar de unir coisas de que gosta. E a fórmula perfeita se repete. Ele até está criando um novo ritmo musical, o Companejo— uma mistura do sertanejo com o Compa, principal ritmo haitiano—, que não se arrisca a mostrar, pois o projeto ainda não saiu do papel. A vontade dele é um dia poder tocar o Companejo no palco do seu restaurante ou até ouvir nas rádios a sua música.

O BAR DE ESQUINA NO BOQUEIRÃO

O **Break Time Bar Company** está funcionando há dois meses sob os cuidados dos três haitianos. E parece que o bar era para ser de Berthony mesmo. Assim que foi morar no Boqueirão, ele começou a trabalhar para o antigo dono do local. No presente, mas com os olhos de quem enxerga o futuro, Berthony teve a ideia de oferecer aos clientes nos finais de semana pratos típicos do Haiti. O dono topou e deu certo.

Um tempo depois, o proprietário do bar ofereceu alugar o local para Berthony. Seria a primeira experiência dele como empreendedor. Mas isso não foi nada amedrontador. Ao conversar, receber e atender os clientes, ele demonstra toda a dedicação e vontade de fazer o negócio dar certo.

Para Berthony, o bar tem um significado maior, que é mostrar a cultura do Haiti. Quando o país se resume a terremoto e miséria para o brasileiro, eis que surge um equívoco que ele quer desmistificar. "Quero mostrar que não é só isso que eles estão imaginando. Tem muito mais. Principalmente, tem uma culinária ótima. É com esse objetivo que eu estou montando o **Break Time Bar Company**", conta.

E para quem desejar experimentar a comida haitiana, é só chegar. Quem prepara os pratos é Laurette Bernadin, também proprietária do bar. O cardápio tem a banana frita com um acompanhamento, que pode ser de frango e peixe. Uma comida que supera as expectativas. Laurette é fisioterapeuta, mas nos finais de semana se dedica na cozinha do bar e conta faceira para os clientes como preparar a comida haitiana. O local também serve sanduíches e aperitivos que não são típicos da culinária haitiana, mas atendem os clientes quando a dona está trabalhando numa clínica de fisioterapia no meio da semana.



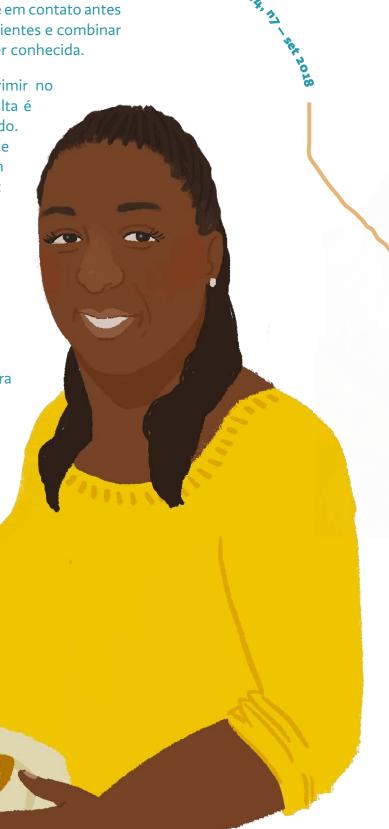
Fora a banana frita, é possível experimentar também outros pratos típicos do Haiti, como o feijão carioca com arroz. Para isso, os donos pedem que o cliente entre em contato antes para que eles possam providenciar os ingredientes e combinar um preço. A culinária do Haiti está aí para ser conhecida.

Da marca que Berthony quer imprimir no local, sempre que está aberto o que não falta é música. O bar já tem um palco improvisado. E quando não tem música ao vivo (que acontece normalmente aos sábados), tem música haitiana tocando. O Compa é hit imprescindível na lista musical do bar. Para Berthony, a música é o diferencial que agrada seus clientes e inevitavelmente faz conhecer a cultura do seu país.

E ASSIM SURGIU UM SONHO

Anos atrás, se Berthony parasse para fazer planos no futuro, administrar um bar definitivamente não estava na lista de desejos. Mas aconteceu. E se aconteceu, porque não abraçar com todas as forças a conquista? Hoje, Berthony já pensa grande. Ele quer fazer crescer o **Break Time Bar Company**, para que um dia possa abrir um restaurante haitiano no centro de Curitiba.

Além de abrir um restaurante, a vontade de Berthony vai além. Ele já tem um bar que tem a proposta de mostrar a cultura haitiana para brasileiros. Uma causa nobre. Seu sonho do futuro também tem por objetivo oferecer

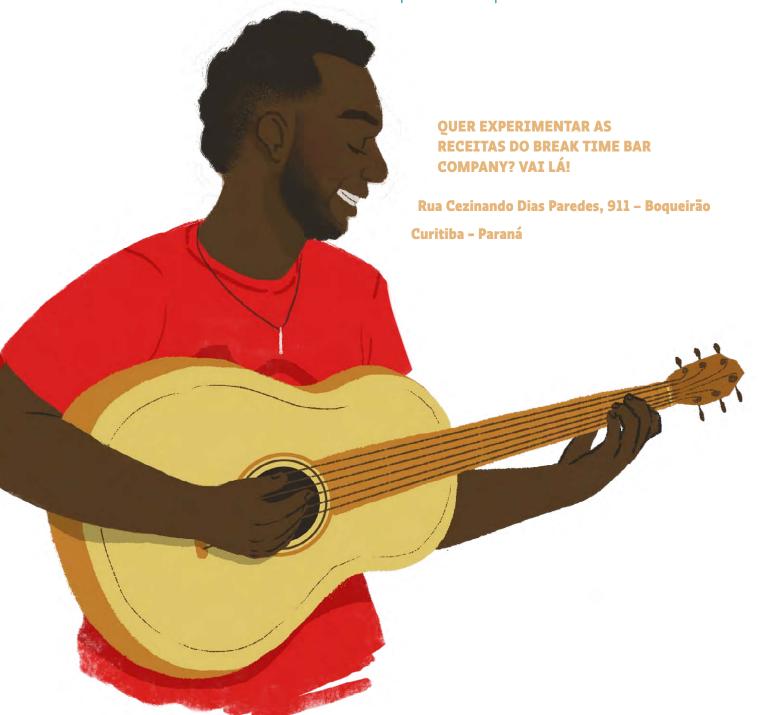


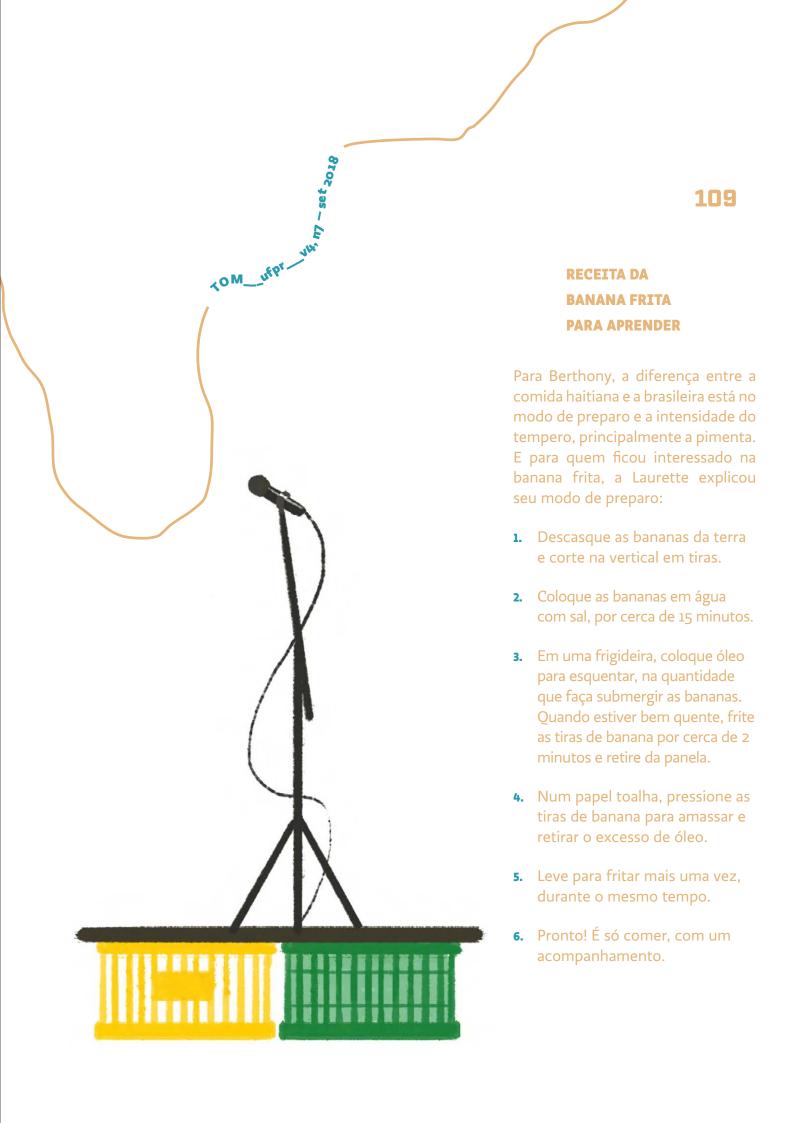
107

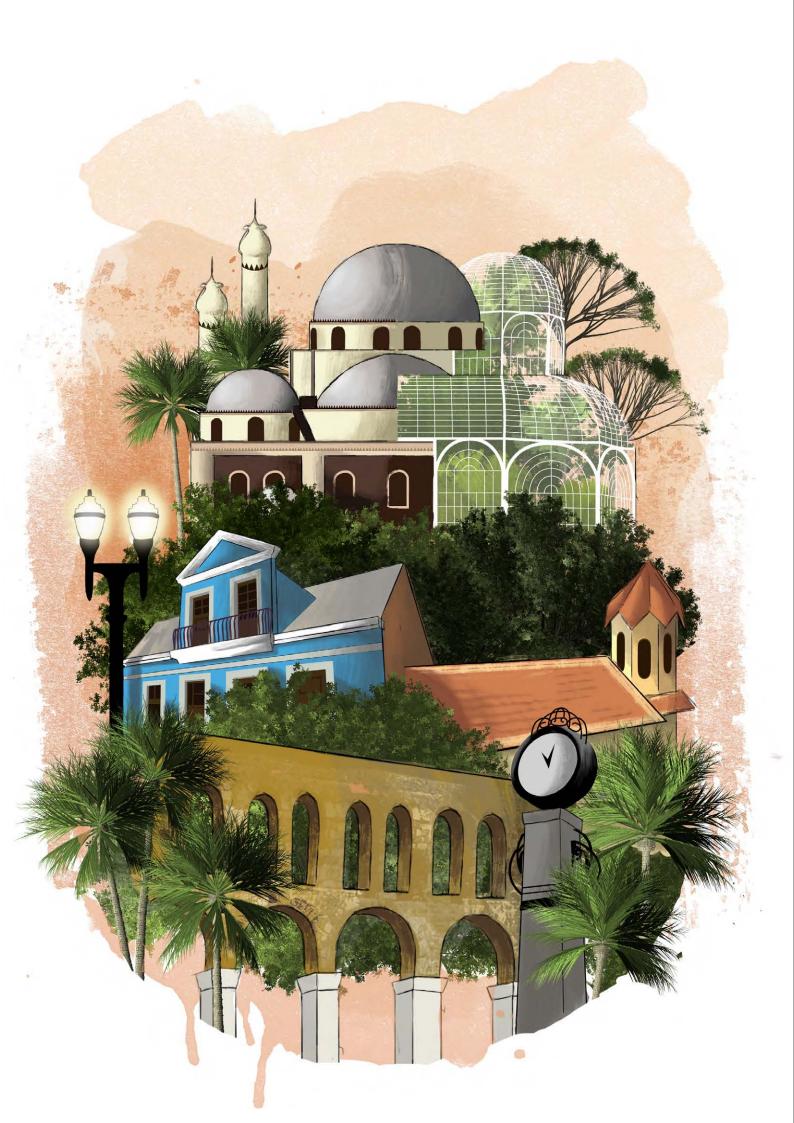
108

empregos. "Hoje não consigo contratar pessoas, pois estou há pouco tempo cuidando do bar. Mas a ideia de crescer no negócio é para também contratar, não só haitianos", conta ele.

O sonho de Berthony só colocou o primeiro pé na dimensão da realidade. Se trabalhar bastante for critério para alcançar algo maior, Berthony, Laurette e Harold estão certos de que esse é o melhor caminho e não vão poupar tempero haitiano para isso. 🥌







BORA COMER?

Manuela Salazar

Conhecer o espaço Yalla Comer é uma experiência que transforma visões sobre sabores e culturas. Logo de cara, você encontrará com o sorriso amplo de Ibrahim Kanjo, 56, e a simpatia de seu filho Ayham Kanjo, 27. Ambos migrantes sírios, tocam o espaço com aquele jeitinho que parece estender o espírito do lar para o restaurante.

Entre os aromas que se espalham no ar, o mais marcante é o do delicioso pão sírio, feito diariamente no local, e provavelmente o mesmo que desliza pelas ruas de Aleppo, cidade original da família Kanjo no norte da Síria e uma das regiões mais atingidas pela guerra que já se estende por sete anos. Ayham saiu da Síria em 2011, pouco antes da eclosão dos conflitos, e nunca mais voltou, passando por diversos países árabes e desembarcando, em 2014, em São Paulo. Foram muitos anos longe de sua família, que também migrou para o Brasil. Aqui todos eles encontraram refúgio para estudar, trabalhar, conhecer novas línguas e desenvolver novos futuros, já que perderam tudo na explosão da fábrica de móveis da família. Viveram alguns anos em São Paulo, até que, em 2016, ele, seu Ibrahim, o irmão Tarek, a mãe e o padrasto vieram para Curitiba. Ayham conseguira uma vaga em uma graduação na UFPR, mas a mudança não foi apenas por isso: eles encontraram na cidade ecos de sua saudosa Aleppo. "Curitiba era parecida com nossa cidade Aleppo. Chamei minha família: cidade pequena, limpa, organizada. Não como São Paulo, que é maior que a Síria e o Líbano juntos!", explica Ayham.

A mudança fez com que Ibrahim abandonasse seu emprego como carpinteiro em São Paulo. Em Curitiba, sem tanta sorte para encontrar trabalho e com uma personalidade ativa e criativa, ficou inquieto. Com a chegada do primeiro ramadã, o apartamento da família despertava curiosidade dos vizinhos: de onde vinha aquele cheiro delicioso de pão? Como é tradição da religião, começaram a compartilhar comida com







112

os vizinhos, que começaram a contar para outras pessoas e despertar interesse. Resultado: seu Ibrahim começou a vender esfihas e outros quitutes sírios pelo centro da cidade, montado em sua bicicleta com um repertório bastante reduzido do português. Os filhos ficaram impressionados quando perceberam que as pessoas na rua conheciam seu pai ao longo dos oito meses em que fez fama na região central da cidade. Não foi à toa: além de sua simpatia, as esfihas de Seu Ibrahim são frescas, crocantes, com massa fininha e saborosa, e recheios temperados na tradição síria. O foco deles é o alimento fresquinho, bem preparado, de receita original. Foi este o caminho gradual que os levou a juntar o investimento necessário para abrir as portas do Yalla Comer. Yalla significa "vamos", além de conter a palavra Alá, Deus em árabe; o nome do restaurante é, portanto, um convite para conhecermos melhor a cultura síria.

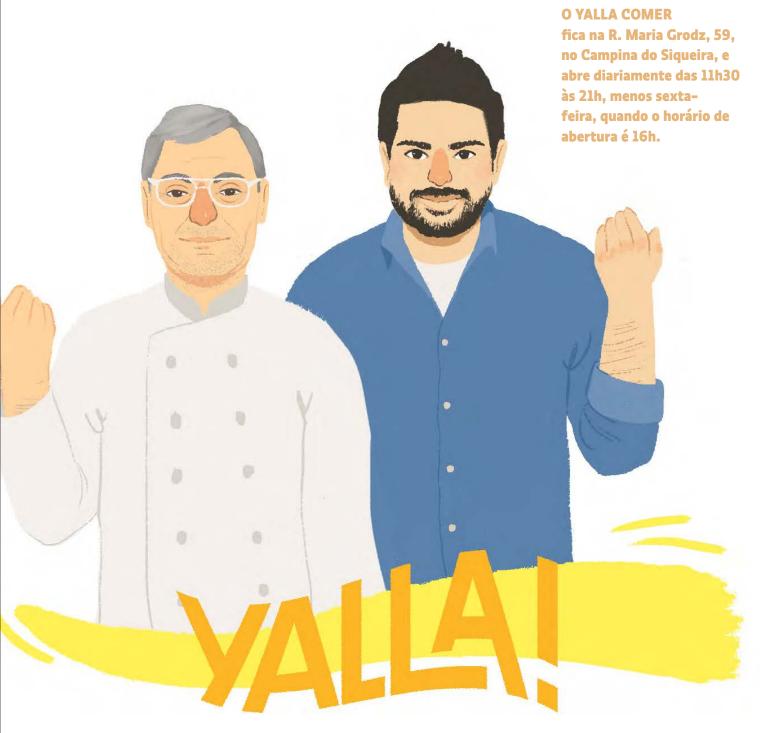
Manter as tradições vivas mesmo longe de casa parece ser o grande mote do espaço, inaugurado no início do ano. O chá preto, que pode ser servido antes das refeições, com seu sabor encorpado e cor avermelhada, vem direto da Síria. Mas, outros ingredientes não se encontram tão facilmente, como a tahine, tradicional pasta de gergelim. A vendida no Brasil segundo Ayham, não concentra o mesmo sabor; o ideal é buscar importadas. Mais complicado ainda foi encontrar por aqui a carne halal, que segue as tradições muçulmanas de criação e abate dos animais, mesmo que o Brasil seja o maior exportador deste tipo de carne para o mundo árabe. Após muita busca, encontraram fornecedores considerados confiáveis para poderem oferecer delícias como o Quibe Saj, que é primeiro frito e depois assado, o que resulta em uma textura crocante por fora e macia por dentro, além de grande leveza no sabor. Não deixe de pedir.

Tempero é a palavra chave da comida do Yalla Comer. Quem está acostumado a frequentar outros restaurantes árabes e sírios em Curitiba sentirá a diferença. Os temperos das receitas tradicionais nos pareceram mais meticulosos: um cálculo exato entre azedinhos, adocicados e salgados, para nós antes desconhecidos. Apesar de gostar muito da comida



113

brasileira, Ayham a considera de temperos brandos. "Até os restaurantes sírios suavizam e adaptam os temperos", diz, consternado com estranhezas como esfiha de porco (tipo de carne proibida no cardápio muçulmano), e a mistura de carnes no shawarma. "As carnes são temperadas de maneiras diferentes, e acabam sendo digeridas de modos diferentes", explica ele. Mesmo que o cardápio seja estritamente tradicional, ele conta que acabam às vezes por ceder às vontades dos clientes. Mas não entende como podemos querer colocar batata frita dentro do lanche!





Das flores de jasmim se fez Yasmin

A união fez a força para a família síria que criou no Brasil uma empresa que ofeçece culinária síria e conquista o paladar dos clientes brasileiros

Maria Fernanda Mileski

A Síria vive. E os sírios estão aí para contar sua história. De lá para o Brasil, eles trouxeram suas tradições e seus sabores. E de sabores a família Tokmaji entende bem. Donos do **Yasmin Comida Árabe**, criaram um negócio que nasceu no Brasil, mas as raízes são sírias com muito orgulho. Hoje, a empresa atende encomendas, eventos e feiras. E, com a receptividade síria, é muito fácil também experimentar a comida árabe na casa dos Tokmaji, num jantar especial como se já fosse da família.

O **Yasmin Comida Árabe** pertence à Zuka Khouri, seus filhos Myria e AbedTokmaji e sua nora Lucia Loxca. A família síria encontrou na gastronomia uma forma de fincar os pés nas terras brasileiras e se sentir mais em casa. Para comer não é preciso falar a mesma língua. É sob esse discurso que eles conquistam clientes em Curitiba. Para agradar o paladar, o cardápio tem pasta de grão de bico, arroz com lentilha e cebola



frita, esfiha de carne, kafta, salada fatuch, pão sírio caseiro e muitas outras opções de comida. Na Síria cada jantar é uma opção diferente, tamanha a variedade.

Quando a família chegou ao Brasil a perspectiva não era das melhores. Sem trabalho e sem falar o português, Zuka começou a fazer esfiha e vender de porta em porta para os vizinhos em São José dos Pinhais, onde moraram anteriormente. Foi o que salvou a família na saga brasileira. Mas foi MyriaTokmaji a responsável pela ideia de abrir um negócio culinário. Sempre interessada por arte, a designer gastou a sola dos sapatos andando pela cidade conhecendo museus e eis que conheceu uma feira de patchwork. Sim, uma feira! Empolgada, ela levou seus pais para conhecerem.

Diante da depressão de estar longe da Síria e num país desconhecido, a feira foi a oportunidade que abraçou a família. "Essa feira foi a chave. Minha mãe observou e falou 'olha quantas mulheres estão trabalhando no Brasil, e com artesanato!' Ela se animou muito e entramos na feira vendendo comidas árabe. Não saímos até agora", conta Myria sobre o começo do **Yasmin**.

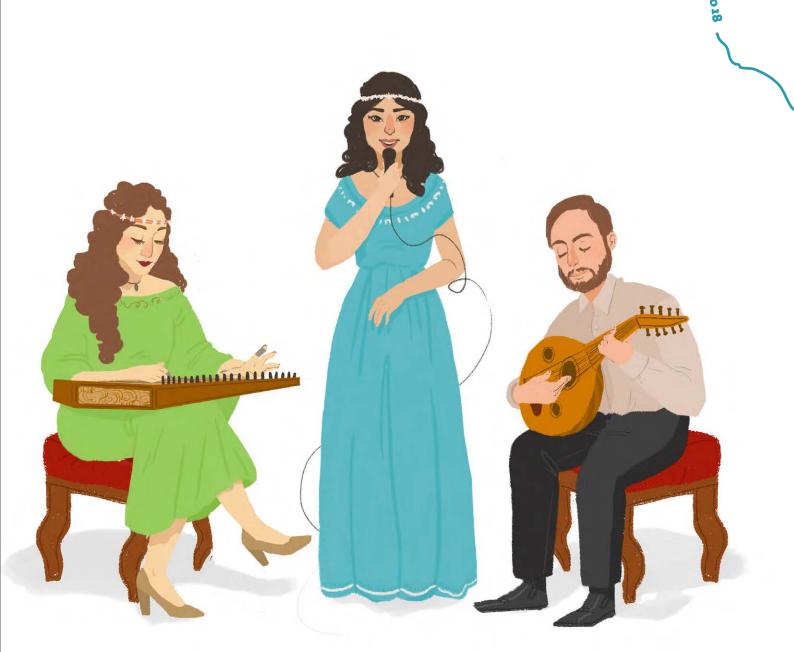
A FEIRA FOI SÓ O INÍCIO

De pouquinho em pouquinho a família comprou equipamentos para trabalhar na feira. Abed Tokmaji conta que o início foi bem complicado, pois era preciso juntar dinheiro. Foi cerca de um ano até de fato iniciar o negócio. A família foi persistente e todos arregaçaram as mangas para dar certo. Cada pessoa investiu o seu talento, o que tornou o **Yasmin Comida Árabe** único. Myria, por exemplo, criou a logo da marca com as suas habilidades de designer.

Depois de participar das feiras, a família começou a ver futuro. Sem medo de trabalhar, começaram a participar de eventos e fazer entregas em domicílio. O negócio já estava crescendo e os Tokmaji não tinham mais fôlego para atender os clientes morando em São José dos Pinhais. Foi aí que eles se mudaram para uma casa no bairro Bigorrilho, em Curitiba, com cara de casa síria como se tivesse sido construída para eles.

Na nova casa, Myria teve a ideia de fazer pelo **Yasmin Comida Árabe** algo que é muito comum na tradição síria, receber pessoas para jantar na própria casa. Para ela, essa é uma das principais diferenças entre o povo sírio e brasileiros. "Eu tenho muitos amigos, mas nunca entrei na casa deles, pois eles não têm o hábito de chamar. E na Síria é 100% contrário. É da nossa cultura, gostamos de receber gente em casa", relata Myria.

A família não tem ainda um restaurante e por enquanto não tem capacidade para isso, porém os jantares na casa dos Tokmaji são uma oportunidade de as pessoas conhecerem o negócio e talvez se tornarem clientes. E o cardápio agrada.



117

118

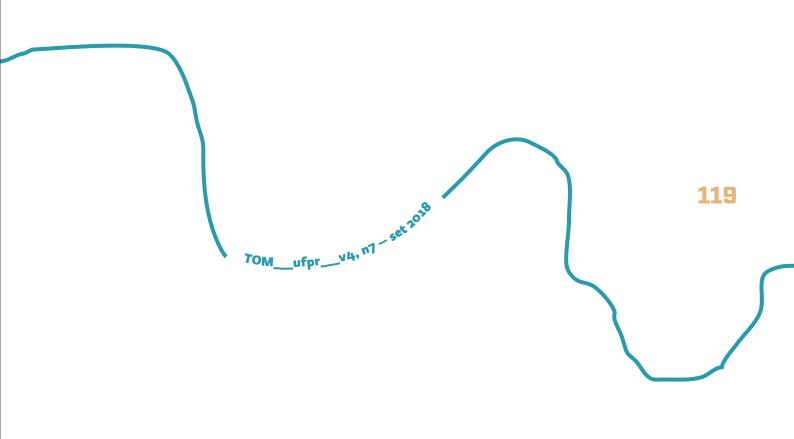
Para o jantar acontecer, a família colocou um anúncio no site internacional *Dinneer*, que conecta pessoas com desejo de vivenciar experiências gastronômicas e anfitriões que oferecem jantares exclusivos em suas próprias casas. "É uma maneira de a gente se integrar com os brasileiros também. Entram na nossa casa, para comer, conversar, tocar música. É muito rica a troca que fazemos nessa mesa. Então está dando muito certo", relata Myria, que é cheia de histórias para contar de jantares com pessoas desconhecidas.

YASMIN FLORESCEU COMO A FLOR PARA OS TOKMAJI

O nome **Yasmin Comida Árabe** é uma homenagem. Referência à flor jasmim, cujo nome vem do árabe **Yasamin**, é uma lembrança da Síria que para Myria representa saudade. Foi ela quem teve a ideia do nome, que é fácil para o brasileiro falar e significativo para a família síria.

Myria conta que em Damasco, capital da Síria, jasmins são comuns ao andar nas ruas. E, quando ela se lembra do cheiro da flor, se vê transportada para a Síria como em uma mágica impossível. Do aroma de uma planta para o aroma de uma comida, a família Tokmaji construiu uma empresa que ainda está no começo, mas que entrega carinho e muitas histórias por meio de cada prato típico da Síria.







Telefone: (41) 998-554-811

(41) 998-136-759



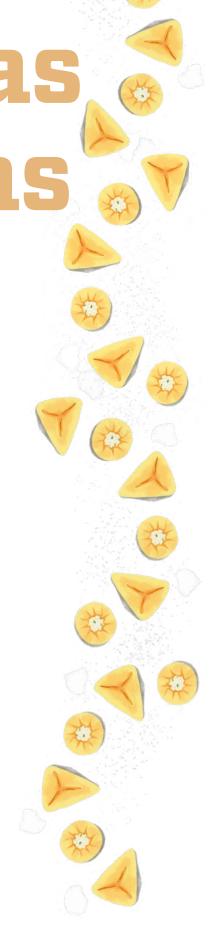
O sabor das montanhas

Manuela Salazar

"As montanhas têm um sabor diferente dentro da gente", diz Baha Hadaifa, migrante sírio, ao lembrar de Sweida, sua cidade original, na região montanhosa do sul da Síria, próxima da fronteira do Líbano. Mas que sabor seria esse? Além do aroma do ar gélido que conquista os habitantes e os faz lá permanecer apesar das dificuldades colocadas pelo clima e pelo terreno, provavelmente o gosto de Sweida tem relação com o pão e com zaatar. Ou delicadas sfihas, moldadas como flores, recheadas de verduras, queijo ou carne com o adocicado sabor da canela.

Baha, que toca, junto com seu irmão Amr Hadaifa e sua namorada brasileira, Carina Rosa, a empresa de gastronomia síria, Os Beduínos, chegou no Brasil em 2015, após um traumático período de refúgio no Líbano, onde a escassez de direitos o fez ter vontade de voltar para a Síria e encarar a obrigatoriedade do serviço militar, mandatório entre homens jovens. "Não fomos à guerra, a guerra chegou para a gente. E a gente não quer nem morrer nem machucar ninguém", diz ele, que evita falar sobre suas dificuldades. Contudo, é visível a coragem a que ele e Amr precisaram recorrer para se sustentarem ao longo de todos os perrengues por que passaram. Com muita sorte, em 2015, foram os únicos contemplados com visto para o Brasil em Damasco, em um dia onde mais de 50 sírios aguardavam na fila.

Ao chegarem em Curitiba, sem entenderem os símbolos ou sons de nossa língua, viram-se em terra absolutamente estrangeira. Aos poucos, ao caminharem pelas ruas, foram se









sentindo mais em casa ao encontrarem tantos migrantes sírios e libaneses no comércio curitibano em vias como a Riachuelo, a Pedro Ivo e arredores da Praça Rui Barbosa ou Tiradentes. "Os patrícios" foram a porta de entrada para a cultura brasileira: "você vira a esquina e se sente em Damasco!", brinca Baha.

Após um ano de luta, começaram a se entender melhor com o português, fizeram amigos e começaram a trabalhar com outros migrantes. Com o orçamento apertadíssimo, perceberam que um gasto eles poderiam cortar: o pão. Sentiam falta do pão sírio, feito por mais de dez gerações da família Hadaifa. Fazer o pão em casa significava na época economizar um dinheirinho todo mês. Enfrentaram algumas dificuldades: encontrar uma boa farinha e montar do zero uma chapa para fazer o pão ao modo de Sweida.

O pão folha que fazem é fino como um papel, quase transparente, com um leve gosto fermentado, feito com uma massa leve, que não pesa no estômago. Com o dinheiro economizado de diversos trabalhos, arranjaram dinheiro para improvisar um tacho industrial, invertendo-o para criar a chapa côncava necessária para o aperfeiçoamento da receita. E o que era um modo de buscar economia virou negócio. Logo estavam vendendo pão para "os patrícios". Depois começaram as sfihas, delicadíssimas e deliciosas, e massa com zaatar. Os irmãos fabricavam tudo no contraturno, batendo a massa com a mão e vendendo os produtos a pé pelas ruas.

Chegaram, então, as encomendas, principalmente para o pão: eles atualmente são os únicos no Paraná que o fazem deste jeito. A preparação quase enlouquecia os vizinhos, pois, como os irmãos só trabalhavam de noite, enchiam o ar com aromas saborosos, abrindo o apetite da vizinhança. Após um período, ganharam de presente uma batedeira, que elevou de 5 kg para até 15 kg a produção diária. "Eu passei a poder guardar minha força para usar em outro lugar", conta Baha. Lentamente, eles foram adquirindo equipamentos, e montando uma cozinha completa, que desde outubro de 2017 funciona não mais em casa, mas em um espaço exclusivo para este propósito na Av. Marechal Deodoro. Hoje vendem sfihas e pão para restaurantes da cidade e aceitam encomendas não só disso, mas de comidas típicas variadas.

123

N'Os Beduínos, já podemos ver o início da mistura das cozinhas árabe e brasileira com a presença de Carina na cozinha e nos toques de decoração, que mistura a exuberância de cores e texturas de ambas as culturas. Ela conheceu Baha em uma feira de alimentos, tentando comprar o pão folha, há um ano e meio. Desde então, eles vêm se familiarizando e misturando aromas, temperos e hábitos, em um claro exemplo de que no sabor se encontra o terreno ideal para a integração das culturas. O amor, claro, também ajuda na invenção das novas receitas!

Os Beduínos aceita encomendas e começará a oferecer jantares sírios para interessados.





70M EBA v4, n7 – set 2018

A liberdade é um prato que se come quente

Milena Aíssa Tayane Lopes

O ano novo no Brasil inicia repleto de superstições. Comer lentilha, guardar sementes de romã ou de uva, evitar aves que ciscam para trás... enquanto isso, no Haiti, a tradição é cozinhar uma sopa de abóbora, não para atrair prosperidade, mas sim, para comemorar a liberdade. O primeiro dia do ano é também a data da proclamação da independência.

Harold Dumorne está no Brasil desde 2012. Esse ano ele foi o responsável por cozinhar a sopa na festa em comemoração ao dia da bandeira haitiana, 18 de maio. Escolher qual seria o prato principal do evento não foi difícil. Harold decidiu cozinhar algo que lhe trouxesse boas lembranças. "Essa sopa tem muita importância para nós haitianos". É possível sentir o orgulho em sua fala.



Ele relata que os escravos haitianos cozinhavam a sopa – sem poder experimentar – e depois assistiam aos franceses tomar. Com a independência, a faixa branca da bandeira foi retirada e as listras passaram a ser horizontais, em oposição à tricolor francesa. Mas um dos principais direitos conquistados é justamente o mais simbólico: poder beber a sopa livremente.

Em nossa conversa, perguntei para Harold quais diferenças ele conseguia enxergar entre os brasileiros e os haitianos. Foi aí que entendi a razão de tanto orgulho. Seu país foi a primeira república negra independente do mundo e também foi pioneiro na abolição da escravidão no ocidente.

Até hoje o país todo para e se reúne para comemorar tal conquista, algo que não acontece com frequência no Brasil. "O povo brasileiro não dá tanta importância ao 7 de setembro como os haitianos dão ao primeiro de janeiro. A independência é bastante importante para nós. Meus pais lutaram muito para termos essa liberdade".

É com lágrimas nos olhos que Harold lembra da mãe, que cozinhava muito bem. Ele conta que costumava ficar ao lado dela, assistindo-a cozinhar, para poder aprender a fazer igual. Agora, toda vez que prepara a sopa ou outros pratos para sua esposa e filha, é a imagem da mãe que aparece na memória. A comida ajuda a aquecer o estômago e o coração na fria Curitiba.

Ao lembrar da infância, ele brinca dizendo que os quatro irmãos o temiam, pois era necessário "impor respeito". Mas seus olhos não enganam e acabam por revelar a doçura do haitiano. O que Harold tem para nos ensinar não cabe em nenhum livro de história. Espero que seu amor pela pátria e o cuidado com a família possam servir de exemplo para todos os brasileiros, assim como foi (e será) para mim.



Receita de SOPA DE ABÓBORA

INGREDIENTES

- * ½ cabeça de repolho picado
- * Folhas de couve picadas
- 1 nabo picado em cubo
- * 1 cebola cortada em cubos
- ***** Tomates picados
- * 1 pimentão picado
- * 3 cenouras picadas
- * 6 batatas picadas em cubos
- * 1 inhame em cubos

- ***** Banana da terra em rodelas
- 2 kg de abóbora descascadas e em cubos
- 1 kg de carne bovina e de frango
- Água (suficiente para cobrir os ingredientes)
- Temperos: caldo de galinha, óleo, sal, pimenta, 3 talos de aipo (salsão) e ½ limão.

MODO DE PREPAROS

Tempere a carne e coloque na panela por 30 minutos. Corte os legumes em cubos e os coloque na panela com um pouco água. Deixe ferver por 30 minutos. Coloque os ingredientes picados na panela. Quando a abóbora estiver bem cozida, bata-a no liquidificador. Ferva um pouco de água e coloque novamente na panela a abóbora batida, os legumes, as carnes e adicione os temperos. Mexa bem. Sirva.

128

O coração da casa é a cozinha

Jessica Skroch

Fatimah passou farinha na mesa e abriu a massa com rapidez e habilidade. Depois, cortou em círculos e recheou com carne temperada. Ela nos ensinava com tranquilidade o preparo: primeiro, dobra-se em forma de pastel. Depois, juntam-se as pontas e fechase numa "bolinha". Fatimah fazia muitos por segundo. Nós fazíamos um por minuto.



A prática dela era reflexo de muitos anos cozinhando seu prato favorito, o shishbarak – algo próximo de uma sopa de capeletti ao molho de coalhada fresca. Naquela noite, Fatimah abriu a porta de sua casa para nos ensinar os pratos típicos de seu país, como o kibe frito, o kibe labanie (colocado na coalhada) e o tabule.

Ela, o esposo Joumah, a filha Tahani e o filho Amen deixaram as terras sírias e chegaram no Brasil cerca de seis meses atrás. A família nos recebeu de forma interessada e receptiva, sem ao menos saber os nossos nomes. Mohamad, um amigo sírio da família, estava ali para ajudar com a língua, já que nenhuma de nós falava árabe. Apesar da dificuldade inicial de comunicação, as expressões dos moradores, assim como as nossas, mostravam simpatia e respeito. De forma espontânea, todos queriam conhecer o outro, o novo, o diferente.

Nós nos entregávamos a diversas questões, mas batíamos de cara na barreira da língua. Ainda que estivéssemos em lados opostos da linguagem, Mohamad traduzia, ajudava a atravessar a ponte. Antes que pudéssemos perceber, já estávamos todos conversando naturalmente e o gelo logo tinha derretido. Nos diálogos nossas distâncias se esvaíam e podíamos ficar juntos dentro dos mesmos sentidos e significados. Dentro da mesma história.



Fatimah já havia deixado meio prontos os pratos que comeríamos. Mohamad nos explicou que eram pratos comuns, entre mais de 120 pratos diferentes que são típicos da Síria. É costume deles comer apenas um tipo de prato no almoço e na janta, mas, por fins didáticos, Fatimah quis variar o cardápio para que conhecêssemos mais tipos da culinária. Depois do shishbarak, Fatimah trouxe o preparado dos kibes. Se o primeiro era complicado, não sabíamos o que esperar dos kibes.

Ela colocava a massa no polegar e girava com a outra mão, fazendo um buraco para o recheio. Era quase uma máquina, de tão ágil e jeitosa. Sorte a nossa que ela era uma ótima e paciente professora. Nossos kibes renderam muitas risadas. Na hora de fritar, Fatimah precisou tirar algumas de nossas produções, porque racharam e se despedaçaram.



Na Síria, cada dia é a vez de um novo prato. Ninguém fica na mesmice. São várias especiarias e produtos que não fazemos nem ideia da existência. Enquanto Fatimah preparava tudo no fogão, nós ficamos na cozinha, acompanhando atentas. Tahani, sua filha, também estava lá, mexendo a coalhada. Mohamed nos convidava para a sala, mas nós preferimos ficar ali, no coração da casa. Sem Mohamad, nosso encontro poderia ser mais difícil. Mas não foi. Ficamos algum tempo conversando por sons, gestos, dedos apontando aqui e ali. Fatimah e Tahani falavam em árabe e nós falávamos em português. Aproveitávamos para ensinar e aprender palavras e frases da outra língua. Fatimah e Tahani riam quando não conseguíamos pronunciar o árabe. Quando chegávamos perto, Fatimah zombava com a mesma frase que ouvia da sua professora nas aulas de português: "isso, isso!".



A nossa chef da noite explicava as receitas, nós perguntávamos e fazíamos referências com a comida do nosso país. Fomos alunas e professoras. Tahani explicou que não gostava de cozinhar, que era obrigada pela mãe. Perguntamos se ela gostava de comer e ela respondeu que sim. Como ela faria, então? "Delivery", ela nos respondeu simples.



Todas riam. O amor que Fatimah transmitia ao cozinhar não cabia naquele cômodo. Sempre num respeito muito grande, abríamos espaço para ela passar. Tentávamos ajudar, mas ela não deixava. Tahani brincava: "ajuda sim, ajuda". Conversamos bastante, não sabemos dizer exatamente como. Foi na cozinha que conhecemos Fatimah e Tahani e que

elas nos conheceram também. Foi na cozinha delas que nós nos sentimos em casa. O cheiro era delicioso, as gargalhadas também. Algo naquele ambiente nos deixava extremamente felizes e confortáveis porque dizia "sejam bem-vindas". Além de abrir a porta da casa de sua família, Fatimah abriu também a porta de suas vidas. O coração da casa pulsava em dois idiomas, em cinco corpos e em um milhão de histórias.

Tudo pronto, sentamos à mesa para comer. A quantidade de comida era grande. Ficou claro que era preciso comer tudo em sinal de respeito. Os pratos postos, ninguém se mexeu. Eles gesticulavam para nos servirmos. Amen, filho de Fatimah, fez um som como "deixa disso!" e nos serviu. Todas pediram menos comida, mas parece que essa frase foi incompreensível. A ceia durou algumas horas. Entre vários contos e conversas, a família tirava muito sarro. Estávamos satisfeitas, mas Fatimah sempre insistia.

-Mais? Mais três? Mais dois? Mais um?Não aguentávamos mais.-Tudo bem, mais um. Pode ser. Só um!

Uma de nós não conseguia nem levantar do sofá. Estava até um pouco vermelha. O esposo de Fatimah nos olhava, colocava a mão na barriga, apontava e ria. Aparentemente éramos muito fracas para a comida. Depois de toda a janta, ainda faltava a sobremesa. Comemos só um pouco mais.

Alguém colocou uma música árabe. Fatimah mostrou o vídeo da canção com pessoas dançando. Fez um som e apontou com a cabeça, ela nos tirava para dançar. Demos as mãos e Fatimah nos pediu para escutar as batidas da música. Um passo cruzando para trás, abre, fecha, para, chuta e bate o pé. Não era muito simples. Na verdade, talvez essa descrição esteja errada. No final, até que conseguimos pegar o jeito. Mohamad nos explicou que aquele era o passo mais básico, o mais simples e que homens e mulheres têm passos diferentes. O básico foi suficiente. Éramos quase parte da família.

Realmente, Fatimah, a família e seus amigos nos acolheram como se fôssemos de suas famílias. Como se fôssemos parte de suas histórias.

Todo o sentimento traduzido pela comida de Fatimah nos aproximou. E era grande, gigante, ocupava o mundo inteiro. Ocupava o meu mundo, o mundo de minhas colegas, o mundo de Fatimah, Mohamad, Amen, Tahani e Joumah. Um mundo que, apesar de várias fronteiras, era inteiro nosso.

Na casa deles aprendemos mais sobre o mundo e sobre o amor. Se é que o mundo e o amor não são mais ou menos as mesmas coisas. Nós soubemos mais sobre o amor quando nos deixaram entrar, mesmo sem que fizéssemos nada para merecer entrar. E, não só nos deixaram entrar, como fizeram da nossa estadia um hino ao amor e ao respeito.

Absolutamente estranhos nos entregaram suas vidas de bandeja. Vidas que poderíamos estraçalhar, vidas que poderíamos trair, vidas que poderíamos enganar, vidas poderíamos roubar, vidas que poderíamos invadir. E, mesmo com todos os riscos de vida, aquelas vidas se entregaram às nossas com todas as suas vidas.

Fatimah e a família não escolheram exatamente estar no Brasil. Mas, ainda assim, eles escolheram permitir a nossa entrada. Naquela noite, naquela casa, a nossa escolha, brasileira e síria, foi de amar e de ser amado.



Receita de **SHISHBARAK**

ANDANÇAS: Travessias Da Migração e do Refido.

Massa

INGREDIENTES

- Massa
- farinha de trigo
- água morna
- azeite
- sal
- açúcar

RECHEIO DA MASSA

- carne tipo patinho moída
- cebola média ralada
- manteiga
- sal
- pimenta síria
- canela
- salsinha lavada e picada a gosto (opcional)



Coalhada cozida

INGREDIENTES

- * 1 litro de coalhada fresca
- amido de milho
- 1 ovo cru batido (opcional)
- * sal a gosto
- dentes de alho picados
- * hortelã seca

Modo de PreparoMASSA

Misture bem os ingredientes secos.

Acrescente o azeite e a água até formar uma massa elástica que não gruda nas mãos.

Deixe a massa descansar coberta com um pano úmido.

RECHEIO

Doure a cebola na manteiga, acrescente e refogue a carne e misture os temperos e a salsinha.

MONTAGEM

Polvilhe uma superfície de farinha e abra a massa em espessura fina usando o rolo e corte em pequenos círculos usando um copo americano.

Recheie cada círculo da massa com um pouco do recheio e feche em forma de capeletti.

A COALHADA

Em uma panela funda cozinhe a coalhada fresca já com o ovo misturado em fogo médio sem parar de mexer até levantar fervura, abaixe o fogo. Acrescente o amido diluído em meio copo de água.

Acrescente os capelettis.

Tempere com o sal a gosto.

Em uma frigideira doure o alho e a hortelã em uma colher de azeite e acrescente à coalhada antes de servir.

Sobre memórias, choques de culturas e uma manhã inesquecível

Rafaela Rasera

A casa estava sempre cheia. A família era grande. Abiola e mais seis irmãos moravam todos juntos do pai e da mãe. Assim que os anos foram passando, cada um dos irmãos tomou seu rumo, mas a família é uma instituição muito forte na Nigéria e se faz presente ao longo de toda a vida dos nigerianos, o que não foi diferente com a família de Abiola. Hoje com 30 anos, morando longe de todos, Abiola relembra como era o dia a dia no país natal. Na infância ia para a escola – assim como as crianças de tantos outros países do mundo - brincava e jogava futebol. Mas, o que, talvez, possa surpreender na infância de Abiola é que ele aprendeu a cozinhar com sete anos. Sua mãe dizia que precisava ensiná-lo a se virar sozinho caso ela não pudesse mais cuidar dele e dos irmãos. E ela era brava, relembra Abiola. Qualquer erro no preparo de algum alimento e ele já sabia seu destino: apanhar. Ele inclusive relembra que a mãe usava uma colher de pau, usada no preparo de alguns pratos, para bater no filho. "Apanhei muito disso", comenta com um riso no olhar e um provável aperto no peito o nigeriano. Mesmo tendo aprendido a cozinhar desde pequeno, Abiola não cozinhava frequentemente na Nigéria. E nunca viu seu pai cozinhar. O país conserva uma estrutura patriarcal, em que as mulheres são as que cozinham para a família e cuidam dos afazeres da casa. Além disso, mulheres que se envolvem com vários homens de maneira casual não são consideradas "para casar". Mas esse não é o foco da história.

ANCAS: Travessias da Nis

Uma etapa importante da vida para os nigerianos é a faculdade. Antes de casar e formar uma família, os pais esperam que o filho esteja formado, ou cursando uma faculdade, porque senão pode ser considerado preguiçoso, vadio. Com Abiola não foi diferente, frequentou uma instituição de muçulmanos, onde aprendia princípios da religião e também de construção civil. Concluído o curso, Abiola se tornou pastor e construiu uma mesquita. E, assim, levava sua vida na Nigéria. Saiu da casa dos pais – que moravam em uma fazenda com diversas plantações de cacau, laranja, dendê e banana - e foi morar com um dos irmãos mais velhos. Enquanto isso, outro irmão morava no Brasil vendendo roupas nigerianas. O irmão sempre o convidava para vir morar no país, mas Abiola – assim como muitos outros nigerianos ou mesmo como qualquer pessoa de qualquer nacionalidade – pensava que não existia nada no Brasil além de futebol. Até que um dia houve um estímulo a mais para Abiola ao menos visitar o Brasil. A Copa do Mundo de 2014. Muito fã de futebol desde pequeno, Abiola aterrissou em terras brasileiras para ver alguns dos jogos do campeonato. E, a partir disso, descobriu que o Brasil vai muito além do futebol (até porque o futebol brasileiro de 2014 não foi um show de passes).

Decidiu então se mudar para o Brasil. Passou a vender roupas em Salvador, assim como seu irmão. Mas, escolheu Curitiba como sua nova casa. O motivo? Para ele, a cidade é muito limpa e organizada. Diferente de São Paulo, onde mora o irmão, que, segundo Abiola, é muito suja e possui um mau odor.

No mesmo ano em que passou a morar em Curitiba, Abiola conheceu sua atual esposa. A brasileira Michele. O choque de culturas entre eles foi grande. A começar pela maneira que se conheceram: a internet. Na Nigéria, a aproximação entre os casais é lenta. Quando um homem conhece uma mulher, levamse meses até darem o tão esperado primeiro beijo. E, quando o moço vai se apresentar para os pais da moça, geralmente já é para a pedir em casamento. Aqui no Brasil, as coisas funcionam de maneira diferente. Logo no início, Michele o convidou para visitar seu apartamento. E aos poucos o casal foi se formando. Logo começaram a morar juntos. E Abiola sentiu a diferença cultural entre os dois países mais intensamente. Acostumado com as mulheres da sua casa realizando as tarefas domésticas, o nigeriano estranhou quando Michele propôs que as tarefas

da casa seriam divididas. Além disso, a comida brasileira não o agradava. Até hoje ele não gosta de um dos pratos mais básicos e elementares da família brasileira: o arroz e feijão. Abiola, porém, conserva um princípio nigeriano que diz que quando alguém vai casar com uma pessoa de cultura diferente – visto que na Nigéria existem mais de 400 tribos – tem de ser adaptar aos costumes dessa pessoa e isso deve ser recíproco. Um deve se adaptar ao outro. Só esse princípio já renderia um texto inteiro.

A comida é umas das coisas das quais Abiola mais sente saudade do país natal. Acostumado com comidas apimentadas, nem a comida de Salvador é apimentada o suficiente para ele. Sem ter um lugar para comer uma comida africana de verdade, Abiola prepara alguns pratos que costumava comer na Nigéria em casa. A esposa não gosta, acha muito apimentado. Uma das comidas que Abiola mais gosta de cozinhar é o Eforiro e o Fufu. E, nessa parte, eu sinto que posso entrar na história brevemente.

Tive o privilégio de ver Abiola o preparando o prato e, depois, eu e minhas colegas tivemos a chance de comer essa tradição nigeriana. Talvez essa manhã tenha sido uma das melhores manhãs do meu ano. Ficamos horas conversando com Abiola sobre sua trajetória de vida. Toda a história que venho contando aqui vem daquela manhã. Naquele dia, Abiola trouxe um amigo com ele, o Anny, e logo depois de algumas conversas descobrimos que era o príncipe da Nigéria e que já tinha sido matéria de um dos maiores jornais do Paraná. Após muita conversa, Abiola terminou o prato e chegou a hora de experimentarmos. Eu, muito sensível para comidas picantes, fiquei avermelhada e fui logo em busca de um copo de água. Eles perceberam e riram, disseram que aquilo para eles era considerado fraco demais. Comemos todos com a mão, como manda o protocolo nigeriano. Me senti privilegiada por estar tendo aquela experiência e acredito que minhas colegas também se sentiram. Em apenas algumas horas, já estávamos conversando tranquilamente com os nigerianos, falando sobre nossas vidas e experiências vividas, trocando conhecimentos. E ali, naquele momento eu, acostumada com a frieza dos curitibanos, vi o quão rica uma conversa pode ser e quantas reflexões ela pode trazer.

Abiola e seu amigo Anny abriram seus corações para nós, contaram-nos suas histórias e nós as nossas. Ali, em uma manhã com as visões de mundo trocadas, as experiências relatadas e as curiosidades descobertas, eu percebi que o que torna o ser humano único não é o polegar opositor, mas sim, o diálogo, a troca de informações e, por fim, a possibilidade de tocar outra alma humana.







Receita de EFORIRO E FUFU

Ingredientes

- * 4 peças de pimenta
- * 1 pimentão vermelho
- **×** 3 tomates
- × 2 cebolas
- * 2 maços de espinafre
- * 1 azeite de dendê
- * ½ kg de carne
- * ½ kg de fígado

- * ½ kg de bucho
- * ½ kg de coxa de frango
- × ¹/₂ kg de camarão
- × óleo
- * tempero de carne e frango
- * farinha de trigo
- × sa

Modo de Preparo EFORIRO

Cozinhe todas as carnes separadamente, incluindo o camarão. Pique os tomates, espinafre e as cebolas e cozinhe em uma panela. Moa a pimenta com o pimentão no liquidificador. Depois, em uma panela grande, junto todos os ingredientes e adicione óleo, azeite de dendê e o tempero de carne e frango. Mexa tudo, até ficar bem misturado. Sirva com fufu.

FUFU

Coloque a água em uma panelinha anti-aderente e ferva em fogo médio. Quando estiver fervendo, vá adicionando a farinha de trigo mexendo sempre com uma colher de pau. Vai formar uma bolinha que você vai sovando com a colher por uns 4 minutos. Coloque mais água se precisar.

Desligue o fogo, espere amornar e sirva com eforiro.

Mais do que um país vizinho, nações irmãs

Milena Aíssa

Um café da manhã reforçado é o primeiro passo para ter um bom dia. No lugar do pão francês diário, Guillermo costuma comer empanadas. O recheio é do mais variado, pode ser de presunto e queijo, frango desfiado, carne...

Assim como o pão, as empanadas são compradas todos os dias. Irmão de um chefe de cozinha, o venezuelano só foi aprender a cozinhar o prato principal da sua refeição matinal quando se mudou para o Brasil. Sem a opção de comprar, o jeito foi pôr a mão na massa, literalmente.



Quando a mãe do venezuelano chegou em Curitiba, custou a acreditar nas novas habilidades do filho. Até oito meses atrás, antes de deixar a terra natal, o jovem de 21 anos nem refresco sabia fazer, agora é o responsável pelo café da manhã da família.



"Minha mãe disse que minhas empanadas são boas e por isso ela não precisa aprender a fazer", contou Guille – como é chamado pelos amigos –, que até hoje não conseguiu convencê-la a aprender a receita. Mas eles formaram uma boa dupla. Enquanto ele cozinha, a mãe fica atenta para evitar que algo queime.

Tranquilo como uma tarde de domingo, Guillermo se transforma em uma sexta-feira à noite ao ouvir e dançar salsa. A influência é toda do pai, que escutava o ritmo para cima e para baixo, principalmente nas viagens de uma hora e meia até a praia.

Todos os feriados eram endereçados ao litoral, um dos lugares favoritos do jovem, talvez pela infinidade do mar caribenho combinar com a imensidão de seus sonhos. Ele responde rápido ao ser questionado sobre o que gosta: "música, dança e praia". Dá até para confundi-lo com um brasileiro.

A adaptação ao país e à nova língua não demorou para acontecer. Mesmo com as dificuldades, o venezuelano não deixou a essência de lado. A distração na conversa somada à falta da parceira na cozinha, quase resultou em duas arepas queimadas.

Com os pratos chegando nos finalmentes, Guillermo fez um comentário com leve tom de preocupação, "hoje é o último capítulo da novela". Atualmente ele faz parte não só dos milhares de migrantes no Brasil, como também compõe os milhões de espectadores das telenovelas.



Em casa, pela noite, o jovem assiste à televisão com a mãe, a cunhada e a sobrinha, enquanto o irmão trabalha no restaurante. No dia seguinte, comenta o capítulo da novela com a colega de trabalho. Os nossos hábitos agora também são os dele. A Venezuela nunca esteve tão próxima.

Receita de AREPA

Ingredientes

MASSA

- * ½ pacote de farinha de milho em flocos
- * 3 colheres de óleo de milho

RECHEIO

- * 6 ovos (a quantidade corresponde ao número de pessoas. Exemplo: 3 pessoas, 3 ovos)
- × 2 cebolas
- * 1 pimentão
- × 4 tomates

Modo de Preparo da Massa

Misture a farinha de milho com água até que a massa não grude na bacia onde está a mistura. Deixar meio mole. Em seguida, faça "bolinhas" com a massa e achate em formato de hambúrguer. Aqueça em fogo baixo uma frigideira com 3 colheres de óleo e coloque a massa. Deixe assar durante 5 minutos. Vire a arepa, para cozinhar dos dois lados, e deixe mais 5 minutos. Corte a arepa ao meio e insira o recheio. Uma dica é passar manteiga antes de rechear.

Corte as cebolas, o pimentão e o tomate. Na frigideira, coloque os ovos e os outros ingredientes. Mexa até que o ovo esteja cozido. O resultado é semelhante a ovos mexidos.

Receita de EMPANADA

Ingredientes

MASSA

- * ½ pacote de farinha de milho em flocos
- * 3 colheres de açúcar
- * 2 colheres de sal
- 3 colheres de farinha de trigo
- × 250 ml de óleo de milho

RECHEIO

- **×** Presunto
- × Queijo

Modo de Preparo

Misture a farinha de milho com água até que a massa não grude na bacia onde está a mistura. Deixe a massa mais dura em comparação com a da arepa. Coloque o recheio e feche a massa em formato de meia lua. Em uma frigideira grande, despeje 250 ml de óleo em fogo baixo e insira as empanadas. Fritar durante 3 minutos. Sirva quente.



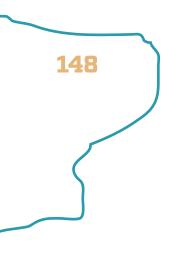


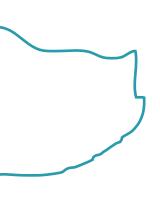
Dança – ritmo, corpo e movimento

João Batista Barbosa Junior

PRIMEIROS PASSOS

Antes da voz o movimento, antes da fala a dança - esta é uma das primeiras e mais antigas formas de expressão da humanidade, traduzida em forma de arte, a dança surgiu ainda nos primórdios da humanidade, quando os seres humanos se movimentavam ritmicamente para se aquecer e se comunicar, revelando, assim: desejos, crenças, pensamentos e anseios. Deste modo, pode-se considerar o corpo como o primeiro instrumento de comunicação e seu movimento o início de tudo. Por exemplo, na hora do nascimento, antes da palavra, é o corpo que se move tentando comunicar ao mundo a sua existência. Nessa perspectiva, a dança nos permite mostrar este corpo em sua funcionalidade, uma vez que ele é resultado do encontro de duas coisas: a natureza e a cultura. Se, por um lado, existe um patrimônio biológico universal, por outro, há construções corporais diferentes dentro de uma sociedade e de uma sociedade para outra, formando assim identidades. Em outras palavras, o nosso corpo nada mais é que o resultado de anos de evolução. E, seu estado material está atrelado a processos culturais, que são ações desse corpo na sociedade, no mundo e em tudo que o cerca, construindo assim um cidadão dançante. Para Laban (1978, p. 19) o ser humano se movimenta a fim de satisfazer uma necessidade. Com sua movimentação. tem por objetivo atingir algo que lhe é valioso, desta maneira, podemos inferir que o corpo se comunica por intermédio de movimentos expressivos e linguagem corporal para atingir sua verbalização. Além disso, o cidadão dançante traz consigo um corpo maturo que se desenvolveu ao longo da vida e que possui matrizes de gestos, iniciados ainda quando bebê. Assim, o cidadão dançante tem o compromisso de mostrar sua identidade de movimento, que é uma estrutura que se organiza em padrões muito definidos e aspectos culturais distintos. E, por isso, há vários estilos e ritmos de danças, porque as danças





¹ Rol'hans Innocent é diretor do Agoci Entertainment, Centro Cultural que prevê culturas haitianas. Disponível em: <www. haitiantreasures.com/HT_IMAGES/HT_agoci. dance.htm>. Acesso em: 19 de mai. 2018.

são plurais, os corpos são plurais e os pensamentos são plurais, percebendo isso, acreditamos que o exercício de entender a dança torna-se mais compreensível, permitindo assim nos debruçarmos sobre alguns dos diferentes tipos de danças dos nossos alunos do PBMIH e convidá-los a uma reflexão dessa arte, experimentando a vida com lentes mais sensíveis, descalços, com sapatilhas ou até mesmo com calçados... tal como se propõe a dança ao transformar nossos corpos de uma forma poderosa e contagiante.

A DANÇA NO HAITI COMO VENTO QUE TRAZ: MEMÓRIAS, CORPOS, ALEGRIAS E TRADIÇÃO

Aochan é uma saudação em créole que quer dizer licença para chegar. Partindo do significado dessa expressão, peço licença para saudar e apresentar alguns dos principais tipos de danças haitianas. No Haiti, a dança é uma parte essencial da história, da cultura e da tradição. E, por isso, ela é muito importante para o povo, trata-se de um ato profundamente enraizado em quase todos os seus eventos culturais. Segundo Rol'hans Innocent (2018)¹, a dança no Haiti originou-se dos mais variados modos, recebendo muitas influências e elementos encontrados nas raízes africanas do país, nela há uma mistura de ritmos e sons, que fazem com que os haitianos criem cada vez mais passos e modos diferentes para dançar e expressar sua arte e corpo. Deste modo, as danças no Haiti são diversas em cada região do país, sendo as mais conhecidas:

Kompa – gênero de dança mais popular que surgiu a partir da década de 50, com movimentos de dois passos que nos remete ao merengue, porém, em um ritmo mais lento e sensual. Yanvalou: trata-se de uma dança tradicional, que se originou em Benim com muitos movimentos das mãos sobre os joelhos através de uma compreensão rítmica, ela honra todos os espíritos da nação Rada e é inspirada no espírito de Dambalah, uma serpente símbolo da cura, do corpo e da alma na cultura haitiana. Ibô: dança tradicional com raízes da nação Igbo da Nigéria, expressa o orgulho do povo escravo que lutava contra a escravidão. Seus movimentos representam as quebras das correntes, as lutas pela libertação e leveza de um corpo livre. Mascawon: a dança da alegria, tem o objetivo de brincar, descontrair e desestressar. É realizada normalmente após

momentos de luto, como o dia dos mortos. Por fim, e não menos importante, a Kombit: dança típica que busca facilitar o trabalho; trata-se de um grupo de trabalhadores que se unem para cantar e dançar enquanto trabalham e também após a jornada , tornando a tarefa do ócio mais festiva e menos árdua. Nesse estilo de dança evidenciamos o papel terapêutico da arte, sua funcionalidade e importância contagiante no momento do trabalho.

A partir desses exemplos, podemos considerar que a dança é a manifestação da identidade cultural haitiana, pois, ao vivenciar qualquer uma dessas danças, adentra-se em um contexto que remete a memórias e toda a sabedoria popular. Esta sabedoria pode ter relação com o contexto histórico cultural do lugar onde essas pessoas viveram ou vivem. Nessa perspectiva, Foganholi (2015, p. 18) afirma que a dança se interliga aos valores que foram e são atribuídos a essa identidade de acordo com as construções históricas e sociais de cada comunidade, povo ou nação. Por fim, é importante destacar que essas especificidades que ocorrem na dança haitiana vêm despertando o interesse de muitos estudiosos da área da dança como: Katherine Dunham, Jean-Léon Destiné e Jean Appolon, em busca da internacionalização da dança haitiana.

A DIVERSIDADE DA DANÇA SÍRIA ATRAVÉS DO MOVIMENTO E DO AMBIENTE

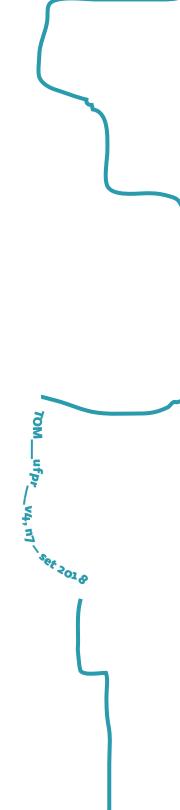
A Síria teve ao longo da sua história diversas configurações espaciais que demarcaram sua diversidade cultural, linguística e religiosa. Deste modo, o país hoje abrange diversas paisagens, povos, religiões, modos de vida e estilos de danças. Nessa perspectiva, Dib (2009) afirma que se pode dividir a Síria em quatro grandes regiões: cidades e vilas próximas ao Rio Eufrates, cidades paralelas à costa do Mediterrâneo, áreas rurais e áreas desérticas. Tal divisão é importante, pois cada um desses ambientes irá influenciar no movimento da dança, uma vez que interfere no modo de pisar, no tônus muscular e na amplitude dos gestos. Por exemplo, em regiões mais rurais, as danças são mais alegres com movimentos que nos remetem àqueles usados nas práticas rurais, como o trabalho com a terra. No deserto, as danças apresentam movimentos mais fortes com gestos

amplos que dão a ideia de amplitude do deserto, os passos são firmes, mas com molejo por causa da areia. Enquanto nas cidades paralelas ao Mediterrâneo tem dois tipos de dança: as formais, como o Samah, que irei falar mais abaixo, e as mais informais, que ocorrem em praças ou dentro de casas. Por fim, na região do Eufrates ocorre uma super diversidade com danças agitadas, vibrantes com influência iraniana, curda e turca. Além disso, as atividades diárias contribuem trazendo elementos para dança, como a dabke, um estilo que nasceu a partir do movimento dos trabalhadores quando preparavam tetos e lajes para o inverno chuvoso. Porém, hoje cada região do país apresenta esta dança com suas características e sequências de passos com os pés, afastada de seu contexto original, ela é realizada em festas, por meio de uma grande roda com todos de mãos dadas demonstrando valores identitários e culturais. Este estilo de dança era feito apenas por homens e atualmente é uma dança que pode ser masculina ou mista. Outro estilo de dança é a Raqsa, que é uma dança informal feita por todos, normalmente é realizada entre casais ou pequenos grupos, mas sem se tocar. Com advento tecnológico, há o surgimento da televisão e do cinema, que popularizaram alguns estilos de dança, mas foi a dança do ventre a mais favorecida entre as mídias. Porém, de maneira ainda equivocada, pois não há apenas um estilo de dança do ventre, há variações como a Tribal Fusion, dança que incorpora além dos movimentos da dança do ventre, referências também do flamenco e das danças indianas. Enquanto a Samah quase não ouvimos falar, trata-se de uma dança extrovertida, destinada ao público e executada normalmente em locais fechados, seus movimentos são semelhantes aos do balé clássico, onde o esforço do movimento não é visível. Este tipo de dança é executado por um grupo feminino. Sobretudo, é importante destacarmos que nesses estilos da Síria, a dança e a música caminham juntos, pois o corpo e o som dialogam para produzir a arte da dança que exige um conhecimento do próprio corpo e o domínio dos movimentos. Em geral, os movimentos são suaves e não muito amplos, de caráter moderado e sem exageros, influenciados pela região. O tronco é a parte do corpo que impulsiona o movimento, e muitos passos se concentram na região lombar e torácica.

VENEZUELA, ENTRE IMAGEM E MOVIMENTO

Na Venezuela existem diferentes tipos de danças², como: La culebra, Diablos danzentes de Yare, La Burriquita, La Iguana, dentre muitas outras, que têm como características em comum os figurinos com cores vibrantes que permitem a realização de imagens em movimento. O estilo de dança mais conhecido na Venezuela é o Joropo, que se assemelha à valsa, porém com influências africanas e europeias, ao ritmo da gaita acompanhada por vocais improvisados, violas, maracas e harpas. Neste estilo, os dançarinos ficam em um círculo e giram em sentido anti-horário, formando figuras tradicionais. Normalmente, o homem guia a mulher, que veste vestidos longos e coloridos, a dança exige uma sintonia entre o casal. Sobretudo, os dançarinos têm que ter muita força e movimentos com os pés, pois a dança conta com muitos giros com foco do olhar na linha do horizonte, que permitem uma ocupação de espaço. Além disso, existem três tipos de Joropo: o de Lianero que é marcado pelo sapateado forte do homem e passos mais sutis da mulher. O Tuyero central é mais pausado sendo seu ritmo mais acelerado e também o oriental, usado para celebrar a Cruz de Mayo, festa popular na parte leste do país. Outro estilo é o Sebucán, também conhecido como Las Cintas ou El Palo de las Cintas, dança que costuma ocorrer em diferentes partes do país, normalmente é reconhecida pelas fitas coloridas presas em uma estrutura no meio da roda de dança, acredita-se que ela se originou na Catalunha. Seus movimentos são rotacionais entre duplas, em plano alto, mas exige postura e um domínio de sapateado, cada bailarina segura uma ponta da fita apresentando movimentos integrados a diferentes tipos de manipulação (espirais, balanços e círculos) criando assim uma imagem ao público. A vinda dessa dança para a Venezuela a transformou em uma expressão nacional e se tornou tradição que alude à conquista. Há também um estilo de dança conhecido como Las Turas, que é de origem indígena e se realiza no final de setembro nas cidades de Lara e Falcón, ela acontece como forma de agradecimento à natureza pelos benefícios recebidos, nela os dançarinos formam uma roda e apresentam personagens como: capataz, rainha, mordomo, caçadores e músicos. Por fim, apresento **El Mare mare** dança também de origem indígena, realizada para homenagear alguém que já partiu ou a natureza, os passos são sequenciais com alternâncias entre

² Disponível em: https://www.viajejet.com/bailes-tipicos-venezuela/#las-turas. Acesso em: 19 de mai. 2018.



para frente e para trás, porém, com algumas movimentações adicionais. Pelos estilos apresentados, subentende-se que se trata de danças nacionais expressivas, as quais apresentam técnicas e movimentos que servem para difundir as tradições venezuelanas e levá-las a qualquer parte do mundo.

MOVIMENTOS FINAIS

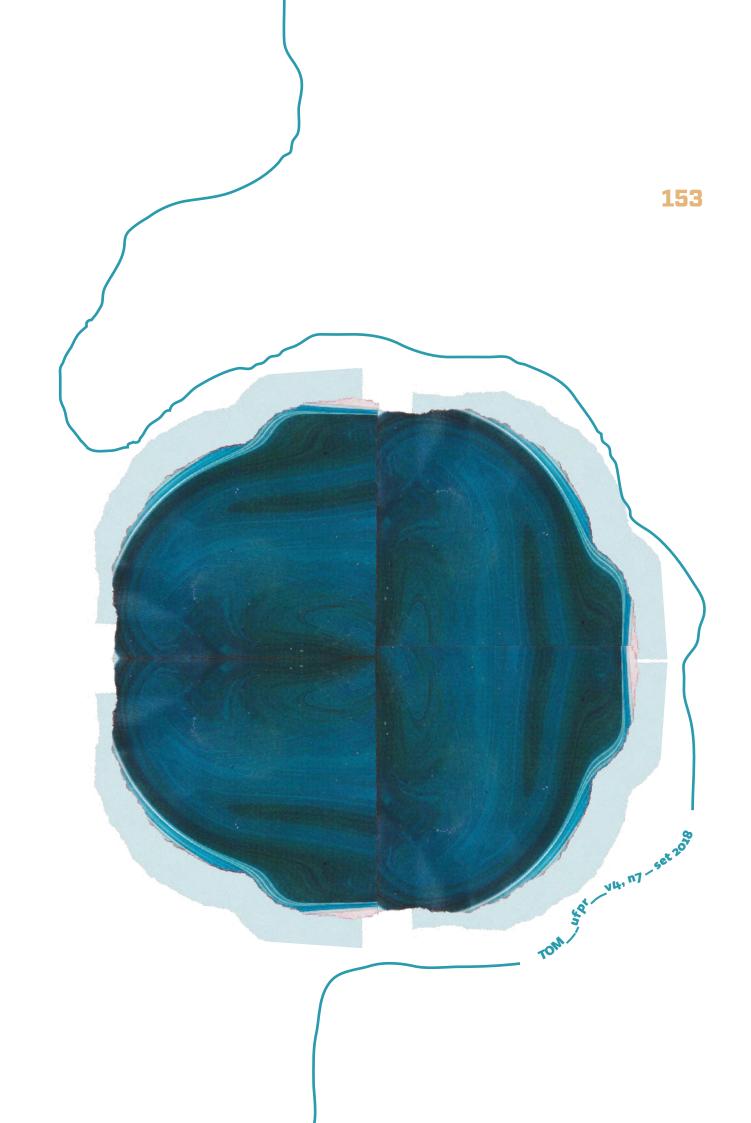
Mesmo se tratando de uma reflexão em construção, pode-se destacar pelas danças apresentadas que antes da voz o movimento e antes da fala a dança, pois os seres humanos dançavam porque não sabiam falar, porém, com o passar do tempo passaram a falar, mas continuam a dançar, não como antes, mas dançam, mesmo depois de anos de evolução e transformação para representar seus sentimentos, ideias, culturas e identidades. Infelizmente, não é possível afirmar quando a dança se tornou parte da cultura humana, mas pelas expressões citadas, pode-se afirmar que a dança tem sido, certamente, uma parte importante de cerimônias, rituais, celebrações e entretenimento nos países de nossos alunos. Dessa forma, pode-se compreender que a dança sempre existiu através dos tempos e em todas as épocas da história das civilizações, tem sua relevância, seja através da representação de manifestações para agradecer deuses e espíritos, seja para expressar emoções, sentimentos e se comunicar com os seus e traduzir suas características culturais.

REFERÊNCIAS

DIB, Márcia. A diversidade cultural da Síria através da música e da dança. 2009. 357 f., il. Dissertação (Mestrado em Cultura Árabe) - Universidade de São Paulo, São Paulo, 2009.

FOGANHOLI, Cláudia. Educar e educar-se na di'versidade: uma relação com as danças das culturas populares no Brasil e em Moçambique. 2015. 367 f. Tese (Doutorado em Ciências Humanas) – Universidade Federal de São Carlos, São Carlos, 2015.

LABAN, R. O Domínio do Movimento. São Paulo: Summus, 1978.









Infância, Migração e Humanização

Amarilys Salomão
Ana Lúcia Borelli Canuto
Evelyn Cristine Pereira
Graziela Lucchesi Rosa da Silva
Joana Schenatz Trautwein
Luana Lubke de Oliveira
Mayssun Omari Osman
Victória de Biassio Klepa

O QUE É SER CRIANÇA?

Ser criança, vivenciar a infância. É fato que o início da vida dos seres humanos é marcado pela inevitável condição de ser criança, um ser em processo de formação de características, capacidades e habilidades especificamente humanas. No entanto, este processo não ocorre naturalmente, espontaneamente, como um desabrochar de capacidades inerentes à criança.

Entendemos, sob os pressupostos da Psicologia Histórico-Cultural, que a condição de ser humano ocorre por meio do processo educativo e da apropriação das várias formas de produções historicamente elaboradas (LEONTIEV, 1978). Este processo diz respeito à *humanização*, isto é, o ser humano não é naturalmente humano, é preciso *aprender* a ser humano, já que o aparato biológico da espécie não é o bastante para vivermos em sociedade (LEONTIEV, 1978). É por meio das relações de interdependência com outros seres humanos que aprendemos, por exemplo, "desde a linguagem oral até os equipamentos de tecnologia, dos objetos triviais do cotidiano às obras de arte, das brincadeiras e parlendas à ética, política e filosofia" (PASQUALINI, 2016, p. 49).

"Fr V4, n7 - sec 2018

Ser criança e vivenciar a infância depende, desse modo, das condições concretas de vida, das oportunidades e possibilidades de apropriação da cultura humana que lhe serão (ou não) garantidas; das situações de ensino que permitem (ou não) ampliar, diversificar e se apropriar-se da realidade social (PASQUALINI, 2016). Este processo está sujeito, portanto, à realidade concreta na qual a criança se encontra e ao lugar que ela ocupa nas relações sociais.

Assim, é na relação específica, única e irrepetível entre a criança e o meio que a rodeia, designada por Vigotski de situação social de desenvolvimento, que a aquisição de novos atributos pessoais, de novas propriedades da personalidade e de nova atividade são constituídas. Desenvolvimento significa, portanto, o processo contínuo de automovimento, cuja fonte é a realidade social, com permanente formação do novo (VIGOTSKI, 1996). Por força das novas aquisições, a criança já não é mais a mesma justamente pelo advento de novas capacidades, necessidades, interesses, habilidades, o que exigirá de seu entorno mudanças para lidar e educar essa "nova" criança (EIDT, TULESKI, 2016). Neste sentido, são as condições sociais de vida e as possibilidades educacionais que viabilizam, por exemplo, a elaboração e a generalização de conceitos; o desenvolvimento do domínio sobre sua própria conduta; a complexificação de funções psíquicas como a fala, o pensamento, as emoções, a memória e a imaginação; a criação de capacidades práticas, intelectuais e artísticas; e a formação de sentimentos, interesses e qualidades morais.

Se o desenvolvimento depende das condições objetivas de vida, do entorno social, é preciso questionar os impactos no processo de humanização das crianças que vivenciam situações marcadas pela condição da migração e do refúgio. São vários os motivos que levam milhões de pessoas, na atualidade, a deixar seus países rumo ao desconhecido na tentativa de melhores possibilidades de vida: guerra, desastres naturais, crise econômica, perseguição política e religiosa. A chegada ao novo país de transição ou de acolhida, no entanto, revela-se repleta de barreiras legais, linguísticas e culturais, as quais afetam a forma com que os indivíduos se organizam concreta e subjetivamente nesse novo território. Os percalços vividos pelos migrantes decorrem desde a documentação necessária para a estada legal no novo país, perpassando a

C. Havessias da Migração

moradia, a necessidade de trabalho e a apropriação da nova língua, a inserção na nova cultura e nas relações sociais, esbarrando com o preconceito e a discriminação do outro.

Segundo Carmo-Huerta e Moro (2014, p. 78), as crianças nessa condição possuem o "desafio da inscrição num outro universo diferente daquele de seus pais: crescer entre duas línguas, entre duas culturas, entre o lá e o aqui". Essas crianças, devido às mudanças motivadas pela condição da migração, passam a se deparar com outra cultura, com outro contexto social e com outra língua a ser apropriada. Tal situação impactará a forma como a infância é vivenciada.

QUAIS OS DADOS SOBRE INFÂNCIA NO CONTEXTO MIGRATÓRIO NO MUNDO?

Ao se considerar que, em nível mundial, o número de crianças refugiadas desacompanhadas de familiares ou responsáveis aumentou cinco vezes desde 2010, escancarando como a crise migratória afeta a infância (UNICEF, 2017), tal situação ganha contornos ainda mais dramáticos. Segundo a mesma fonte, atualmente quase metade dos solicitantes de refúgio no mundo são crianças ou adolescentes, de modo que 75 mil solicitações desta natureza foram feitas por crianças que viajavam sozinhas ou separadas de seus pais. No quesito da escolarização, segundo relatório da UNESCO e ACNUR (2016), apenas 50% das crianças refugiadas estão na escola primária e 25% dos adolescentes refugiados estão na escola secundária.

Os dados atualizados do Comitê Nacional para os Refugiados (CONARE) revelam que até o fim de 2016 o Brasil reconheceu 9.552 refugiados de 82 nacionalidades (REFÚGIO EM NÚMEROS, 2017). Entre os refugiados presentes no país nos anos de 2010 a 2015, 599 desses eram crianças entre zero e doze anos, compondo 13,2% da população nesta condição.

No caso do contexto migratório, o desenvolvimento dessas crianças será marcado e atravessado por situações muitas vezes de violência, privações e fragilidade. Desta forma, a especificidade da criança migrante demanda atenção, pois existem questões que perpassam e estão em constante relação com o desenvolvimento, como a língua, a cultura,

159

os costumes. A criança, enquanto pertencente ao gênero humano, está inserida num contexto espacial e temporal que contribui, de forma determinante, para a formação de sua personalidade e de si enquanto pessoa.

COMO PODEMOS AGIR DIANTE DESTE CONTEXTO?

Ante o cenário migratório imposto, ações públicas mostram-se necessárias a fim de trabalhar com as demandas dessa população. Dessarte, a universidade pública se mobiliza por tais temáticas, o que provoca a constituição do Programa Política Migratória e Universidade Brasileira (PMUB), na Universidade Federal do Paraná. Este programa é composto por diversos cursos e visa o atendimento às mais variadas demandas voltadas ao público migrante. Um dos primeiros cursos de graduação solicitado foi o curso de Letras, já que a apropriação da língua é uma das necessidades mais imediatas da população migrante. Com o passar dos anos, constatou-se que muitas famílias apresentavam dificuldade em frequentar as aulas de português por não terem com quem deixar os filhos. Partindo dessa realidade, uma integrante do projeto de Letras "Português Brasileiro para Migração Humanitária" (PBMIH) criou um espaço para as crianças permanecerem enquanto seus familiares participavam das aulas.

O projeto de Psicologia "Migração e Processos de Subjetivação" inserido no Programa, passou a auxiliar nesse espaço e ao longo do trabalho desenvolveu uma proposta de intervenção para o público infantil em conjunto com as integrantes do curso de Letras. Inicialmente, o projeto tinha como finalidade o cuidado e acolhimento das crianças, mas, em função do aumento do número de participantes atrelado à necessidade de organização da intervenção para além do cuidado, observou-se a importância da reestruturação do espaço, das atividades e do próprio objetivo do projeto.

Vale destacar que a metodologia de planejamento das aulas de português permite a inscrição de novos alunos toda semana, já que cada aula tem um fim em si mesmo. Devido às características do fluxo de estudantes, a dinâmica de trabalho

exige certa flexibilidade no planejamento das atividades, já que o número de crianças é variável semanalmente, bem como suas idades e nacionalidades. Para contextualização de dados, desde o início da criação do espaço, em março de 2017, foram acompanhadas trinta e uma crianças, de idades que variam de dois meses e quinze anos, vindas do Haiti, Peru, Venezuela, República Democrática do Congo, Colômbia, Síria, França, além de crianças de famílias migrantes que nasceram no Brasil. Apesar da flexibilidade das atividades, conseguimos organizar a sala e montar uma rotina de trabalho.



Integrantes e crianças do Projeto (Acervo do Projeto)

O trabalho com as crianças ocorre em uma sala da pós-graduação de Letras no mesmo andar onde são ministradas as aulas de português. Para as atividades realizamos uma setorização da sala, portanto, tiramos as carteiras, de modo a liberar espaço na sala e colocamos mesas grandes nas laterais com cadeiras. Nesse espaço ocorrem principalmente as atividades de pintura e desenho. Em um dos cantos da sala, construímos o cantinho das crianças, destinado às mais novas, de 1 a 3 anos, onde foram colocados tatames de EVA e alguns

brinquedos para essa faixa etária. Além das mesas para atividades, existe outra mesa ao lado da entrada onde o lanche é servido. No centro da sala, são realizadas as atividades mais lúdicas como jogos e brincadeiras.



Espaço físico destinado às atividades com as crianças (Acervo Projeto)

Em relação à rotina de trabalho, as atividades ocorrem no período das 15h às 18h. Nos primeiros trinta minutos, as crianças brincam enquanto aguardamos a chegada das demais; após esse período, efetuamos a primeira atividade designada para aquela semana que, geralmente, consiste em atividades que demandam mais atenção e envolvimento das crianças. Pausamos para o lanche em torno das 16:30 horas, momento em que todas as crianças são servidas com as comidas e bebidas preparadas pelas integrantes do projeto. Após o lanche, ocorrem as atividades de caráter lúdico. Em seguida, são oferecidos diferentes jogos e brinquedos até a hora dos pais irem buscá-las. Todas as atividades são discutidas e elaboradas em supervisões semanais.



Atividade com mapa-múndi (Acervo do Projeto)



Contação de história (Acervo do Projeto)

A orientação teórica do projeto com as crianças a partir da Psicologia Histórico-Cultural e da Pedagogia Histórico-Crítica possibilita a reflexão acerca das especificidades do

projeto com as crianças e das formas de trabalhá-las. Sob tais fundamentos, são elaboradas intervenções, de forma sistematizada e com intencionalidade, a fim de contribuir para o processo de humanização das crianças participantes.

Tais pressupostos direcionam a prática com as crianças em contexto de migração, ao propiciar a organização de intervenções e a criação de um espaço voltado à elaboração de atividades direcionadas à potencialização do trabalho em grupo e coletivo, levando em consideração as diferentes faixas etárias. Ainda que a migração apresente desafios e especificidades no contexto atual, que a diferem de migrações já vistas na história da humanidade, destacamos a importância que deve ser dada à infância e suas particularidades nesse processo. Assim, sob o entendimento de que é essencial produzir ações direcionadas ao desenvolvimento infantil, utilizamos a arte como recurso fundamental do Projeto.

PARA ONDE VOLTAMOS NOSSO OLHAR?

A utilização de obras de arte, da literatura infantil, de músicas e outras formas de expressões artísticas no cotidiano da criança pode alavancar o seu desenvolvimento intelectual e linguístico (CHAVES, 2009). Entendemos que é essencial o contato das crianças, desde pequenas, com as produções culturais desenvolvidas pelo gênero humano, de forma a desenvolver suas capacidades críticas, criativas, seus valores e questionamentos sobre si e sobre o mundo, pois

> As crianças assimilam esse mundo, a cultura humana, assimilam pouco a pouco as experiências sociais que essa cultura contém, os conhecimentos, as aptidões e as qualidades psíquicas do homem. É essa a herança social. Sem dúvida, criança não pode se integrar a cultura humana de forma espontânea (MUKHINA, 1996, p. 40).

Nesta direção, Chaves (2009, p. 9) alerta para o fato da necessidade de não se utilizar qualquer livro, música ou poesia, já que é essencial "observar o rigor na escrita, a qualidade do material e a definição dos contornos nos desenhos e letras", sendo decisiva a atenção aos recursos, materiais e procedimentos utilizados.

Explorar a arte, em seu caráter universal, pode ser útil no trabalho com questões que envolvam a diversidade e a multiculturalidade. Mais do que isso, em uma sala com crianças de diversas nacionalidades, algumas que inclusive ainda não dominam o português, utilizar a arte como recurso de trabalho pode ser aquilo que as une, visto sua linguagem universal.

A arte pode ser considerada uma linguagem universal. Essa linguagem artística atravessando séculos e milênios, fronteiras geográficas e culturas das mais diversas consegue preservar significados para os que viverão amanhã (OSTROWER, 2004, p. 9).

Sendo assim, diferentes produções artísticas – com seus personagens, enredos, cores, sonorizações – possibilitam à criança elaborar reflexões e impressões, estabelecer relações, sensibilizar-se com o outro, pensar em conflitos e dramas da vida para além da sua vivência imediata, ampliando as fronteiras da sua realidade e possibilitando o novo (CHAVES, 2009).

Sob tais pressupostos, foi criado no projeto a atividade **Autorretrato** que tem como proposta possibilitar a apropriação de diferentes produções artísticas, bem como oportunizar às crianças expor características sobre si potencializando a elaboração de sua autoimagem, além de trabalhar as questões de diversidade e similaridade do grupo. As atividades foram organizadas em quatro encontros semanais, cujas propostas foram elaboradas coletivamente pelas alunas de Psicologia em conjunto com integrantes do projeto de Letras.

A primeira atividade do projeto de autorretrato foi uma conversa com a pintora Frida Kahlo, que trabalhou o conceito de autorretrato, nas suas diferentes formas e linguagens, bem como a história do seu surgimento nas pinturas renascentistas. Posteriormente, foram apresentados autorretratos distintos de vários pintores como a própria Frida Kahlo, Van Gogh, Picasso, Rembrandt, Guignard, Gustave Courbet, Leonardo da Vinci, Wilson Tibério e Basquiat. A partir disso e utilizando um

mapa-múndi, Frida falou sobre as questões culturais que retrata em seus quadros e convidou as crianças a realizarem um autorretrato.







Visita da Frida Kahlo (Acervo do Projeto)



Atividade do mapa-múndi (Acervo do Projeto)

A partir das obras de autorretratos famosos que as crianças conheceram na semana anterior, conversamos, no encontro seguinte, sobre as emoções manifestadas pelos pintores e propusemos um jogo de mímica das emoções. O

ANDANÇAS: Travessias da Migração e do Resido

objetivo desta atividade foi trabalhar o tema da expressão de emoções com auxílio da história do "Monstro das cores", de Anna Llenas. Dentre elas foram trabalhadas as seguintes emoções: alegria, raiva, tristeza, medo e calma. Na atividade, inicialmente, eram apresentados os monstrinhos, as emoções eram explicadas e eram citados exemplos, por fim, as crianças deveriam colocar as emoções – representadas pelo papel crepom – dentro de potinhos.



Integrantes do projeto contando história "Monstro das cores", de Anna Llenas, sobre a expressão de sentimentos (Acervo do Projeto)

Na semana seguinte, recebemos a convidada Livia Boer, aluna do curso de Design da UFPR, que coordenou uma oficina de desenho do corpo das crianças participantes. A ideia desta atividade era desenhar a silhueta das crianças no Kraft para que elas conseguissem desenvolver uma percepção corporal.





Meninas fazendo o contorno uma da outra (Acervo do Projeto)



Participante do projeto ao lado de sua obra (Acervo do Projeto)

No encontro posterior, os participantes receberam uma foto de seu rosto cortado ao meio para desenharem a metade faltante. Neste mesmo dia, integrantes do Núcleo de Comunicação e Educação Popular (Ncep) realizaram entrevistas com as crianças para que elas pudessem exercitar o ato de falar sobre si mesmas.





Atividade de completar o rosto (Acervo do projeto)

A partir dessas atividades pudemos conhecer melhor as crianças do projeto, bem como suas questões culturais, suas dificuldades e potencialidades. Nesse sentido, constatou-se que a utilização da arte é uma ferramenta valiosa de trabalho e de mediação, uma vez que a partir dela conseguimos propiciar um ambiente rico de interações, no qual as crianças podem se expressar livremente e trazer questões sociais de seu país de origem e de suas vidas cotidianas, além de ampliar sua realidade imediata. A criação deste espaço possibilita, ainda, a aproximação e o estabelecimento de vínculo com os pais que nos auxiliam a compreender a realidade na qual as crianças estão inseridas, os aspectos da cultura e as vivências individuais das crianças.

Por fim, essa perspectiva de atuação implica romper com a invisibilidade cotidiana, com o embrutecimento das potencialidades, com a naturalização do desenvolvimento. Essa perspectiva de atuação exige proporcionar a possibilidade de criação de novos ordenamentos para a vida da criança e, consequentemente, maior capacidade de autodomínio da conduta conscientemente orientada por finalidades humanizadoras em um mundo cada vez mais contraditório. Essa perspectiva de atuação viabiliza a sensibilidade para olhar o outro e nele se reconhecer; oferecer às crianças a mobilização de potencialidades para vivenciar a infância para uma existência profícua. E as crianças, por sua vez, nos ajudam a olhar, como nos lembra Galeano:





As crianças e suas produções... OlhArte!

As crianças e suas produções...
OlhArtol



LARA

Meu nome é Lara, tenho 3 anos e vim da Síria. Adoro gatinhos e gosto de desenhar.









NADIA

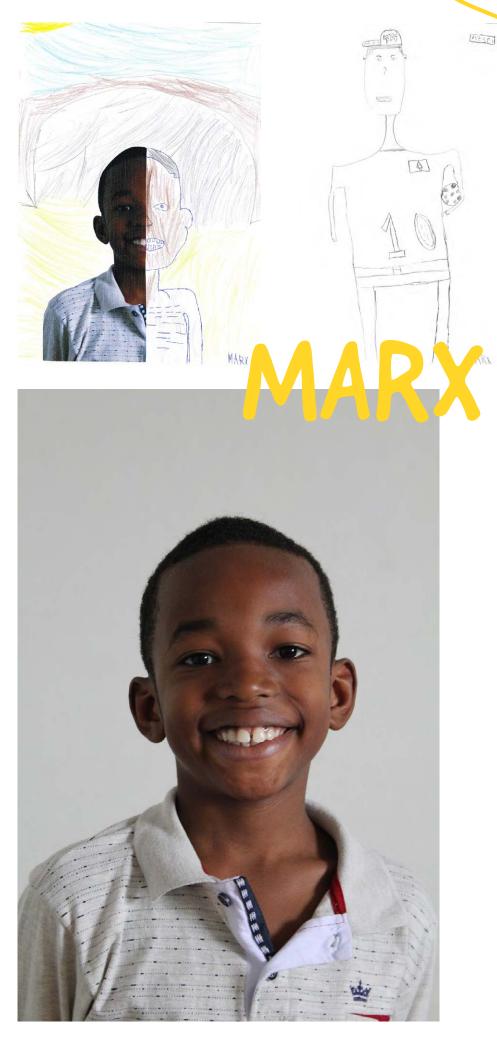


NADIA

Sou a Nadia, tenho 6 anos e vim da Venezuela. Moro em Curitiba com minha mãe e meus irmãos. Minha brincadeira preferida é esconde-esconde.

MARX

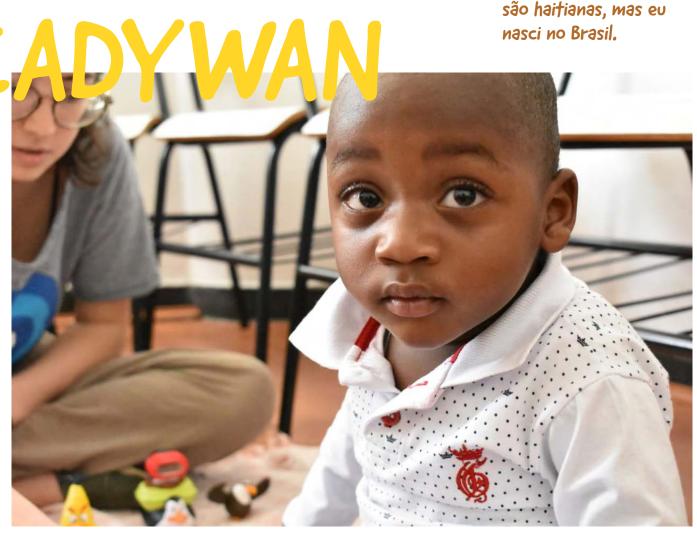
Meu nome é Marx, tenho 8 anos, nasci no Haiti, já morei na França e agora moro em Curitiba. Adoro jogar futebol e quero ser jogador quando crescer, bom iqual Messi, Neymar e Cristiano Ronaldo. A minha brincadeira preferida, depois de futebol, é escondeesconde. Meu animal preferido é o tigre branco, porque é um animal forte. Eu gosto de dançar e meu cantor favorito é o Michael Jackson. No Brasil também conheci o funk e achei bem legal. O que me deixa feliz são meus amigos, e o que me deixa triste é não jogar futebol. Eu já tive quatro aranhas de estimação, uma era verde, a outra vermelha, amarela e também azul.



LOW ___n

CADYWAN

Eu sou o Cadywan, tenho 3 anos e sou um dos participantes mais antigos do projeto. Minha mãe e minhas tias que moram comigo são haitianas, mas eu nasci no Brasil.





FROLDSINA



ANDANÇAS: Travessias da Nestação e do Rente



ROLDJINA

Eu sou a Roldjina, tenho 6 anos. Eu nasci no Haiti e minhas frutas favoritas são morango e uva. Gosto muito de brincar de boneca e de massinha e adoro cantar e dançar as músicas das Chiquititas.

ADAM

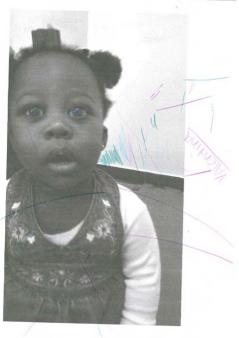
Meu nome é Adam e tenho 3 anos e eu sou sírio. Adoro carros e estou começando a aprender o português.





VALENTINA

Eu sou a Valentina e tenho I ano e meio. Minha mãe é haitiana, mas eu sou francesa. Estou começando a aprender a andar e falar.



GISELE



GISELE

Eu sou a Gisele, tenho 3 anos e nasci na Venezuela. Eu gosto de balões e de desenhar. Não quero esquecer como falar em espanhol.



ALESSANDRA

Meu nome é Alessandra e eu tenho 9 anos, nasci na Venezuela. Gosto de estudar e minha matéria favorita é Arte. No intervalo da escola gosto de brincar com meus amigos de pular corda. Minha fruta preferida é maçã.

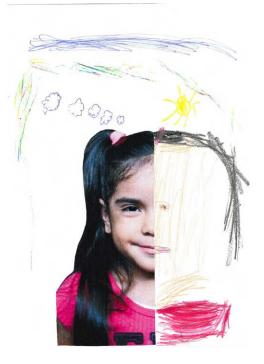


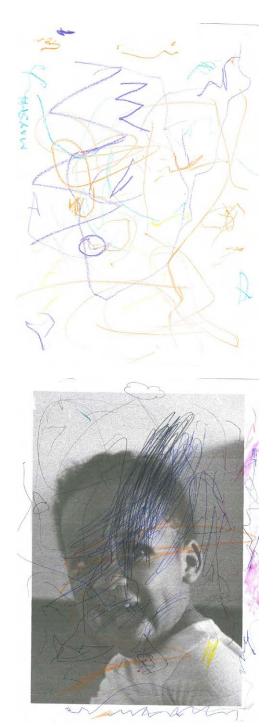
DARLY 181

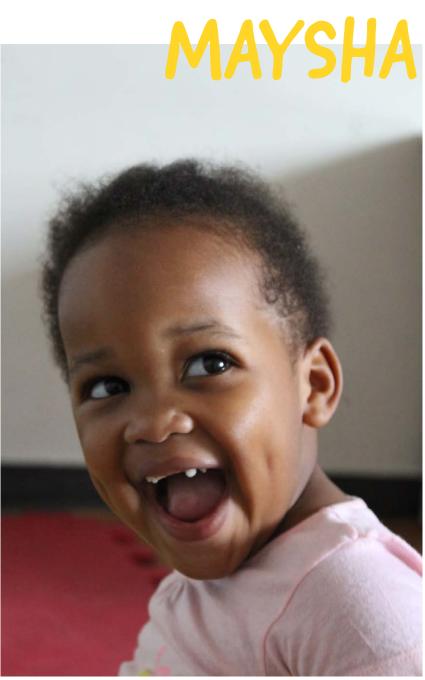
Eu sou a Darly, nasci na Colômbia, morei na Venezuela e me mudei de novo para a Colômbia. Meu pai veio morar no Brasil e, logo depois, eu vim com minha mãe e meu irmão. Tenho 6 anos e minhas brincadeiras preferidas são passa anel, lenço atrás e esconde-esconde.









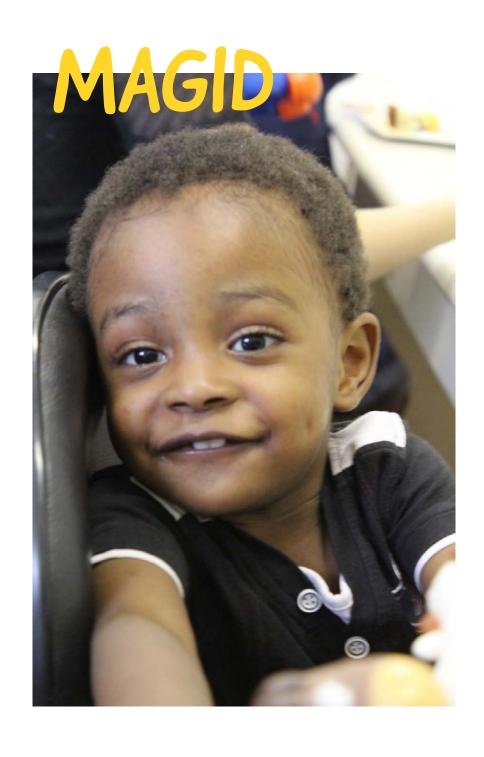


MAYSHA

Meu nome é Maysha e eu tenho 3 anos. Meus pais e meu irmão nasceram no Haiti, mas eu sou francesa.

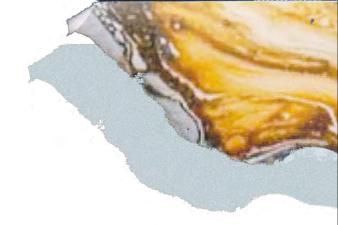
MAGID

Eu sou o Magid e tenho 2 anos. Meus pais e meus dois irmãos mais velhos vieram da Nigéria, mas eu nasci no Brasil. Adoro meus brinquedos de super-herói.









REFERÊNCIAS

CARMO-HUERTA, V.; MORO, M. R. Incidências da transmissão dos traços de cultura no processo de subjetivação da criança e do adolescente migrante. In: **Revista Portuguesa de Pedopsiquiatria**, 37, 2014.

CHAVES, Marta. **Arte e Literatura na Educação Infantil**: Realizações Humanizadoras com Crianças e Educadores, 2009.

CONARE, Comitê Nacional para os Refugiados (2017). **Refúgio em Números**. Disponível em: http://www.justica.gov.br/news/de-10-1-mil-refugiados-apenas-5-1-mil-continuam-no-brasil/refugio-em-numeros_1104.pdf>. Acesso em: 14 de maio de 2018.

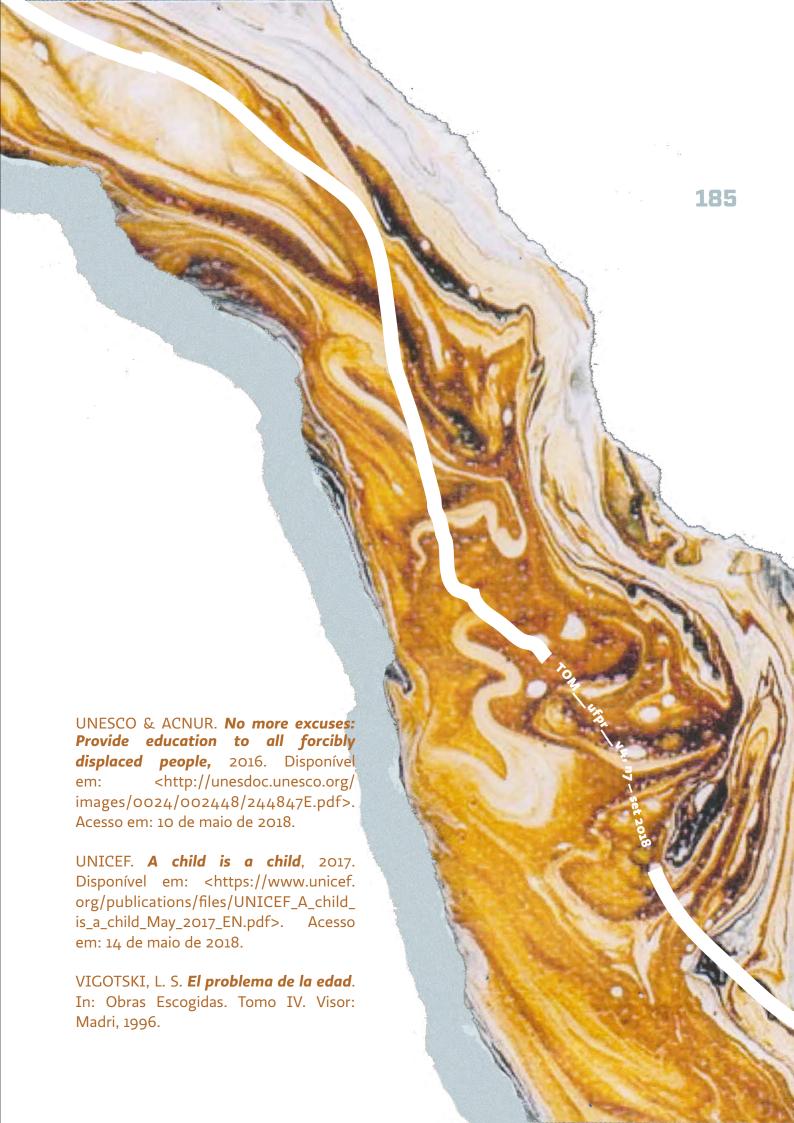
EIDT, N.; TULESKI, S. C. A periodização do desenvolvimento psíquico: atividade dominante e a formação das funções psíquicas superiores. IN: MARTINS, L. M.; ABRANTES, A.; FACCI, M. G. D (orgs.). *A periodização histórico-cultural do desenvolvimento psíquico:* do nascimento à velhice. Campinas, SP: Autores Associados, 2016. (p. 35-62)

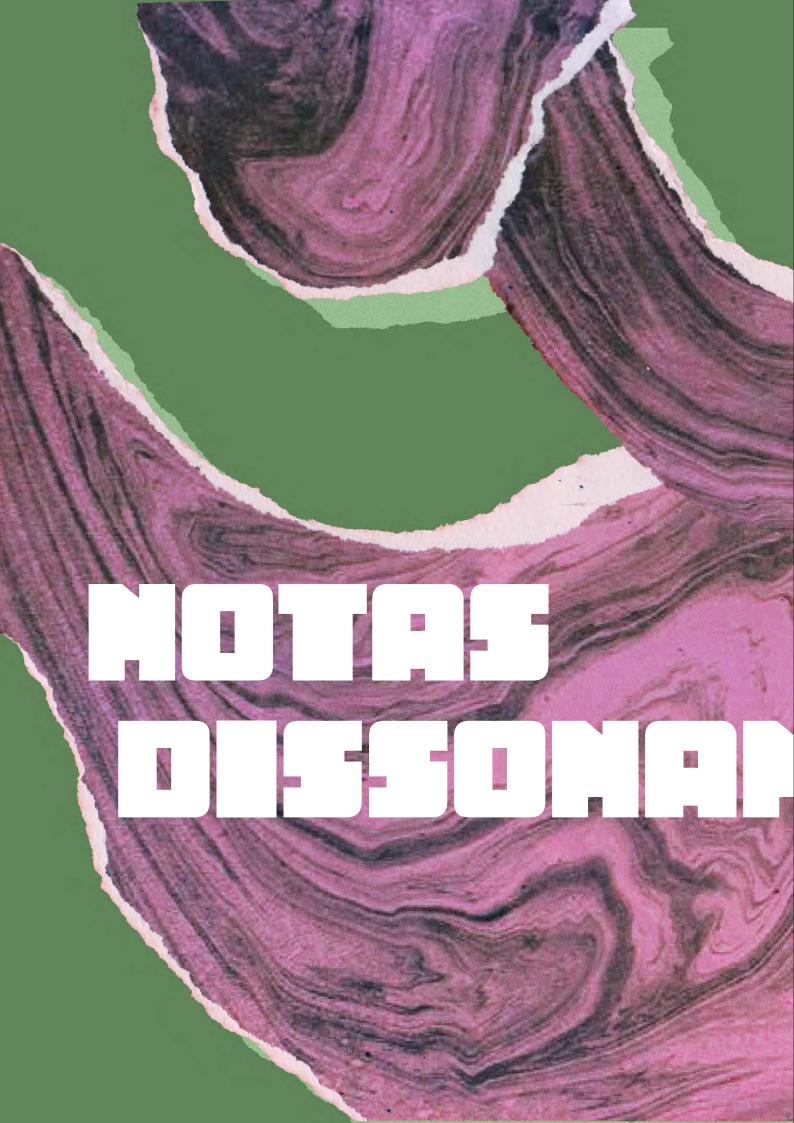
LEONTIEV, A. N. *O desenvolvimento do psiquismo*. Tradução de Manuel Dias Duarte. Lisboa: Livros Horizonte, 1978.

MUKHINA, V. *Psicologia da Idade Pré-escolar*. Trad. Claudia Berliner. São Paulo: Martins Fontes, 1996.

OSTROWER, F. *Universos Da Arte* - Edição Comemorativa. Elsevier Brasil, 2004.

PASQUALINI, J. C. Concepção de ser humano, educação e desenvolvimento. IN: PASQUALINI, J. C.; TSUHAKO, Y. N. **Proposta pedagógica para a Educação Infantil do Sistema Municipal de Ensino de Bauru/SP** [recurso eletrônico]. – Bauru: Secretaria Municipal de Educação, 2016.







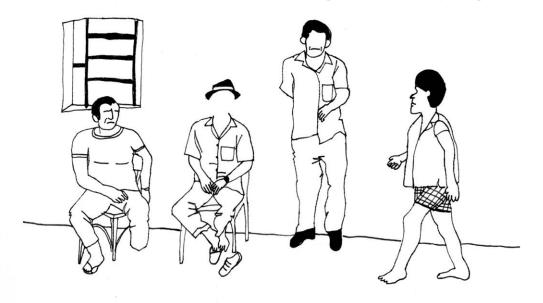
Meu nome é Géssica de Medeiros Santos, sou graduanda do curso de Direito da Universidade Federal do Paraná e participo do Projeto de Extensão Refúgio, Migração e Hospitalidade, o qual se encontra inserido no Programa Política Migratória e Universidade Brasileira. O projeto tem, como principal valor, a hospitalidade de pessoas que chegam em situações vulneráveis no país; e isso ocorre através de atendimentos diários na sala 28 do Prédio Histórico da Universidade.

Depoimento sobre PBMU

Géssica Medeiros

Durante os atendimentos buscamos atender às demandas dessas pessoas que, muitas vezes, não têm nenhuma orientação: muitos sofrem de preconceitos, racismo e exploração nos empregos, ou acabam morando nas ruas por falta de oportunidades. Além do atendimento, procuramos promover acolhimento a quem não possui familiares no Brasil e aos que têm dificuldades para se adequar à vida cotidiana estrangeira – e, situações jurídicas que nos deparamos são, por exemplo, processos para revalidação de diploma, ingresso nas universidades, questões trabalhistas, entre outros.

O projeto trouxe-me um novo olhar para o direito no sentido de reconhecer as necessidades dos migrantes e refugiados de serem protegidos pela legislação brasileira.



Conde Baltazar



ANDANÇAS: Travessias da Migração e do Refúgio

190



ton up 11 to 11 t

NOTAS DISSONANTES SOBRE O SEMINÁRIO

Migrantes, refugiados e apátridas: 3 dias de muito conhecimento e troca de experiências

texto Laura Sferelli ilustração Conde Baltazar

Interação, intercâmbio de experiência, criação de ações em prol dos migrantes e refugiados, debates e estudos sobre as tendências migratórias estiveram na pauta do IX Seminário Nacional da Cátedra Sérgio Vieira de Mello - ACNUR e da III Conferência Latino-Americana sobre Refúgio, Migração e Apátrida, realizados nos dias 12, 13 e 14 de setembro de 2018.

A Cátedra Sérgio Vieira de Mello atua no Programa Política Migratória e Universidade Brasileira e exerce papel fundamental no processo de integração de refugiados, facilitando o acesso aos direitos e serviços brasileiros.

O seminário - a fim de contribuir para a construção de um campo de trabalho, estudos, pesquisas e ações efetivas - recebe apoio e parcerias de organizações públicas e privadas, abrangendo diversas áreas, como: Antropologia, Estudos de Gênero, Direito, Economia, Geografia, Letras, Psicologia, Sociologia, Relações Internacionais, Demografia, Comunicação e Saúde. Além disso, no dia 13/09/2018, durante o evento, foi lançada a 7ª edição do TOM Caderno de Ensaios UFPR, que tem como tema os migrantes e um pouco da realidade que eles encontram na sociedade contemporânea.

texto Anaceli Barbosa de Oliveira ilustração Conde Baltazar

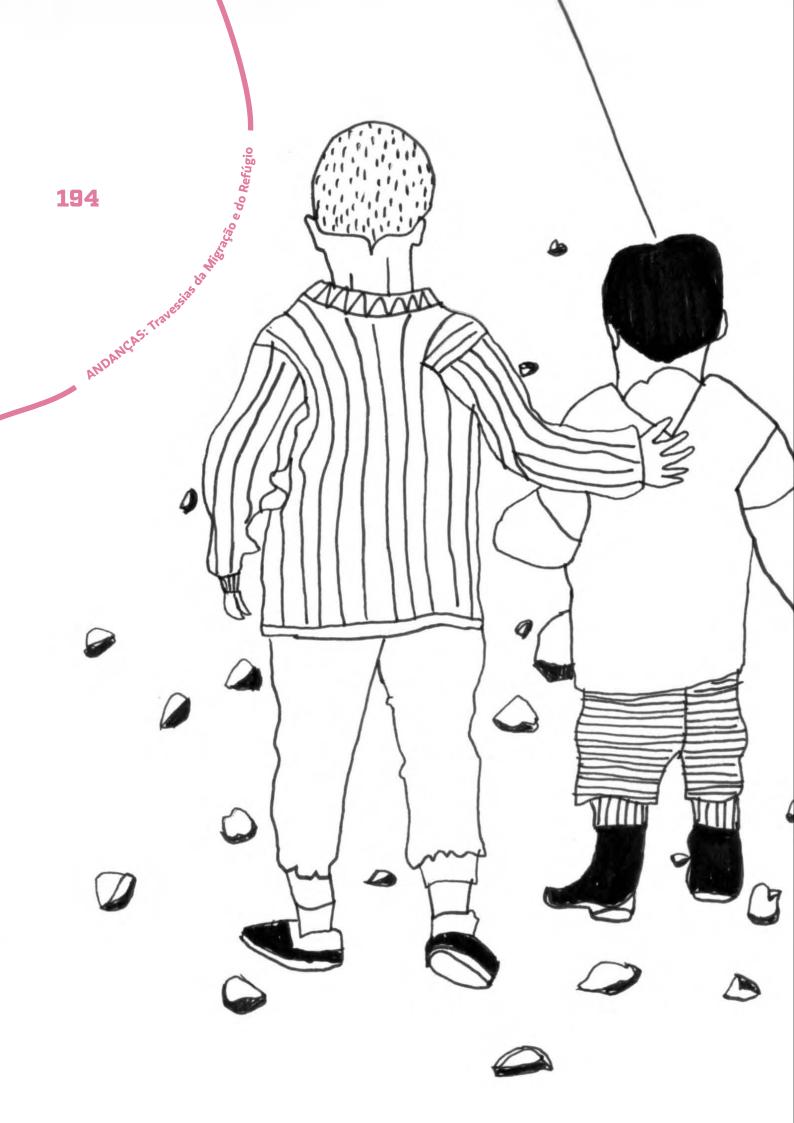
Meu nome é Anaceli Barbosa de Oliveira, estou no segundo ano do curso de Análise e Desenvolvimento de Sistemas da Universidade Federal do Paraná. Quando ainda estava no primeiro ano, tive a oportunidade de participar do programa de extensão "Política Migratória e Universidade Brasileira". Lá, contribuo com o ensino de informática, elaborando material didático e assumindo papel de monitora/professora, dentro da sala de aula; as aulas ocorrem aos sábados, das 13:30 às 15 horas. Sempre gostei de ensinar e de ajudar pessoas, mas sinto que este projeto é diferente; o trabalho é significativo, e realmente impacta a vida daqueles que buscam aprender.

Eu cresci junto a um computador, então concluía que tecnologia é algo natural e comum a todos. Após entrar no programa, "conheci" um outro mundo. Percebi que nem todos tiveram as mesmas oportunidades. Muito do que aprendemos quando criança e consideramos coisas simples e fáceis, pode ser completamente inovador e importante na vida de alguém: muitas vezes me encontrei explicando o que é um teclado ou um mouse.

Este projeto me ensinou a ter empatia. Uma vez, ao ensinar atalhos como "ctrl + c" e "ctrl + v", o aluno correu e os escreveu em seu caderno de anotações, como se aquilo fosse ouro – por isso, afirmo que a experiência com o projeto é muito gratificante.

Depoimento sobre PBMU

AND_{ANÇAS}: Tr_{êvessias} da Migração e do Refúg^{io}



NOTAS DISSONANTES SOBRE O VOLUNTÁRIADO DO PMUB

Programa Política Migratória e a Universidade Brasileira

texto Laura Sferelli ilustração Conde Baltazar

Oprograma, da Universidade Federal do Paraná, Política Migratória e a Universidade Brasileira (PMUB) atinge positivamente e de forma direta os recém-chegados no país, cujas nacionalidades são diversas. O PMUB cresce cada dia mais e só acontece pois existem voluntários que se identificam com a causa. Hoje, contempla seis projetos de extensão de diferentes disciplinas: Português Brasileiro para Migração Humanitária (PBMIH); Refúgio, Migrações e Hospitalidade; Capacitação em Informática para Imigrantes; Migração e Processos de Subjetivação; Migrantes no Paraná. Pleconceito, Integração e Capital de Mobilidade; Oficina de História do Brasil para Estrangeiros. E assim, impacta a vida de muito migrantes e refugiados que vêm em busca de esperança, vida nova e melhor.

Sou Victória, tenho 22 anos e sou integrante do Projeto de Psicologia Migração e Processos de Subjetivação há um ano. No que diz respeito ao projeto, desempenhamos várias atividades interdisciplinares. Para elucidar algumas delas: a tutoria de estudantes da UFPR; a realização de entrevistas nos processos de revalidação de diploma e de reingresso na universidade; o desenvolvimento de atividades lúdicas e humanizadoras na turma das crianças; atendimento psicológico.

Depoimento sobre PBMU

texto Victória de Biassio Klepa ilustração Conde Baltazar

A experiência no projeto tem sido não só gratificante, mas envolvente. O contato é uma troca e uma abertura: diferentes abordagens da psicologia nos instrumentalizam a realizar uma escuta empática, não carregada de nossos a priori, compreendendo a pessoa como um indivíduo dentro de uma história ou cultura, que chegam com a necessidade de se inserirem em uma nova realidade. Na teoria, isso pode bem funcionar, mas na prática não saímos imunes. Toda vivência que o projeto me possibilitou me engrandece e me transforma.

Nosso trabalho é criar possibilidades de existência em meio a uma nova terra, a uma pátria desconhecida, numa tentativa de trabalhar as demandas que aparecem como sofrimento daqueles que buscam reconhecimento em outra terra, língua e cultura. Ademais, a área da psicologia busca possibilitar uma organização concreta e psíquica, assim como, auxiliar na criação de laços.

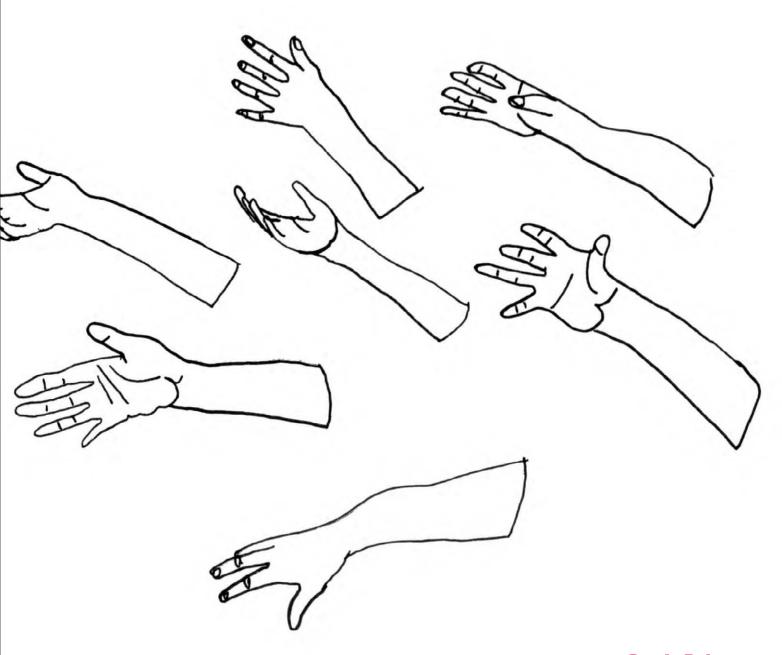
Finalmente, acredito que a rede de processos de humanização, solidariedade e acolhimento precisa se tornar mais ampla com o intuito de tornar a alteridade um valor comum no contexto atual, sendo este um dos desafios do projeto.

ANDANÇAS: Travessid

්ර Migração e do Refúgio

10M__ufpr__v4, n7 - set 2018

197



NOTAS DISSONANTES SOBRE O PBMIH

Aprender, acolher, ensinar e transformar

texto Laura Sferelli ilustração Conde Baltazar

Desde que o mundo é mundo o ser humano se locomove pelo globo: algumas vezes por vontade própria, por curiosidade e outras por necessidade, por conflitos ou guerras. O Brasil é composto por muitas culturas e isso acontece, também, devido à influência dos imigrantes que compõem o cenário do país.

Após o terremoto de 2010 no Haiti, iniciou-se no Brasil um novo ciclo migratório e, com isso, surgiram demandas para atender a população haitiana que chegava. Então, em 2013, na Universidade Federal do Paraná, foi criado o projeto de extensão Português Brasileiro para Migração Humanitária (PBMIH), com o apoio do Departamento de Letras Estrangeiras Modernas (DELEM) e o Centro de Línguas e Interculturalidade (CELIN). O projeto de extensão é baseado nas necessidades dos migrantes/refugiados/apátridas, e consiste em cursos de português como língua estrangeira, para ajudá-los a se comunicar no Brasil – a metodologia funciona como uma porta

ANDANÇAS; Travessias da Migração e do A



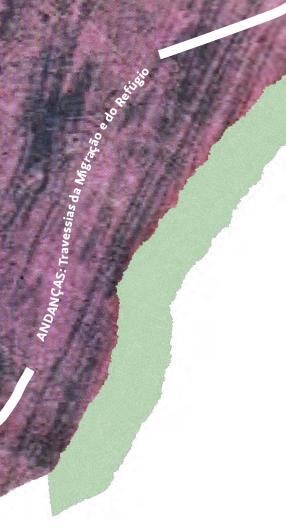
giratória, para que a pessoa que acabou de saber do projeto tenha a chance de aprender e entender as aulas da mesma forma que os que frequentam a tempos.

É curioso o fato de haver tanta diversidade entre os alunos, assim sendo, existe a necessidade do projeto de se adaptar de forma contínua. Dentro das salas de aula, por meio da convivência, foram percebidas outras necessidades básicas para a permanência dos migrantes e refugiados no Brasil. A partir delas, hoje, na universidade, existe um programa de extensão interdisciplinar: direito, psicologia, informática, sociologia, letras – em que as matérias trabalham tanto de forma integrada como individual para atender os migrantes e refugiados.

Os objetivos do programa de extensão Política Migratória e a Universidade Brasileira são transformar, interagir e, principalmente, acolher, independentemente da nacionalidade, a fim de proporcionar uma vida normal aos grupos, impactando de forma que as ações e ensinamentos ultrapassem as fronteiras simbólicas e territoriais: afinal, a aprendizagem vem com a constante interação da vida e, juntos, somos todos migrantes!



"PROMISSE LAND"



Ronaldo Corrêa

No primeiro semestre de 2018, ofertei a disciplina optativa Design e Direitos Humanos para o curso de Design de Produto da Universidade Federal do Paraná. A disciplina teve por proposito a pesquisa de técnicas, suportes e práticas visuais que apoiassem o desenvolvimento de imagens relacionadas aos Direitos Humanos. Foram estudados os temas da ilustração, do cartaz e dos postais – enquanto suportes para a comunicação visual de ideias –, por meio de vivências e palestras.

DESIGNE DIREITOS HUMANOS: CARTAZES SOBRE TRÂNSITOS HUMANOS

Por ser uma disciplina optativa, estudantes de design de produto e design gráfico participaram do processo, que teve o formato de ateliê aberto e processual. Os temas dos direitos humanos foram privilegiados em função dos eventos que vivemos no Brasil desde o final de 2017 e durante o ano de 2018, a saber, a violência contra estudantes e professores, mulheres, negros e negras, indígenas, comunidade LGBTIQ, migrantes e refugiados, entre outros.

Como uma forma de retorno à comunidade desse processo de reflexão e produção, o tema da migração transnacional e do exílio foi comunicado em cartazes de grande formato. O processo desse exercício que apresento aqui foi realizado em parceria com o Projeto de Extensão de Português Brasileiro para Migração Humanitária (https://www.facebook.com/pbmih/), foram dias de conversa com as coordenadoras do projeto, visitas às atividades com as pessoas que participam, trabalho de concepção de ideias, discussão sobre as imagens criadas. O resultado retorna aos colegas, aos participantes do projeto e a cada estudante, nessas notas



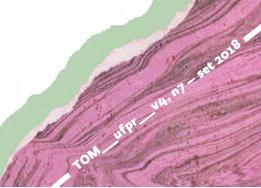
Como forma de divulgar esse processo de discussão sobre as diferentes questões que envolvem os direitos humanos, foram realizadas algumas mostras dos trabalhos, uma exposição sobre os direitos das mulheres, nos painéis do oitavo andar da reitoria, sede do curso de design e outra no Departamento de Artes da UFPR. Uma mostra de trabalhos sobre os direitos indígenas no Museu de Arqueologia e Etnologia da UFPR em Paranaguá-PR. E em novembro a montagem do conjunto de ilustrações, cartazes e postais no encerramento do

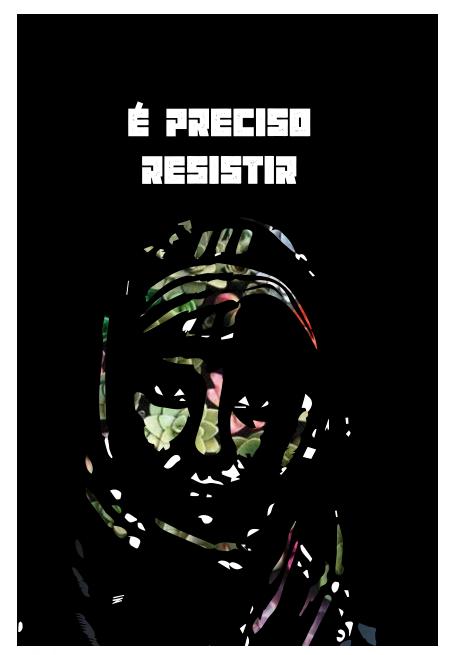
Título: SER

Autores: Amanda Souza e Rafael Pereira Neves

Ano: 2018

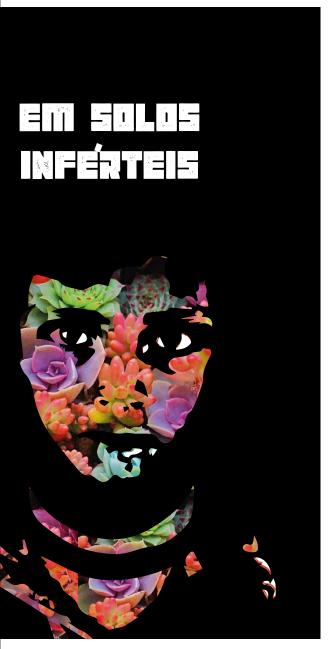
FORMATO: 297 × 420 MM

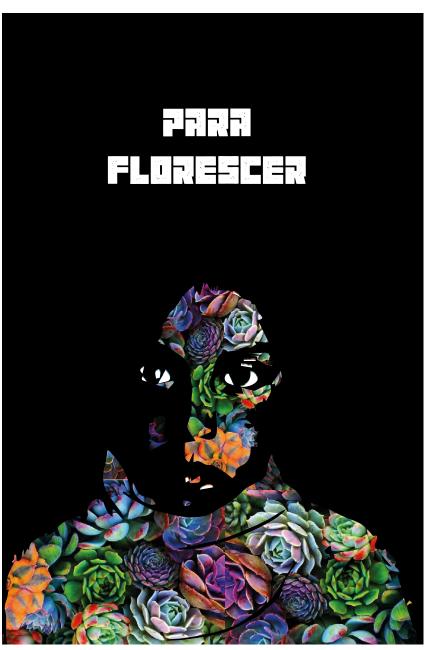












Ciclo de Encontros – Materialidades e Resignificações (https://www.facebook.com/materialidadeseresignificacoes/), promovido pelo grupo de Estudos em Design & Cultura do Programa de Pós-Graduação em Tecnologia e Sociedade da Universidade Tecnológica Federal do Paraná (PPGTE-UTFPR).

Agradeço a cada estudante que se mobilizou em realizar visitas, conhecer pessoas e participar dessa atividade. Agradeço às colegas do PBMIH pela gentiliza em acolherem os estudantes de design nessa atividade e com eles e elas compartilhar essa preocupação com as políticas migratórias

TÍTULO: CRIANÇAS SÍRIAS EM SOLO BRASILEIRO AUTORES: MANUELA GOMES E THALITA SUEMY

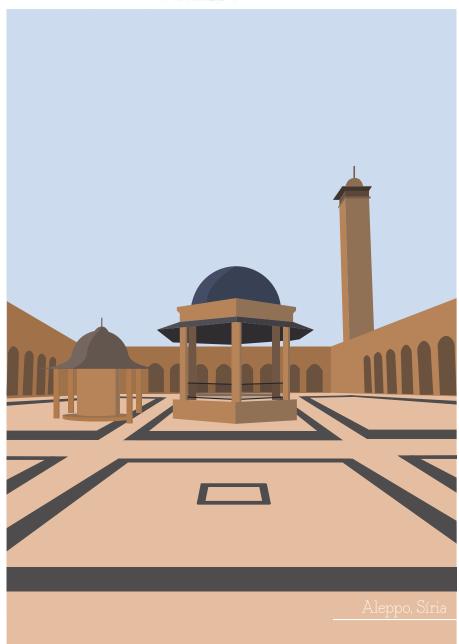
Ano: 2018

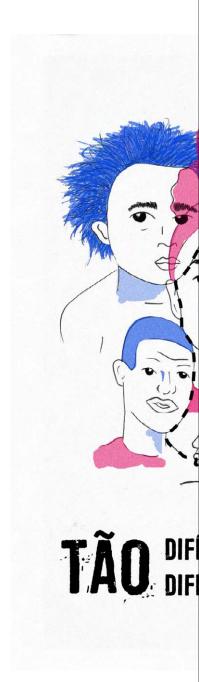
FORMATO: 90 × 60 CM

FOTOS ORIGINAIS DE: MUHAMMED MUHEISEN

Pubanças. Travessias da Migração e do Religio

204





Título: Síria

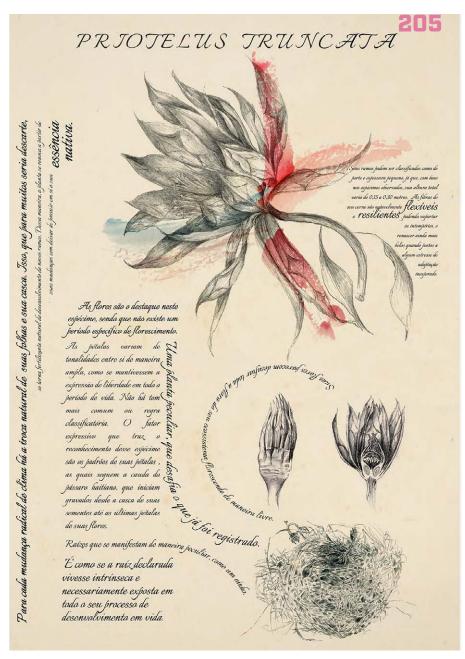
AUTORA: SHEILA ADRIANE RAMOS

Ano: 2018

FORMATO: 297 × 420 MM

e as infindáveis frustrações que o mundo em que vivemos provoca em nações famílias e indivíduos. Tenho a esperança que os trabalhos apresentados, por sua delicada construção visual possam ser mais uma forma de acolhimento à homens, mulheres e crianças deslocadas de suas casas e terras.





Título: Começar de Novo Autora: Giulia Natalie

Ano: 2018

FORMATO: **90 × 60** CM

Título: Ninho

AUTORES: BRUNA VOLTOLINI E JOÃO H. DLUHOSCH

Ano: 2018

FORMATO: CARTAZ 60 × 90 CM



ANDANÇAS: Travessisson de Migração e do Refúgio

Aos Bem-Vindos

Amanda Melo

A tarde de sábado, 18 de agosto, foi muito especial para alunas e alunos do PBMIH e para toda a equipe envolvida com a produção do TOM - Caderno de Ensaios sétima edição **ANDANÇAS: Travessias da Migração e do Refúgio**, prélançada nesta data. Pensado como uma forma de agradecimento e resposta aos migrantes que fazem parte desta publicação, com seus depoimentos e suas histórias, com seus rostos e suas vozes, o evento ocorreu no Teatro da Reitoria, no horário oficialmente dedicado às aulas do projeto de extensão, que hoje recebe mais de 200 migrantes e refugiados de diversas nacionalidades.

Na ocasião, os próprios alunos subiram ao palco, em uma mostra de talentos. Gregory Baptiste, que compôs uma música, em português, especialmente para aquela apresentação, cantou e tocou acompanhado de Marc Kelbens - ambos são haitianos. O venezuelano Guilhermo Peraza dançou salsa, deixando a plateia animadíssima. Paul Celissaint, haitiano, começou ensinando o público a fazer uma saudação em sua língua pátria, para em seguida cantar. Guerrier Duclair, também do Haiti, tocou no violão composição própria. Por último, a professora e musicista venezuelana Ninoska Pottella embalou o teatro tocando e cantando canções típicas de seu país.

O Pré – Lançamento TOM #7 contou ainda com exposição fotográfica de Bruno Covello, além de uma pequena degustação de sabores da Síria, em uma mesa com comidas e bebidas servida a todas e todos. Mas, sem dúvida, um dos pontos altos dessa festa foi a reunião harmônica de povos tão distintos, promovendo o intercâmbio cultural entre brasileiros, haitianos, venezuelanos, sírios, que puderam compartilhar alguns bons momentos naquela tarde. Nós, da equipe TOM, lembraremos deste 18 de agosto de 2018 como um dia em que celebramos a pluralidade e o apoio mútuo entre o Brasil e seus migrantes, sempre bem-vindos!









Sobre ser m

Amanda Melo

ANDANÇAS: Travessias da Migração e do Refúgio, sétima publicação do TOM - Caderno de Ensaios, foi lançada no dia 13 de setembro, na Capela Santa Maria. Por ocasião do IX Seminário da Cátedra Sérgio Vieira de Mello, sediado na capital paranaense, ocorreu ainda o lançamento da campanha Vozes e Culturas na UFPR - Por uma universidade aberta, plural e democrática.

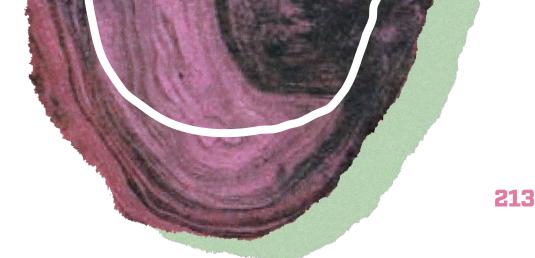
Um espetáculo envolvendo teatro, música e vídeoprojeção foi apresentado pelos estudantes do Reingresso 2018, protagonistas da campanha promovida pelo projeto de extensão Português Brasileiro para Migração Humanitária - PBMIH. Além da apresentação, o público pode conferir exposições de fotografias e de trabalhos dos alunos do projeto. Os convidados também tiveram a oportunidade de apreciar comidas tradicionais do Congo e da Síria, vendidas durante o evento.

Naquele momento, já era possível acessar o conteúdo do TOM #7 na plataforma Issuu. No entanto, a noite não foi apenas dos lançamentos, mas sobretudo das vozes que falaram e cantaram sobre as experiências e os sentimentos que envolvem as travessias da migração e do refúgio. Mais uma vez pudemos fortalecer as trocas, a empatia e o aprendizado sobre o outro, sobre nós mesmo, pois de alguma forma, Somos Todos Migrantes!

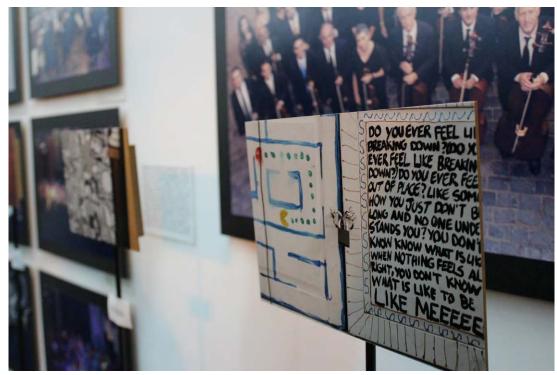
igrante



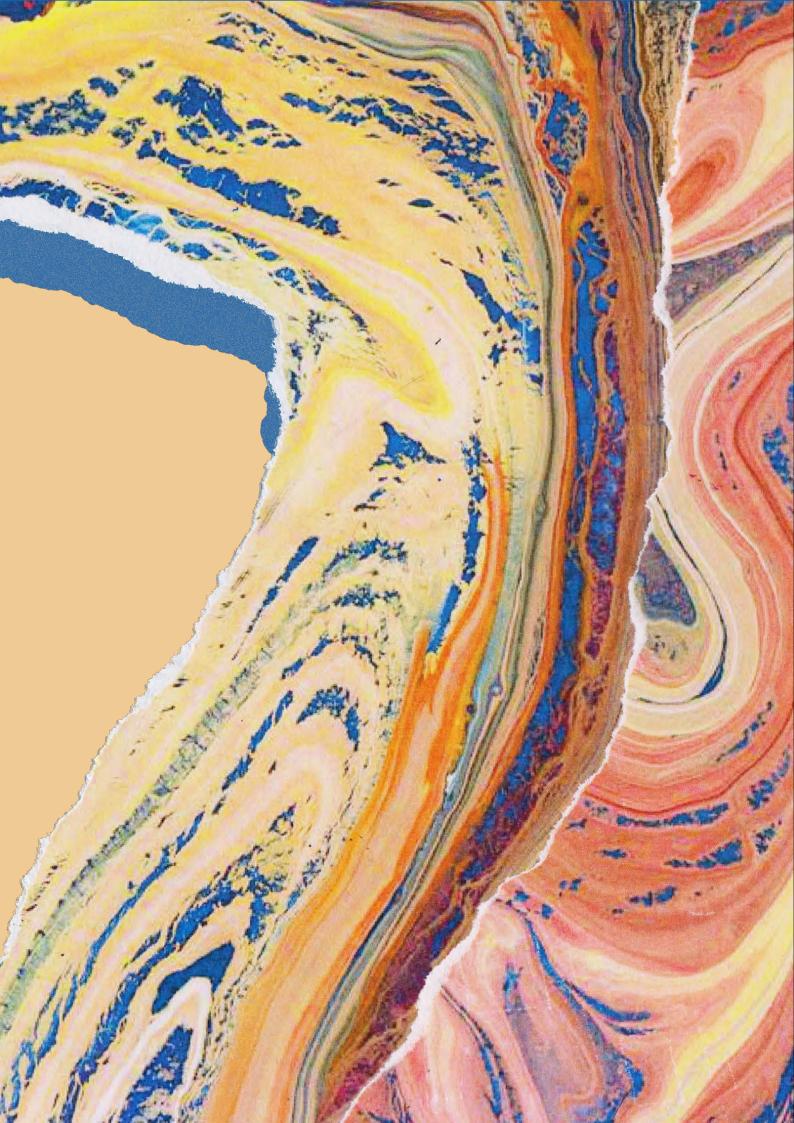
















TRAVÈSE IMIGRASYON AKREFIJE: VWAYAJ SA YO

Lwen kay nou pa yon chwa

- Brunno Covello

ERANS VÈBAL YO

Moun ki rive — losé Carlos Fernandes

Nan Mitan Absans ak Esperans:
Deplasman ak Idantite, nan Pèspektif
Sikoloji, Sikanaliz ak Dwa, nan chan
Imigrasyon ak Refije" Ki Fè Pase Vwa
Pwofesè — Elaine Cristina Schmitt Ragnini

| José Antônio Peres Gediel | Tatyana Scheila Friedrich Akèy ak Lang: Konstriksyon yon Politik Lenguistik nan Inivèsite Federal Parana — Bruna Pupatto Ruano | Sérgio Ricardo Santos Lopes

ERANS POWETIK

Literati Refij — Alessandra de Freitas | Carla Cursino | João Arthur Pugsley Grahl | Viviane Pereira

ERANS AFEKTIF YO

GID GASTRONOMIK

Ouvèti – Maria Fernanda Mileski | Manuela Salazar

Mizik ak manje ini nasyon yo: nan ba Berthony an sa se yon verite: Ayisyen ki rantre Brezil e jodi a ki se mèt yon ba, e ki vle ouvri yo restoran

Maria Fernanda Mileski

Nou pral manje? — Manuela Salazai

Das flores de jasmim se fez Yasmin: Inyon fè fòs pou fanmiy siryen ki ouvri yon konpayi ki ofri manje siryen e atire anpil kliyan brezilyen — Maria Fernanda Mileski

Gou mòn yo — Manuela Salazar

RESÈT FANMIY YO

libète se yon pla ke yo manje tou cho

– Milena Aíssa | Tayane Lopes

Kè kav la se kizin nan — lessica Skroch

Plis ke yon payi vwazen, nasyon sè

Milena Aíssa

Sou memwa yo, chòk kiltirèl yo ak yon maten ken pap janm bliye — Rafaela Rasera



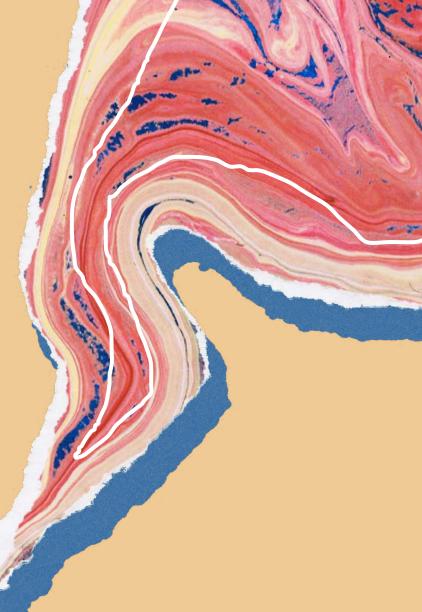
Dans: rit, kò ak mouvman – João Batista Barbosa Junior;

TI ERANS YO

Anfans, imigrasyon ak imanizasyon -

Amarilys Salomão | Ana Lúcia Borelli Canuto | Evelyn Cristine Pereira | Graziela Lucchesi Rosa da Silva | Joana Schenatz Trautwein | Luana Lubke de Oliveira | Mayssun Omari Osman | Victória de Biassio Klepa

NÒT DISONAN



Alessandra Freitas
Daniel Felice
Jeniffer Albuquerque
Maria Gabriel
Viviane Pereira

imigrasyon an fèt ak plizyè figi e gen plizyè figi, anpil koulè, anpil gou ak anpil rit, anpil lang e anpil vwa. Imigrasyon an gen plizyè fòm. Yon rezo ki kòde ak anpil rasin, imagrasyon an ibrid e anpil fwa li anonim. Nou tout nou se "fwè imigran", menmjan nan deklarasyon ekriven matiniken Patrick Chamoiseau: fwè nan dwa poun viv, ale tounen, ki gen menm libète.

Nan endivizibilite chak moun parèt gen yon rezo komen: refije gè ki gen an Siri ou gè sivil ki genyen an Afrik yo, egzile apre katastwòf natirèl Ayiti yo; imigran amerik latin yo ke kriz politik ekonomik peyi yo mete deyò yo. De bagay ki sisite yon imagrasyon fòse ak esperans nan yon refij. Yo pa chwazi Brezil ankò mwens lang pòtigè a; anpil chwazi pa pati kite peyi yo. Men se nan nouvo peyi, nouvo lang ke yo pral rekonstwi vi yo.

Limewo revi TOM sa, ansanm ak pwogram politik imigratwa e Inivèsite Brezilyèn (PMUB), pwopoze nou bay yon kout je sou imigrasyon nan kontèks brezilyen konprann imigrasyon, poun ka rann vizib envizibilite chak jou yo, ki anpil fwa pa ka parét, epi tou sisite yon diskisyon sou kòman akèy la ye bò kote kèk moun, pwofesè, etidyan kap fè lisans, metriz, doktora, rechèch ak moun ki nan alantou yo. Se vwa moun sa yo, tèks yo ekri, imaj yo ki dwe prepare istwa. Nou chwazi ekri ansanm, poun ka konprann ke chak vwa enpòtan, men sa pa vle di ke nap pase anonim: Moun ki ekri sou vi yo ak tout moun ki kolabore.

Sesyon revi sa yo se erans: pou rankont imigran ak refije yo, pou yo erans lan konstriktif. Moutre fon ak fòm, erans sa yo rakonte kòman siryen, ayisyen, venezwelyen, kongolè, brezilyen ak lòt nasyon konprann ke limitasyon fontyè se yon kreyasyon abitwè ki vini a pati de pwòp ide nasyon an.

Nou envite tout moun kap li limewo sa, pou yo bliye nan moman sa tout fòm de distenksyon ki separel ak lòt moun, envite nou tou, poun pataje eksperyans lekti sa, mwen swete nou li ak tout nou menm, zye, bouch, zòrèy, santiman, memwa ak emosyon.

Anndan **Erans sonò yo**, nou pote pou nou anpil bagay nouvo, mizik, rit ki reprezante chak kominote imigran, sa rive posib gras ak kontribisyon kontanporen yo, ak anpil melanj kiltirèl. Moun ki kontribye poun reyalize travay sa, se Berthony Pierre, Daniel Felice, Elisée Succès, Ninoska Pottella, Myria Tokmaji, Abed Tokmaji ak Lucia Loxca, gen mizik plizyè peyi, tankou Ayiti, Venezuela ak Siri, yon konpilasyon de Péricles Arthur Souza, ki siyen tèks "Mizik kòm idantite e vizibilite" e ki prepare playlist la.

Nan **Bay TOM an**, anpil imigran mete ansanm pou bay temwanyaj: lang yo ak vwa yo fòme tèks pou reponn ak ajitasyon sou kesyon idantite, imgrasyon ak rèv yo. Siyen pa rsponsab #7 TOM, "kolore tablo a ak vil la" se envitasyon nou pou imigran etranje ak bresilyen pou yo ka apresye richès ki gen nan divèsite.

Erans vizyèl yo, moutre yon seri foto ki tire pa fotograf Brunno Covello, epi temwanyaj de kèk imigran ak refije ki rakonte istwa

pèsonèl yo ak fanmiy yo. Bruno Covello ki otè liv "Rekòmanse" a, jonalis fotografik ki kontribye ak yon zye sansib e presye pou yon meyè vizibilite pou moun imgrasyon pa yon chwa. Moun ki bay temwanyaj yo se Arlette Handakatembo, Nabote Mwanafioti Inocent Moisés, Kettia Claude Marseille, Dimah Alosman, Marleny Torres Salcedo, Jean Michel Claude, Qusai Osman, Alfadieu St. Phort, Sara Bastidas Marquez.

Erans vèbal yo, fè parèt vwa moun kap travay nan domèm imigrasyon nan moman, Kèk moun kap panse nan transfòmasyon kondisyon yo, sitou avèk dènye mouvman diáspora. Pou ouvri sesyon an nou gen: José Carlos Fernandes, jonalis e pwofesè kou kominikasyon sosyal – Jounalis Inivèsite Federal Parana. "Nan mitan absans ak esperans: deplasman ak idantite, nan pèspektif sikoloji, sikanaliz ak dwa, nan chan imigrasyon ak refije" ki fè pase vwa pwofesè Elaine Cristina Schmitt Ragnini, kou sikoloji, kou dwa nan inivèsite Federal Parana. Nan atik "akèy ak Lang: konstriksyon yon politik lenguistik nan inivèsite Federal Parana". Bruna Puppato Ruano ak Sérgio Ricardo Santos Lopes prezante yon brèf istwa sou politik akèy lang nan milye akademik lan e yo moutre nouvo defi yo.

Nan Erans powetik yo, nou envite moun kap li yo pou yo tande program "literati refij" ki soti nan espas fizik vil la poul pran ond radio. Yon ti pale sou relasyon ant literati ak erans yo, yon prezantasyon lekti tèks plizyè otè de nasyonalite diferan, nan lang orijinal yo ak tradiksyon an pòtigè, tèks sa yo pale sou imigrasyon, refije ak ospitalite. Prezantasyon program nan ak Carla Cursino; moun ki patisipe nan deba se Hugo Simões e João Arthur Pugsley Grahl; moun ki fè lekti yo se Aleksandra Piasecka-Till, Desirreé dos Santos, Evry Bénédicte Oxa Perise, Gabriel Keddeh, Geisa Mueller, Ivan Colling, Jasmina Schmidt, João Arthur Pugsley Grahl, Marta López García, Sergio Ricardos Santos Lopes e Victor Puchalski.

Erans afektif yo, moutre aspè kiltirèl ak idantite ki gen relasyon ak esperyans sansoryèl ki pataje yo. Ptaje vle di pou nou, envite chak moun kap li rive dekouvri nouvo gou yo, nouvo kote: nou ofri yon "gid gastronomik" twè espesyal, moun ki siyenl se Maria Fernanda Mileski ak Manuela Salazar, ilistre pa Helen Pereira Sippel ak Mariana Provenzi. Nan "resèt fanmiy yo", entegran Nikleo kominikasyon ak edikasyon popilè (NCEP - UFPR) tal chèche ralasyonant memwa, idantite ak gou kilti diferan.

Rankont yo, se yon seri dialóg ki ale pi lwen ke pawòl yo: fanmiy Batista Barbosa Júnior, pale sou melaj de rit e moutre ton diferan, li fè sa nan atik "Dans, kò ak mouvman"

Nan **Ti erans yo**, epas sa rezève poun panse sou demen imgrasyon yo: diskite sou vi timoun yo, sa rive fèt gras ak refleksyon kèk profesyonèl kap travay ak timoun imigran yo, espesyalman travay timoun sa yo prodwi. Ki etabli yon relasyon an teori ak pratik, nan atik sa " anfans , imigrasyon ak imanizasyon" ki siyen pa Amarilys Salomão, Ana Lúcia Borelli Canuto, Evelyn Cristine Pereira, Graziela Lucchesi Rosa da Silva, Joana Schenatz Trautwein, Luana Lubke de Oliveira, Mayssun Omari Osman, Victória de Biassio Klepa; as ilustrações são de Lara, Nadia, Marx, Cadywan, Roldjina, Adam, Valentina, Gisele, Alessandra, Darly, Maysha e Magid.

Limewo "vwayaj sa yo: travèse imigrasyon ak refije" revi TOM an envite nou pataje ti erans yo: melanj travay plizè otè, tout vwa sa yo mete ansanm pou pale sou tèm refij ak akèy. Pou tout bagay sa yo, nou remèsye chak moun ki pataje vwa ak nou, tan yo, tèks yo, lang, manje yo, rév yo, fwa imaj yo, chalè yo ak yo menm.

WANDERINGS: THE JOURNEYS OF MIGRATION AND REFUGE INDEX

INTRODUCTION

Diaspora identities: thinning borders

Alessandra de Freitas | Daniel Felice | Jeniffer
 Albuquerque | Maria Gabriel | Viviane Pereira

SOUND WANDERINGS

Music as Identity and Visibility

Péricles Arthur Souza

GIVE IT A SOUND (DAR O TOM)

Coloring the frame and the city — Alessandra de Freitas | Daniel Felice | Jeniffer Albuquerque | Maria Gabriel | Viviane Pereira

VISUAL WANDERINGS

Being far from home wasn't our choice

Brunno Covello

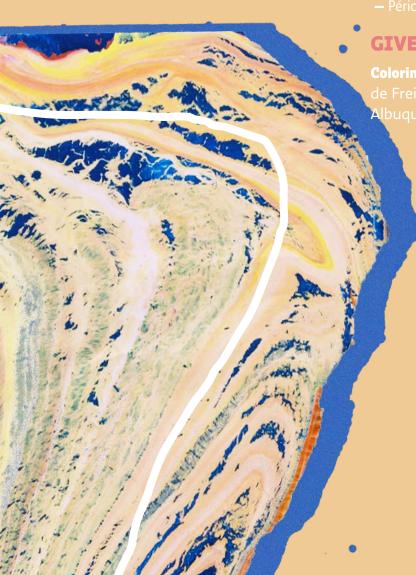
VERBAL WANDERINGS

The One Who Arrives

José Carlos Fernandes;

Between Longing and Hope: displacements and identities in the perspective of Psychology, Psychoanalysis and Law in the field of migrations and refuge — Elaine Cristina Schmitt Ragnini | José Antônio Peres Gedie | Tatyana Scheila Friedrich

Reception and Language: the creation of Linguistic Politics at UFPR —
Bruna Pupatto Ruano | Sérgio Ricardo
Santos Lones



POETHNIC WANDERINGS

Refuge Literature — Alessandra de Freitas | Carla Cursino | João Arthur Pugsley Grahl | Viviane Pereira

AFFECTIVE WANDERINGS

GASTRONOMIC GUIDE

Opening – Maria Fernanda Mileski | Manuela Salazar

Music and food unite nations: at Berthony bar, that's true – the Haitian who came to Brazil and became a bar owner now wants to be the owner of a restaurant

Maria Fernanda Mileski

Let's eat? — Manuela Salazar

From jasmine to Yasmin – Unity is strength for the Syrian Family that has opened a company in Brazil to produce Syrian cuisine, and Brazilians love it

Maria Fernanda Mileski

The taste of the Mountains

Manuela Salazar

FAMILY RECIPES

Freedom is a dish best served hot

Milena Aíssa | Tayane Lopes

The heart of the house is the kitchen

Jessica Skroch

More than a neighbor country, family nations — Milena Δíssa

On memories, cultural shock and an unforgettable morning — Rafaela Rasera

RHYTHM

Dancing - rhythm, body and movement -João Batista Barbosa Junior;

LITTLE WANDERINGS

Childhood, Migration and Humanization -

Amarilys Salomão | Ana Lúcia Borelli Canuto | Evelyn Cristine Pereira | Graziela Lucchesi Rosa da Silva | Joana Schenatz Trautwein | Luana Lubke de Oliveira | Mayssun Omari Osman | Victória de Biassio Klepa

DISSONANT NOTES

Alessandra Freitas
Daniel Felice
Jeniffer Albuquerque
Maria Gabriel
Viviane Pereira

Migration happens through many faces, several colors, and as many flavors and rhythms, languages and voices. Migration is diverse in itself. Just like a net drawn on different roots, migration is hybrid and, more often than not, anonymous. We're all "migrant siblings", as said by writer Patrick Chamoiseau: [we're] siblings in our right to live, to come and go, and to enjoy being free.

From individual invisibility comes a shared net: refugees from Syria or from civil wars in Africa; exiled people from countries hit by natural disasters such Haiti; Latin-American migrants deported from their countries due to political and economic crisis. These are somber realities that encompass forced migration mingled with a hope that comes with refuge. They hadn't chosen Brazil, much less the Portuguese language; most would rather not have left their home countries. However, it's in this new country, through this new language, that they must rebuild and resignify their identities.

This issue of TOM, in a collaborative work with Política Migratória e Universidade Brasileira (PMUB), aims at seeing migration in Brazilian context through the migrants' lenses, bringing to light their daily (restrained) invisibility, so that it's possible to engage on a conversation on politics of reception developed by teachers, undergrad and grad students, researchers and the surrounding communities. It's their voices and faces, their texts and images that must tell the stories. We've chosen to work with multiple authorship, as we understand that every single voice is important; nevertheless, this plurality does not mean anonymity: as they're the authors of their own lives, all collaborators are also authors in the issue.

The magazine's sections are like wanderings: a joyful meeting of migrants and refugees, to whom wandering is a key concept. As they become background and form, wanderings tell the stories of Syrians, Haitians, Venezuelans, Congolese, Brazilians, and anyone who can see that borders are an arbitrary creation and the very idea of the existence of a "country" is a contrivance.

We invite the readers to, for a moment, forget any contrivance and mute any binary that insists on separating the I from the Others; moreover: we invite the readers to dive in a sensorial reading experience, as we wish to read not only with our eyes but also with our ears, and mouth, and feelings, and memories, and emotions.

In **Sound Wanderings**, we bring a diverse scenario of music and rhythm which represent migrant communities and contemporary contributions born on cultural miscegenation. Contributions from a variety of countries such as Haiti, Venezuela and Syria, made by Berthony Pierre, Daniel Felice, Elisée Succès, Ninoska Pottella, Myria Tokmaji, Abed Tokmaji and Lucia Loxca become "Music as Identity and Visibility", a text by Péricles Arthur Souza, who also created the playlist to go with the reading.

In **Give It A Sound (Dar o TOM)**, a plurality of voices take the form of testimonials by several migrants: their languages and voices become a

text that aims at responding to their concerns on identity, migration and dreaming. Signed by Curadoria #7 TOM, "Coloring the frame and the city" is our invitation to foreign and Brazilian migrants to appreciate how much diversity can be enriching.

Visual Wanderings showcases Bruno Covello's photography work, sided with testimonials by migrants and refugees, as they share their individual and familiar stories. The photographer/journalist Brunno Covello, who's also the author of Rekòmanse, has used his unique and sensitive eye to contribute to more visibility for people who hadn't chosen migration in the first place. Testimonials come from Arlette Handakatembo, Nabote Mwanafioti Inocent Moisés, Kettia Claude Marseille, Dimah Alosman, Marleny Torres Salcedo, Jean Michel Claude, Qusai Osman, Alfadieu St. Phort, Sara Bastidas Marquez.

Verbal Wanderings bring out voices from people who work with the current migratory context, using the perspective of the practice surrounding diaspora. The section starts with "The one who arrives", by José Carlos Fernandes, a journalist and Social Communication professor (Journalism, UFPR). "Between Longing and Hope: displacements and identities in the perspective of Psychology, Psychoanalysis and Law in the field of migrations and refuge" merges the voices of professors Elaine Cristina Schmitt Ragnini (Psychology), Tatyana Scheila Friedrich and José Antonio Peres Gediel (Law, UFPR). Bruna Puppato Ruano and Sérgio Ricardo Santos Lopes trace the history of linguistic reception politics in the academic environment on "Reception and Language: the creation of Linguistic Politics at UFPR", and also present some challenges that can

With **PoEthnic Wanderings**, we invite the readers to listen to "Refuge Literature", which has moved from physical places around the city to the radio. The conversation on the relation between literature and wandering is guided by reading from several authors that tackle topics regarding migration, refuge and hospitality (texts can be read in their original language or in their Portuguese translations). The show is hosted by Carla Cursino; production is on Alessandra de Freitas, Bruna Becegatto and Carla Cursino; Hugo Simões and João Arthur Pugsley Grahl lead the debate; texts are read by Aleksandra Piasecka-Till, Desirreé dos Santos, Evry Bénédicte Oxa Perise, Gabriel Keddeh, Geisa Mueller, Ivan Colling, Jasmina Schmidt, João Arthur Pugsley Grahl, Marta López García, Sergio Ricardos Santos Lopes and Victor Puchalski.

Affective Wanderings deals with cultural and identity aspects that come from shared sensorial experiences. Since sharing means caring, we invite the readers to take part on a journey of new flavors and places: we offer a very special "Gastronomic Guide", written by Maria Fernanda Mileski and Manuela Salazar, and illustrated by Helen Pereira Sippel and Mariana Provenzi. On "Family Recipes", members of Núcleo de Comunicação e Educação Popular (NCEP - UFPR) go after emerging relations between memory, identity and flavors from different cultures. From that, meetings that go beyond words happen: the Family members of Fatimah and Joumah Alsabsabi, Abiola Sulaimon Yusuf, Guillermo Castillo and Harold Dumorne reveal intimacy that could only be translated into the simple act of sharing food. The sounds that go with and make up that diversity are sung by João Batista Barbosa Júnior, on the article "Dancing - rhythm, body, and movement".

On **Little Wanderings**, the space is designed to reflect on the future of migrations: professionals who work with migrant children discuss the meaning of childhood, and, last but never least, children's productions can be found there. As the link between practice and theory is emphasized,

"Childhood, migration, and humanization" is a text written by Amarilys Salomão, Ana Lúcia Borelli Canuto, Evelyn Cristine Pereira, Graziela Lucchesi Rosa da Silva, Joana Schenatz Trautwein, Luana Lubke de Oliveira, Mayssun Omari Osman, Victória de Biassio Klepa; the illustrations are works by Lara, Nadia, Marx, Cadywan, Roldjina, Adam, Valentina, Gisele, Alessandra, Darly, Maysha and Magid.

The TOM Journal issue "Wandering: the journeys of migration and refuge" invites you to share the wanderings: by thinning the boundaries of authorship, the traveler is made visible, and all voices become one refuge mapping – which then turns into reception. As it is so, we thank every individual who has shared, with us, their voice, their text, their language, their food, their dreams, their beliefs, their history, their memory, their sound, their rhythm, their hugs, thewir smiles, their image, their warmth, their own being.



ةيرعش تالحر

ساتيرف يد اردناسيلاً - نيئجاللا بدأ يلسغوب رثراً واوج ، ونيسروك الراك ، ارىرىب ناىفىفو لەارغ

ةيفطاع تالحر

مراعطلا قوذت لىلد

يكيسيليم ادنانرف أيرام - حاتتفالا رازالاس الىونام و

هذه :مرم أله عمرجي مراعطله و يقيسوم له نطاوم - Berthony قناح يف ققيقحله يه حبصاً و ليزاربله يله لله يويي ياه نمر بحاص نوكي نأ ديري نآله و ،قناح بحاص يكسيليم ادنانرف ايرام - معطم

رازالاس الىونام - لكأن انوعد

نيمرسايلا تعنص نيمرسايلا روهزنمر قيروسلا قرسألل قوقلا عنص داحتالا - قيروسلا قرسألل قوقلا عنص داحتالا الله قكرش ءاشناب ليزاربلا يف تمراق يتلا قوذ بذجتو يروسلا خبطلا مردقت ادنانرف ايرام - نييليزاربلا نئابزلا يكسىلىم

.داذال إس اليورون أم – لياب حلىا قوكن

ةرسألا تافصو

ةنخاس لكؤت قبط يه ةيرحلا زيبول ناياتو اسيأ انيليم –

> خبطم ل اوه لزنم ل ا بلق .شتوركس اكيسيج -

- ةقيقش لود ،رواجم دلب نم رثكأ ىسيع انيليم

نيب تام ادطصالا و تايركذ لوح اليافار - ىسني ال حابصو تافاقثلاا .اريسار

تاعاقىإلا

واوج - قكرحلاو دسجلاو عاقيإلا - صقرلا روينوج ازوبراب اتسىتاب

تالحر

سيليرامراً - ةنسناو ةرجهلاو ةلوفطلا وتوناك يليروب ايسول انآ ، ،نومرولاس الييزارغ ،اريريب انيتسيرك نيلفيإ ، زتانيش اناوج ،افليس اد ازور يسيشتول اريفيلوا يد هيكبول اناول ، نيوتورت يد ايروتكيف و نامرثع يرمرع نوسيم ، ،ابىلك وىساىب



ةرجهلا رباعم :قلحرلا"ءوجللاو

تايوتحمرلا لودج ضرعلا

تاتشلا تايوه

لييناد ، ساتيرف اردناسيلا - دودحلا لح لييرباغ ايرام ، كريكوبلا رفنيج ، سيليف اريريب نايفيفو

ةيتوص تالحر

Péricles Arthur Souza - قىۋر و قىوەك يىقىسومرلا

نوللا ءاطعأ

ساتيرف اردناسيلاً - ةنيدم له قروصله نيولت ، كريكوبل أرففينجو ، سيليف ليينادو ، اريريب نايفيفو ، لييرباغ ايرام و

ةيرصب تالحر

- لزنمرلا نع دعبلا انرايتخا نكي مرل ولىفوك ونورب

ةيظفل تالحر

سولراك ەيزوج - مرداقلا صخشلا سيدنانرف

تايوهلاو حوزنلا :لمرألاو نينحلا نيب ليلحتلا و سفنلا مرلع رظن ةهجو نم ةرجهلا للجمريف نوناقلاو يسفنلا - عجللاه

ةسايس ءانب :ةغللاو لاابقتسالا يف ةيلاريدفلا ةعمر اجلا يف ةيوغل UFPR اناراب قيالو عم تالباقم لكش ىلع هلاجم ذخأي تاوصالا ددعت ناف توصلا عاطع! يف فواخملا ىلع درلل صن ىلا لوحتت ممتاوصاً و ممتاغل ني رجاهمها نم ديدعلا قروصلا ني ولت " TOM، په قنيماً معقو مالحالا و قرجها و قيوملا لوح عونتال قمعن ريدقتل ني يلي زاربلا و بن جالا ني رجامه لل انتوعدي ه "قني دمه او عونتال قمعن ريدقتل ني يلي زاربلا و بن اجالا ني رجامه لل انتوعدي ه "قني دمه او

قرجها قايس عم لمعت يتلا قلعافال تاهجال تاوصا زربت قيظفللا تالحرلا حتف دنع دجن قريغ أل تاتشل اتاكرح عم يلمعلا قيبطتال روظنم نم يلاحل حتف دنع دجن قريغ أل تاتشل اتاكرح عم يلمعلا قيبطتال روظنم نم يلاحل خالتساو يفحص ، زيدنانرف سولراك هيسوخل ، "يتاي يذلا صخشلا" بالبلا يف قياريدفال قعماجلا يف قفاحصلا سرد - قيعامتجالا تالااصتالا قرود سفنلا ملع رظن قوجو نم تايوولا وحوزنلا المألاو قوشلا نيب . اناراب قيالو سفنلا لاعجي "عوجللاو قرجها لاجم يف نوناقلاو يسفنلا لايلحتلا و تاوصالا لعجي "عوجللاو قرجها الجم يف نوناقلاو يسفنلا لايلحتلا و قرود بالطنم ، مينين غارتيم في النيتسيرك نيلا نيملعملا نيب يقالتت ، لي يدج سريب وينوطنا هيسوخو شيرديرف اليش انايتاتو .سفنلا ملع قداملا يف . اناراب قيالو يف قيلا يوخل قرود بالطنم وتابوب انورب ناف "UFPR" يف قيوغل قسايس عانب : قغللاو قفاضتسالا" لابقتسالا قسايس لزجوم ادرس زيبول سوتن اس ودراكير وي جريس و و وناور لابقتسالا قدي دجل الاايدحتلا على الراشأو يميداكال الجملا يف يوغللا

ذالملا بادآ" جمان ربى العامت الله عارة لل وعدن انن إف ، قور عشل ا تالحرل ا وف باستكا قوغب قن ودمل تاحاسم عولم نم و ، ودسجل ده شمل نم جرخي وذل ، " باستكا قوغب قن ودمل تاحاسم عولم نم و ، ودسجل للختو . روشال تاجوم للخ نم تالحرل او بدأل ا نوب ام ققال على انع شود حلى اللختو . روشال اتاجوم قمج رسمل و قفل تفلت م تاوسن حلى انم نوف لوانت وشل وقول اغترب الموسن المناه و قول المناه و المناع

أشني امب ققل عسمل المناوج المناوج المناوج المناوج المناوج المناوج المناوج المناوج المناوج المناوع وعدن نا ان في مسن المناوع وعدن نا ان في المناوع وعدن نا ان والمناوع وعدن المناوع والمناوع والمناع وا

927 Who - v4, n7 - set 2018

صصخت ةحاسمل ناف ،تالحرل نيب اميف قشقانم : قرج هل البقتسم يف ريكفتلل راكفأ نمضتت يتل و ،لفطل نىاكلا لافطال عم قرش ابم نولمعي نيذل العاربخل الفطال تاجاتنا عم اصوصخو ،نيرجاهملا ى ظنلا نيب ام ققال على الله عند الكفتال ةلوفطلا" قداملا ىلع عيقوتلا متيو، يلمعلاو ناميلس سيليرامأ لبق نم "ةنسنأو ةرجمااو ن ي لفي و وتون ك يلليروب ايسول ان و يسيشتول الييزارغ واريريب انيتسيرك ن يوتوارت زتان يش ان اوج و افليس اد ازور یرمع نوسیم و اری فی لوا ید ی کبول ان اول و و ابيلك ويساب يد ايروتكيف و نامتع ، قيدان ،ارال اهب ماق يه قيحيض وتل موسرلا ،ان يتن اف ،مدآ ،ان يجدلور ، ن او يداك، سكرام ديجم و اشيم ، يلراد ،اردناسيلا ،ليزيج

227

ساتىرف اردناسىلا سىلىف لىىناد كرىكوبالا رففىنج لىىرباغ اىرام ارىرىب ناىفىف

نم ديدعلا و تاعاقي إلى و تامكنلا و ناول ألى نم ديدعلا و قري شك موجو قرج ملل ةرجهال قددعتم روذجب قجوسنم قكبشك ، قعونتم قرجه لا . تاوص أل او تاغل لا الله عنه الله الله عنه الله الله الله ا امك ، "ن يرج اهمل أقوخ ال ا" اعيمج نحن . ردصمل قلوه جم نوكت ام ابل اغو قن يجه يه نكينيترام قريزج نم وه و وزيوماشت كيرتاب بتاكلا نايب يف لاحلا وه دوجولا قيرحب عصمتال و بايالا و بادنا و شيعلا قح يف قوخالا

ايروس يف برحل انم نوئ جالل ا : قكرتشم قكبش يتأت يدرفل ضوم غلا نم يف ةيعيبطلا شراوكلا دعب نييفنهلا .ايقيرفأ يف ةيلهأل بورحلا نم وأ عضوفال قجيتن مهدالبنم اودرطن يذل قين يتالل اكيرمأن من يرجاهمل . يتي اه قرجه ل عف اهن وكراشتى عتل تابارطض ال قعداصتق ال و عساعس لا ةيلاغتربلاة غلل اوراتخيم لو، ليزاربل اوراتخيم ل.عوجل ابلم أل او وتيرس قل ا و ديدجلا دلبلًا اذه يف نكلُ .مهدالب ةرداغم مدعٌ نوَّلضفُي مهنمُ نوريشكلا و اهف يرعت قداع إو مهت أي وه عانب قداع ال ني رطض م من اف ، قدي دجل ا قعل ل ا هذه ي ف

قعماجلاو قرجهلا تاسايس جمانرب عم كارتشالاب ،TOM قلجم نم ددعلا اذه نم اقرالطنا قشقان مل ززعت كلذك و هيف نيديقم نيرجاهمل نوكي ام ن ي سردمل الثم ى رخ أل قل عافل الناهجل الدخت قفاض تسال تاءارج إ عمتجملاو نيثحابلاو ايلعلا تاساردلا بالطو نييعماجلا بالطلاو بجي يتلا يه روصلا و مهصوصن و مهدوجو و مهتاوصاً نأل طيحملا نمض ،رشنلاًو في لأتلا ةيددعت انرتخا مصصقلاً فلوت و يورت نا لوه جمل يف عيضت ال ةي دعتال هذه نكلو ،مهم توص لك ناب انموه ف ددعل ا بفلوم اضياً مه ن الراشمل عيمج و مهايع بتك بفلوم:

ن يذل ، ن ي ي جال ل او ن ي رج اهمل عم دي عس عاقل : ت امهم ي ه قل جمل ماس ق أ ى ويت حمل التال حرله الله مذه تنذخت النه في سي سات مهت الرحر ان النوري و يت ياهل و قيروس بوعش تاراسم قياور اهيل و و الكشل او دودحل ميسرت نأ ممفي نمم ممريغو ليزاربلا ووغنوكلا و اليوزنف لي احتلل قلي سو يه امتاذ قمألا قركف نأو قي فسعت تاعادب يه

و ليحلا تقوّم لكشب ول و اوسني نأ ددعلا اذه نم عارقلا وعدن نحنو نم رثكاً و لب رخ آلاو تاذلا نيب لصف علع دنعي فرط لك اوتكسي نا أرق ن نأ ديرن اننأل ،ةي سحل ةءارقل اقبرجت لدابتل دحاو لك وعدن :كلذ فطاوعلاو تايركذلاو رعاشملاو ،مفلاو نينيعلاو نينذألا مادختساب

علع يوتحت قددعتم دهاشمب انيتأ ، قيتوصلا تالحرلا نمض قرص اعمل المام السمل و نيرج احمل الماعمتجم لشمت تاعاقي إلى و ي قي سومل الماعمل دهشمل لجأ نم تاعربتل نا . يفاقثل سانجأل جيزم نم قئشانلا اهمي دقت مت قيروس و اليوزنفال و يتياه ل لثم لود قدعل يقيس وملا و دېسكوس دېزېل و دېسلىف لېېناد و رېېب ېنوترېب لېق نم الكسول ايسول و يجمكوت دبع و يجمكوت ايريم و اليتوب الكسونين صنلا على عقوي يذلا ازوس روتراً سيلكيريب لبق نم اهعمج حت و قعارق ل ا مزحت يتل ليغشت ل قمئاق «قيور و قيودك يقيس ول »

Título TOM UFPR

Ilustrações Helen Sippel & Mariana Provenzi

Revisão de Texto Rebecca

Oueluz

SUPERVISÃO E PRODUÇÃO

Editorial RONALDO CORRÊA

Editoração Eletrônica VICTOR UCHOA Vanessa Diam<u>ante</u>

Formato 700 × 900 PX

N° Páginas 224

Periodicidade SEMESTRAL

ISSN 2448-136X

Produção de Lançamento Amanda Melo

Mídias Sociais Laura Sferelli Fontoura

Agradecimentos PMUB, PBMIH

O TOM UFPR é uma publicação desenvolvida por estudantes bolsistas sob a orientação de professores do curso de Design da UFPR em colaboração com a equipe da Coordenadoria de Cultura – PROEC

